

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

Sharon Kendrick

Tesouro Escondido





Chamas do passado.

Loukas Sarantos já foi o guarda-costas dos homens mais poderosos do mundo. Agora, esse grego implacável é um deles. Sua mais nova aquisição significa que Loukas, finalmente, conseguirá vingar-se de Jessica Cartwright, a única mulher que ousou abandoná-lo. Como garota-propaganda da joalheria de Loukas, Jessica precisa acatar todas as suas ordens... e ele aproveitará cada segundo para tê-la sob controle. Mas quando a antiga paixão ressurge, Loukas percebe que ela é joia mais preciosa que já vira... e fará de tudo para possuí-la novamente.



Querida leitora,

A modelo Jessica Cartwright não esperava encontrar seu ex, Loukas Sarantos, sentado na cadeira de CEO da joalheria de luxo que a contratou. Ela não o via desde que recusou seu pedido de casamento, oito anos atrás. Mesmo assim, a química entre eles ainda é intensa. Sedento por vingança, Loukas queria seduzi-la para depois abandoná-la, deixando Jessica com o coração partido. Porém, o destino havia reservado outros planos para o casal.

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

– **Suponho que deva haver uma... explicação?**

– Explicação para quê? Seja mais clara.

– Para você estar aí sentado se comportando como...

– Como se fosse o dono do lugar?

Ela engoliu em seco diante da arrogância de Loukas.

– Sim, isso mesmo.

– Porque sou o dono – replicou ele com impaciência. – Comprei a empresa, Jess... Pensei que fosse óbvio.

O choque a dominou de novo. Disse a si mesma para ficar calma. Fora treinada na arte de permanecer focada.

Falou com forçada tranquilidade:

– Não sabia...

– Que eu era tão rico?

– Bem, isso também, é claro. – Manter o sorriso estava sendo um sacrifício. – Ou que se interessava por joias e relógios.

Loukas cruzou os dedos e fitou os olhos de Jessica, que eram da cor da água-marinha. Como sempre, nem um fio do cabelo louro dela estava fora de lugar e ele lembrou que, mesmo depois do ato sexual mais extenuante, sua cabeleira caía como uma cortina brilhante e arrumada. Fitou os lábios cor-de-rosa. Jessica Cartwright. A mulher que nunca conseguira esquecer. Que o desatara e depois o amarrara de novo em nós.

– Há muita coisa que não sabe a meu respeito – disse ele com secura. *E muita coisa que ela iria descobrir.*

Sharon Kendrick

TESOURO ESCONDIDO

Tradução
Angela Monteverde



2016

CAPÍTULO 1

ALGUMA COISA estava diferente. Jessica sentiu no momento em que entrou no edifício. Um clima inconfundível de animação e expectativa. Uma sensação de mudança. Sentiu um nó na garganta que lembrava medo. Porque ninguém gosta de mudanças. Mesmo sendo a única coisa garantida na vida, ninguém gosta verdadeiramente de mudanças... E lá estava ela com todos aqueles que odiavam mudanças, não estava?

Por fora, a sede da cadeia de joalherias de alto nível continuava a mesma. Sofás de plush, velas perfumadas e lustres reluzentes. Pôsteres de joias brilhantes colocadas displicentemente sobre veludo negro. Havia muitos instantâneos de mulheres olhando de maneira sonhadora para anéis de noivado, acompanhadas por seus lindos noivos. Havia até um pôster *dela* inclinada de modo pensativo a uma muralha e fitando a distância com um pesado relógio de platina no pulso. Jessica relanceou um olhar breve para o pôster. Qualquer um que olhasse para a cena ali pensaria que a mulher com a camisa leve e cabelo brilhante preso em um rabo de cavalo tinha uma vida totalmente tranquila e bem resolvida. Jessica sorriu com frieza. Quem dissera que a câmera nunca mentia se enganara muito.

Fitando suas botas de couro claro, que, por milagre, haviam sobrevivido à viagem da Cornualha sem ficarem manchadas, encaminhou-se para a recepção onde a recepcionista usava uma blusa decotada. Jessica piscou diversas vezes. Tinha certeza de que sentia cheiro de lustra-móveis misturado ao aroma de gardênia das velas. Mesmo o enorme arranjo de rosas sobre a mesa de tampo de vidro parecia diferente, uma novidade.

– Olá, Suzy – saudou Jessica, inclinando-se para cheirar uma das rosas e descobrindo que não havia fragrância nenhuma. – Tenho uma reunião às 15h.

Suzy checou a tela do computador e sorriu.

– Isso mesmo. É bom vê-la, Jessica.

– É bom estar aqui – retrucou Jessica, embora não fosse *totalmente* verdade. Sua vida no campo tomava muito tempo e apenas vinha a Londres quando necessário. Hoje parecia ser uma dessas ocasiões... Fora chamada por um enigmático e-mail que provocara mais perguntas que respostas e a deixara um pouco confusa.

Por isso, abandonara seus jeans e suéteres, e ali estava com roupas da cidade e o sorriso sereno que esperavam dela. Mesmo se no íntimo seu coração doesse porque Hannah partira... Bem, em breve, teria que aprender a conviver com isso. Já lidara com coisas piores.

Sacudindo gotas de chuva da capa, murmurou:

– Por acaso sabe o que está acontecendo? Por que fui chamada aqui de improviso? Só devo começar a fazer o novo catálogo no início do verão.

Suzy olhou de um lado para o outro como se já tivesse assistido a muitos filmes de detetive.

– Na verdade, sei. – Pausa para causar impacto. – Temos um novo patrão.

Jessica permaneceu sorrindo.

– Sério? É a primeira vez que ouço isso.

– Ah, não poderia ter ouvido mesmo. Foi uma grande compra de controle acionário... muito na surdina. O novo dono é grego. Muito grego. Um playboy – explicou Suzy em poucas palavras. – E *muito* perigoso.

Jessica sentiu o cabelinho na nuca eriçar como se encostassem dedos de gelo ali. Não deveria se abalar ao ouvir a palavra *grego*, porém se abalou. Não foi tão ruim como antes, porém nunca conseguia escutar uma menção sobre a Grécia sem que o coração acelerasse. Era como um cão com reflexos condicionados que salivava sempre que tocavam um sino. Um cão idiota que esperava ser alimentado, mas que apenas recebia uma tigela vazia. E era muito triste. Fitou Suzy e disse com displicência:

– Verdade? Perigoso tipo fanfarrão?

Suzy balançou a cabeça de cabelo ruivo.

– Tipo muito sensual e que sabe disso. – Uma luz brilhou sobre a escrivaninha e ela apertou o botão com a unha esmaltada. – E você vai descobrir agora mesmo.

Jessica ficou ruminando as palavras de Suzy enquanto subia de elevador até os escritórios da cobertura. O novo patrão não teria efeito sobre ela, por mais que fosse sexy. Conhecera um homem que transpirava sensualidade e se dera mal. Fitou sua imagem no espelho do elevador. Fora apenas um homem e ninguém mais, no entanto, se queimara inteira... Coração e alma... Portanto, agora, ficava longe de homens *perigosos* e de todos os problemas que vinham com eles.

O elevador parou e Jessica logo notou as mudanças naquele andar também. Mais flores, e tudo estranhamente deserto e silencioso. Esperara ver um pequeno grupo de executivos para cumprimentar, mas até a assistente de sempre com seu olhar assustado desaparecera. Olhou em volta. As portas para a sala dos executivos estavam abertas. Eram exatamente três horas. Deveria entrar e se anunciar? Ou esperar ali até que alguém a visse? Ficou parada diante da incerteza quando uma voz com forte sotaque pareceu acariciar sua pele como mel.

– Não fique aí parada, Jess. Entre logo. Estava à sua espera.

De início, ela pensou que sua mente estivesse pregando uma peça. Disse a si mesma que todas as vozes do Mediterrâneo se pareciam e que não podia ser ele. Como reconhecer de imediato uma voz que não ouvia havia anos?

Mas estava errada. *Errada, errada, errada.*

Entrou no escritório seguindo a voz, parando no centro da enorme sala, e, embora seu cérebro estivesse confuso, não havia como negar a identidade do homem por trás da escrivaninha.

Era ele.

Loukas Sarantos... Parecendo um rei. Grande, sombrio, e no comando absoluto. Um sorriso irônico curvava seus lábios. As pernas compridas estavam estendidas sob a escrivaninha e as mãos se encontravam espalmadas no tampo como se enfatizasse que tudo ali lhe pertencia. Chocada, Jessica notou seu terno cinza e caro, ficando ainda mais confusa. Porque Loukas sempre fora um excelente guarda-costas, porém usava roupas que não o destacavam na multidão. O que fazia *ali*, vestido desse modo?

Fora um homem proibido para ela desde o início e era fácil descobrir por quê. Intimidava as pessoas com um simples olhar. Era diferente de todos que ela já conhecera. Ele a fazia desejar coisas nas quais nunca pensara antes... e, quando as dera, Jessica desejara ainda mais. Loukas era encrenca. Era a noite, e ela, o dia. Tinha certeza.

A sala pareceu sair de foco e depois ficou tão clara que feriu seus olhos. Queria ficar fria diante dele, queria que ele fosse apenas uma lembrança antiga de outra vida.

Ele se recostava em uma cadeira de couro negro como seu cabelo que roçava o pescoço. E seu meio-sorriso não tinha nenhum traço de humor... Era gelado e a atingia como um vento de inverno. Jessica pensou que fosse desmaiar, e, em parte, achou que seria uma boa solução. Porque, se caísse no chão, não arranjaría uma desculpa para ir logo embora? Não o forçaria a chamar ajuda, acabando com a privacidade entre os dois? Entretanto, afastou esse pensamento, escondendo as emoções, e olhou em volta fingindo uma curiosidade distraída.

– Onde está a assistente que, em geral, fica aqui?

Ele pareceu levemente irritado e se debruçou para a frente.

– Oito anos – murmurou. – Oito longos anos desde que nos vimos... e tudo que me pergunta é sobre uma funcionária?

A confiança dele e sua aparência a aborreciam; o homem rústico de antigamente desaparecera... assim como o jeans surrado e a jaqueta de couro. Porém, mesmo com seu terno exclusivo, ainda exalava uma sensualidade que nada conseguia disfarçar. Seria por isso que a dor quase esquecida voltava a importuná-la? E por isso também começava a recordar o calor de seus lábios sobre os dela e as mãos impacientes erguendo seu saiote do uniforme de tênis... e...

– O que faz aqui? – perguntou nervosa, temendo que ele percebesse sua agitação.

– Por que não tira o casaco e se senta, Jess? – sugeriu ele com voz aveludada. – Está pálida.

Ela queria responder que ficaria de pé, mas estava tão chocada que *perdera* o equilíbrio. Talvez desmaiar não fosse boa ideia, afinal. Ficaria na horizontal... e Loukas se inclinaria sobre ela. Como se desejasse beijá-la, quando na realidade a fitava no momento como se ela fosse um inseto que rastejara de trás de uma pedra.

Deixou-se cair na cadeira que ele indicara; sua bolsa deslizou para o chão, e ela declarou:

– Que... surpresa.

– Acredito... – Os olhos dele brilharam. – Diga-me... como se sentiu ao entrar aqui e me ver?

Ela ergueu os ombros sem saber o que responder e acabou dizendo:

– Suponho que deva haver uma... explicação?

– Explicação para quê? Seja mais clara.

– Para você estar aí sentado se comportando como...

De novo o meio-sorriso.

– Como se fosse o dono do lugar?

Ela engoliu em seco diante de sua arrogância.

– Sim, isso mesmo.

– Porque sou o dono – replicou ele com impaciência. – Comprei a empresa, Jess... Pensei que fosse óbvio. Agora possuo todas as lojas da Lulu em cidades, aeroportos e navios de cruzeiros por todo o mundo.

O choque a dominou de novo. Disse a si mesma para ficar calma. Fora treinada na arte de permanecer focada.

Falou com forçada tranquilidade:

– Não sabia...

– Que eu era tão rico?

– Bem, isso também, é claro. – Manter o sorriso estava sendo um sacrifício. – Ou que se interessava por joias e relógios.

Loukas cruzou os dedos e fitou os olhos de Jessica, que eram da cor da água-marinha. Como sempre, nem um fio do cabelo louro dela estava fora de lugar e ele lembrou que, mesmo depois do ato sexual mais extenuante, sua cabeleira caía como uma cortina brilhante e arrumada. Fitou os lábios cor-de-rosa. Jessica Cartwright. A mulher que nunca conseguira esquecer. Que o desatara e depois o amarrara de novo em nós.

Respirou fundo e passeou o olhar sobre seu corpo... pois tinha esse direito, como faria com qualquer objeto bonito que tivesse comprado.

Seu estilo continuava clássico e sereno. Um corpo bem definido que revelava a atleta. Jessica jamais gostara de roupas provocantes ou maquiagem pesada... Sua aparência sempre fora natural. E ele se sentira atraído de surpresa sem saber por quê. Observou a blusa branca definir os seios pequenos, e os brincos de pérolas nas orelhas. O rabo de cavalo acentuava seus malarres altos. Como ela parecia distante e *intocável*. Mas era mentira. Porque por trás da imagem de dama de gelo havia uma mulher desfrutável e cínica como qualquer outra. Alguém que pegara o que quisera dele e depois o abandonara... ofegante como um peixe fora da água.

– Há muita coisa que ignora a meu respeito – disse ele com secura. *E muita coisa que ela iria descobrir.*

– Não entendo... – Ela arregalou os olhos cor de água-marinha. – Da última vez que o vi, era um guarda-costas. Trabalhava para um milionário russo. – Jessica franziu a testa tentando lembrar. – Dimitri Makarov. Era esse o nome dele, não?

– *Neh...* Sim. Era esse o nome – concordou Loukas. – E eu era o sujeito destemido com uma arma dentro do paletó, uma montanha de músculos que rachava madeira de um golpe só. – Lembrou-se de como ela deslizava os dedos pelos seus músculos. – Porém, certo dia, resolvi usar o cérebro em vez dos bíceps. Percebi que uma profissão dedicada a proteger os outros seria breve, e que precisava pensar no futuro. Além disso, algumas mulheres consideram os homens musculosos uns *trogloditas*... não, Jess?

Ela enrijeceu, apertando as mãos, e Loukas ficou satisfeito, porque desejava vê-la reagir. Ver sua calma derreter.

– Sabe muito bem que eu nunca disse isso – replicou Jessica.

– É verdade, mas seu pai disse e você apenas ficou parada e muda. Foi cúmplice em seu silêncio.

A princesinha concordando com o papai. Posso lembrá-la de outras coisas que ele disse?

– Não! – Ela levou a mão ao pescoço como se estivesse sufocando.

– Seu pai me chamou de bandido. Que eu a arrastaria para o esgoto de onde viera se você ficasse comigo. Lembra, Jess?

Ela balançou a cabeça, murmurando:

– Por que... estamos sentados aqui falando do passado? – Já não parecia tão calma. – Namorei você quando era adolescente e, sim, meu pai não gostou quando descobriu que éramos...

– Amantes – completou ele com voz macia.

Jessica engoliu em seco.

– Amantes – repetiu como se doesse. – Mas tudo aconteceu há muito tempo e não tem mais importância. Eu... prossegui e espero que você também.

Loukas poderia rir se não sentisse tanta raiva. Ela o humilhara como nenhuma mulher fizera. Pisara em seus sonhos tolos... e achava que não tinha importância? Bem, ia lhe mostrar que quando se traía alguém precisava se pagar.

Pegou uma caneta de ouro e a rolou entre os dedos sem deixar de fitar Jessica.

– Talvez tenha razão – disse. – Não devemos nos concentrar no passado, mas no presente. E, é claro, no futuro. Mais especificamente... o seu futuro.

Viu que ela enrijecia de novo. Teria adivinhado o que viria a seguir? Por certo, percebia que um homem na sua posição atual poderia romper o contrato com ela sem grandes consequências para a empresa.

– O que tem o meu futuro? – perguntou Jessica na defensiva, vendo-o rodar a caneta para o outro lado.

– Você trabalha para a empresa há... quanto tempo, Jess?

– Tenho certeza que você sabe.

– Sim, sei. Seu contrato está aqui na minha frente. Entrou para a Lulu logo depois de encerrar sua carreira de tenista, não?

Jessica teve medo de se entregar. Não queria se fragilizar diante de Loukas. Encerrar a carreira de tenista? Ele falara com tão pouco caso, como se o esporte que amava desde criança não tivesse sido arrancado de sua vida, deixando um buraco, e logo após terem terminado o namoro. Fora um duplo golpe difícil de superar. Entretanto, precisara superar, senão afundaria, e necessitava tomar conta de Hannah. Mas agora estava sem a companhia de Hannah também.

– Isso mesmo – murmurou.

– Então por que não me conta como conseguiu o trabalho, fato que surpreendeu muita gente do setor já que você nunca fora modelo? – Loukas arqueou as sobrancelhas. – Dormiu com o patrão?

– Não seja boçal – retrucou ela sem pensar. – Ele tinha 60 anos.

– Do contrário, você se sentiria tentada? – Ele voltou a se recostar, satisfeito por tê-la tirado do sério. – Sei por experiência própria que mulheres esportistas têm um apetite sexual voraz. Particularmente você, Jessica, era espetacular na cama. E fora da cama. Não conseguia se saciar comigo, certo?

Jessica se forçou a não cair na armadilha, embora fosse verdade. Loukas estava brincando de gato e rato com ela, antes de dominá-la. Mas, no momento, continuaria a fazer seu jogo. Que outra opção teria já que ele detinha o poder? Sair correndo não adiantaria... Não se tratava apenas de sobrevivência, mas de orgulho.

Podia ter conseguido o emprego de modelo na Lulu por pura sorte, mas crescera na nova e inesperada carreira que o destino lhe dera para compensar seus sonhos destruídos. Tinha *orgulho* do que conseguira e não iria jogar tudo fora só porque estava diante do homem que nunca esquecerá.

– Quer uma resposta? Ou pretende ficar aí me insultando?

Ele fez menção de sorrir, mas murmurou:

– Prossiga.

Jessica respirou fundo como quando ia iniciar uma partida de tênis.

– Sabe que rompi um ligamento e que isso acabou com minha carreira?

Ele aquiesceu com um gesto de cabeça frio, e Jessica refletiu se saberia também sobre a morte de seu pai.

– Ouvi que você se retirou na véspera de um importante campeonato – esclareceu ele. – E que esperava vencer apesar da pouca idade.

– Verdade – murmurou Jessica, sem ocultar a emoção. Não importava dizer a si mesma que outras pessoas enfrentavam reveses muito piores... Privar-se de sua carreira ainda machucava. Pensou em todo o suor que enfrentara, e nos amigos e relacionamentos que perdera no caminho.

Lembrou-se do início de seus dias como tenista e em como seu pai insistira até que ela não aguentara mais. Os infindáveis sacrifícios e o sentimento de que jamais seria boa o suficiente. E tudo terminara com o ligamento rompido enquanto corria atrás de uma bola que jamais alcançaria.

Engoliu em seco.

– Os jornais publicaram minha foto deixando a coletiva de imprensa ao sair do hospital.

Tornara-se uma foto emblemática que percorrera todos os tabloides. Seu rosto pálido e contraído. Sua trança loura que fora sua marca registrada, caída sobre o ombro frágil onde as esperanças desportistas do país haviam repousado.

– E?

A pergunta breve a fez retornar ao momento presente e fitar seu rosto moreno. Desejou tocar os traços fortes. Será que Loukas conseguiria apagar com um beijo todo o seu sofrimento? Viu que ele lia seus pensamentos. Fora um erro. Desde criança, ela aprendera a não demonstrar fraqueza para ninguém... Especialmente para Loukas. Porque ele explorava as fraquezas alheias.

– Os diretores da Lulu repararam que eu usava um relógio de plástico na foto – continuou. – Acontece que a empresa estava lançando um novo relógio esportivo direcionado para adolescentes, e pensou que eu tinha a imagem ideal para a campanha publicitária.

– Entretanto, você não é nenhuma grande beleza.

Ela o fitou, determinada a não demonstrar sua mágoa, porém não podia culpá-lo por dizer a verdade, podia?

– Sei disso, mas sou fotogênica. Tenho malares altos e olhos bem separados, o que agrada a câmera... Pelo menos foi o que o fotógrafo me disse. Fico melhor em fotografia que pessoalmente.

Por isso me contrataram. Creio que contaram com a publicidade por causa do final de minha carreira de tenista, e a campanha foi um sucesso. – Fez uma pausa e entristeceu. – Depois, quando meu pai e minha madrasta morreram na avalanche, acho que a empresa ficou com pena de mim... e, é claro, houve mais publicidade, o que era bom para a marca.

– Lamento pelo seu pai e sua madrasta, mas essas coisas acontecem.

– Sem dúvida. – Jessica ficou na defensiva. – Porém Lulu não me manteria na folha de pagamento todos esses anos se eu não ajudasse na venda dos relógios, por isso continuam renovando meu contrato.

– Mas você não é mais uma adolescente e já não representa tão bem esse nicho de mercado – murmurou ele.

Jessica sentiu uma pontada de alarme. Tratou de esquecer que haviam sido amantes e que o relacionamento terminara tão mal. Precisava tratá-lo como qualquer executivo... Homem *ou* mulher. Ser gentil. Ele era seu patrocinador. *Jogue seu charme.*

– Tenho 26 anos, Loukas. Não estou velha. – Esforçou-se para sorrir o tipo de sorriso que uma garota lança para o mecânico quando seu carro enguiça no meio da estrada. – Mesmo nesta época de obsessão pela juventude.

Percebeu que ele desaprovava a técnica de jogar charme. Jessica se perguntou se estava sendo manipuladora, mas não se importou, porque estava lutando pelo seu emprego, e por Hannah também.

– Acho que não me entendeu, Jess.

Então ela compreendeu por que recebera o breve e-mail a convocando para comparecer aos escritórios da empresa. Naturalmente, Loukas estava com seu contrato sobre a escrivaninha. Era agora o dono da empresa e podia fazer o que bem quisesse. Ele ia lhe comunicar que seu contrato não seria renovado. E o que ela faria então? Uma ex-tenista sem qualificações profissionais em outras áreas?

Pensou em Hannah e nas mensalidades da faculdade, na casinha que comprara após pagar todas as dívidas do pai. A casa que se tornara seu único porto seguro. E em todas as dificuldades e sofrimentos pelo caminho, até chegar a romper as barreiras e ter um relacionamento carinhoso com sua meia-irmã.

Uma garra de gelo percorreu sua espinha dorsal e esperou que Loukas não notasse seu tremor... mesmo que tivesse sido treinado para notar tudo nas pessoas. Especialmente as fraquezas.

– E como posso entender se fica aí sentado com esse olhar enigmático desde que entrei?

– Então serei mais objetivo. – Ele apoiou o dedo sobre o documento. – Se deseja a renovação de seu contrato, precisa mudar sua atitude. Pode começar sendo mais gentil com seu patrão.

– Ora! Foi você quem me hostilizou desde que entrei aqui... e ainda não disse nada. – Jessica fez uma pausa e perguntou a seguir. – O que pretende fazer?

Loukas rodou a cadeira giratória e fitou o céu londrino. O cenário ali reforçava o caminho que ele percorrera e até onde chegara. A roda-gigante London Eye junto ao rio. Os arranha-céus. Quem pensaria que o menino que mendigara comida nos fundos dos restaurantes acabaria sentado ali com tanto dinheiro?

Fora sua enorme ambição que o fizera sair da pobreza e do desespero de sua infância. Construíra uma vida baseada na amargura e na traição. E conseguira. Fizera fortuna trabalhando como guarda-costas de oligarcas e bilionários, observando a fortuna deles. Imaginara como seria perder um milhão de dólares no cassino sem lamentar.

Entretanto, descobrira que sentira mais satisfação com as migalhas dos restaurantes na infância. Porque era esse o problema com o dinheiro. A felicidade que devia trazer era um mito. Nada trazia a não ser problemas e expectativas. E fazia as pessoas se ajoelharem aos seus pés com uma falsidade que o enojava.

Mesmo pobre, nunca tivera dificuldade em encontrar mulheres, porém sempre se perguntara se faria diferença quando fosse rico. Lembrou-se com amargura da quantidade de mulheres que se ofereciam a ele desde que ficara bilionário com propostas do tipo: gosta de assistir? Quer sexo a três? A quatro? Fantasiar-se? Bastava pedir, e Loukas experimentara tudo. Tentaria qualquer coisa para acabar com o vazio interior, mas fora em vão.

Tivera casos com garotas “siliconadas” de rostos lindos e vazios. Modelos e princesas caíam aos seus pés. Tantas coisas que lhe ofereciam para atraí-lo, porém ele parecia um garoto solto em uma confeitaria que, após se empanturrar de doces, estava enfasiado.

E concluíra que não poderia avançar sem consertar primeiramente o que estava errado em sua vida. Sua mãe morreria. Encontrara o irmão. Fechou os olhos lembrando-se dessa história e sentiu dor no coração. Agora só restava resolver suas pendências com Jessica Cartwright.

Apertou os lábios. Ela era um fio solto em sua vida que teria muito prazer em atar.

Girou a cadeira de volta. Ela continuava sentada, tentando ocultar a ansiedade, e ele se permitiu um momento de puro prazer sádico. Não seria humano se não sentisse satisfação ao ver como a situação mudara. Como a tenista prodígio que mantivera seu namoro oculto como um segredo culposos... *enquanto ele satisfazia seus desejos sexuais...* esperava agora por uma resposta que decidiria seu futuro.

O que estaria disposta a fazer para manter o contrato? Se ele mandasse que engatinhasse por baixo da escrivaninha, abrisse o zíper de sua calça e lhe desse prazer... ela obedeceria? Sentiu-se excitado com a ideia. Não. Não queria que Jess agisse como uma prostituta.

O que queria... *de verdade...* era que fosse dócil e generosa. Queria vê-la sob seu corpo, de preferência nua. Ouvi-la gemer de prazer enquanto a penetrava. Satisfazer sua fome até que ela se tornasse dependente dele.

E então iria embora como ela fizera.

Viraria a mesa.

Os dois estariam empatados.

Fitou seus olhos cor de água-marinha.

– Vai precisar mudar – declarou.

CAPÍTULO 2

O CORAÇÃO de Jessica disparou quando olhou para Loukas, que parecia simbolizar tudo que era sombrio... e poderoso. Como se mantivesse seu futuro na palma da mão e fosse esmagá-lo.

Ele retirou o paletó e colocou nas costas de sua cadeira. Parecia... intimidador. Porém, quando começou a enrolar as mangas da camisa, lembrou o Loukas de outros tempos. Sexy, suave e muito atraente. De repente, Jessica precisou conter a ansiedade ao perguntar:

– O que quer dizer... Preciso mudar? Exatamente mudar o quê?

O sorriso dele não atingiu os olhos. Ela percebeu que estava se divertindo com a situação.

– Tudo – respondeu ele. – Mas principalmente sua imagem.

Uniu as pontas dos dedos e a fez lembrar de um diretor que chamara uma aluna rebelde ao seu gabinete para passar um sermão.

– Não consigo acreditar como ninguém observou sua campanha publicitária com atenção – prosseguiu ele. – Ou como permitiram que continuasse. – Os olhos negros brilhavam. – Apenas uma variação da mesma coisa... ano após ano. A agência de publicidade que a empresa usava se tornara muito acomodada, por isso a primeira coisa que fiz ao assumir foi dispensá-la.

– Dispensou a agência? – murmurou Jessica com pesar, pois gostava do fotógrafo de lá. Via-o apenas uma vez por ano quando produziam o catálogo da Lulu, mas se sentia *confortável*.

– Os lucros têm diminuído nos últimos dois anos – continuou ele implacavelmente. – O que não é necessariamente ruim... porque consegui comprar a empresa por um valor excelente. No entanto, significa que, de agora em diante, as coisas irão mudar.

Jessica se forçou a permanecer calma. Era como jogar tênis com um opositor forte... Não se recomendava ficar na defensiva e permitir que o outro dominasse o jogo. Ao contrário, era preciso enfrentar.

– É sua maneira de me dizer que está me dispensando?

Ele riu discretamente.

– Ora, Jess... Se quisesse despedi-la, você já teria sabido a essa altura. Para começar, não estaríamos tendo esta conversa porque seria perda de tempo para mim, e meu tempo é muito precioso. Está entendendo?

Sim, ela entendia. Refletiu como ele estava *impenetrável*. Pelo modo de se comportar agora, ninguém diria que já tinham sido amantes. Ela conhecera sua rudeza antes... Essa característica fora essencial para um guarda-costas de um dos russos mais ricos. Mas, ao lado dela, Loukas fora sempre divertido e brincalhão... Talvez como um leão junto ao tratador que o criara. Assim fora até que seu caso terminara e ele agira como se Jessica tivesse morrido.

Seria por isso que agia assim agora... como represália por ela ter recusado sua proposta de casamento, mesmo que, na época, fosse a única coisa que ela *pudesse* fazer?

Não podia permitir que ele a intimidasse, porque Loukas era um grande predador... Descobria a fraqueza do outro e partia para o ataque mortal. Fora para isso que o haviam treinado, então ela juntou as mãos e disse:

– Então por que estamos tendo esta conversa?

– Porque tenho a reputação de salvar empresas decadentes, e é o que pretendo fazer com esta.

– Como?

Ele a fitou de modo calculista, como um açougueiro avaliando o peso de uma peça de carne.

– Já não é uma adolescente, Jess – murmurou. – Assim como também não são as meninas que, nas primeiras campanhas, compraram o relógio. Também não é mais uma estrela do tênis... É o que no mundo dos negócios se chama de ex-celebridade. E não adianta me olhar assim. Estou simplesmente sendo realista. Você foi escolhida por ser quem era... Um talento brilhante que vira seus sonhos destruídos. Era a heroína trágica. A esportista loura que continuava a sorrir no infortúnio. As garotinhas queriam ser você.

– Porém não querem mais? – murmurou ela.

– Acho que não. Você está seguindo em uma estrada que chegou ao fim. O mundo continuou, mas você continuou a mesma. As mesmas fotos suas de rabo de cavalo, brincos de pérolas, calça Capri, e as blusas comportadas. – Ele sorriu com calma. – Fico entediado só em pensar nisso.

Magoava ouvi-lo falar assim. Ver sua vida condensada em uma historinha triste que o deixava “entediado”. Jessica tentou disfarçar.

– E o que pretende fazer a respeito?

– Vou lhe dar a oportunidade de reviver sua carreira... e aumentar as vendas da Lulu.

Jessica desejou ter tirado a capa de chuva, pois começava a suar sob o olhar escaldante dele. Tentou esquecer que aquele era Loukas e imaginou que estava na frente do antigo CEO que costumava lhe pedir dicas sobre tênis para passar para sua filha caçula.

– Como? – repetiu.

O ar relaxado dele parecia zombar da tensão que a dominava.

– Dando-lhe uma nova aparência... que reflita a mulher que é hoje e não a menina que foi. Vamos transformá-la. Novo penteado. Novas roupas. Faremos a mudança na Cinderela e depois a apresentaremos ao público. A namoradina do país agora amadurecida. Imagine a publicidade que irá gerar.

Ela se remexeu na cadeira.

– Fala como se eu fosse uma mercadoria, Loukas.

Ele gargalhou.

– Mas você é isso mesmo. Por que pensaria diferente? Você vende sua imagem para promover um produto... Então é claro que é uma mercadoria. Acontece apenas que é uma mercadoria chegando ao prazo final de validade... A não ser que esteja preparada para se reinventar.

Ela encontrou seus olhos brilhantes, mas duros, e se sentiu muito triste. Porque apesar do fim do romance, uma parte sua ainda o via com...

Com o quê?

Afeto?

Não. Afeto era pouco para aquilo que sentira por Loukas Sarantos. Ela o *amara* apesar de saber que não serviam um para o outro. Amara-o mais do que lhe revelara porque fora educada para esconder seus sentimentos. O modo como haviam se separado a arrasara, e, às vezes, ainda se lembrava dele com dor no coração e desejo no corpo. Que pessoa não ficava de vez em quando deitada na cama imaginando como sua vida teria sido se tivesse tomado outro rumo?

Porém, agora, Loukas a deixava furiosa, frustrada e a ponto de ter um ataque de nervos. Queria esmurrá-lo e, ao mesmo tempo, beijá-lo. E essa era a parte mais vergonhosa... Ainda se sentia fisicamente atraída por ele. Desejava receber um de seus beijos quentes. Sentir-se derreter. Voltar a sentir a dor aguda quando ele a possuía pela primeira vez fazendo-a esquecer do mundo ao redor.

Fitou os olhos zombeteiros dele dizendo a si mesma que seu desejo agora era irrelevante. Pior ainda, era perigoso porque a deixava descontrolada e ansiosa por algo proibido. Nada de bom sairia de uma associação entre eles. Loukas queria mudá-la. Transformá-la em alguém que não era. E sempre a mantendo consciente sobre suas falhas enquanto ele recebia os louros do sucesso.

Era isso que *ela* queria?

– Por que está agindo assim, Loukas?

– Porque eu posso. Qual outro motivo haveria?

E, de repente, ela viu o Loukas do passado. Que podia ficar imóvel como uma rocha. O mal-estar a dominou enquanto se levantava.

– Não vai dar certo. Não me imagino tendo um relacionamento de trabalho com você, Loukas. Sinto muito.

– Deve sentir mesmo. – A voz dele era suave. – Farei meus advogados examinarem muito bem seu contrato. Recuse este trabalho e não terá nenhuma compensação. Sairá daqui de mãos vazias. Já pensou nisso?

Jessica pensou em Hannah, feliz como mochileira na Tailândia. Hannah, que superara todas as expectativas, conseguira ingressar na Universidade de Cambridge. Sua meia-irmã do outro lado do mundo que, abençoadamente, ignorava o que estava acontecendo em casa. O que diria se soubesse que sua segurança para o futuro estava para desaparecer por causa de um homem com coração de pedra?

Jessica se inclinou para pegar a bolsa e prometeu pensar em alguma saída. Havia oportunidades de trabalho em sua terra natal, Cornualha... Talvez não muitas, mas ela procuraria. Poderia cozinhar, limpar ou até trabalhar em uma loja. Seus bordados vendiam bem e o artesanato estava se tornando muito popular. Qualquer coisa seria melhor do que ficar ali sufocando a cada segundo, na mesma sala onde o homem que amara parecia estar se divertindo ao vê-la se encolher de preocupação.

Ela apertou as tiras da bolsa.

– Seria melhor tentar mudar sua própria imagem e não a minha – disse com calma. – Essa sua atitude machista está ultrapassada.

– Acha mesmo? – Ele se recostou na cadeira, estreitando os olhos. – Sempre achei muito eficiente. Especialmente com as mulheres. A maioria se excita com um homem das cavernas. Você certamente foi uma.

Começou a fazer pequenos círculos sobre o contrato com a ponta do dedo. Costumava tocar sua pele assim. Acariciava seu corpo de maneira suave e experiente. Jessica nunca conseguira resistir e imaginava que mulher resistiria a Loukas Sarantos.

De súbito, ele ergueu os olhos e sorriu... Um sorriso cruel e frio... como se soubesse o que se passava na cabeça dela.

– Sim – murmurou –, ainda a desejo, Jess. Não imaginava quanto até revê-la hoje. E saiba que, atualmente, consigo tudo que quero. Portanto, lhe darei tempo para reconsiderar sua decisão, mas alerta que minha paciência não é infinita. E não esperarei por muito tempo.

– Espere sentado – retrucou ela, encarando-o com ar de desafio que durou apenas até sair do escritório e rumar para o elevador.

Loukas não a seguiu. Será que ela pensara que seguiria? Como teria feito anos atrás? *Sim, ela pensara nisso*. E não estaria ainda ansiando por esse comportamento? Claro que sim. Que mulher permanecia imune a tanto poder sob o novo verniz de elegância e luxo que a riqueza lhe dera?

Ao sair do edifício, Jessica percebeu que Suzy tinha razão. Loukas *era* perigoso e o modo como a fazia se sentir era ainda pior. Melhor ir embora agora e deixá-lo no passado, que era seu lugar.

Caminhando entre a multidão, foi pegar o trem para a Cornualha em cima da hora, porém a viagem, em geral agradável, dessa vez foi triste. O anoitecer de janeiro era frio e a chuva fustigava as janelas do vagão, parecendo chorar por ela.

Jessica encostou a cabeça no assento, refletindo se fora louca por recusar um trabalho que representara sua segurança por tanto tempo. Entretanto, seria mais louca ainda caso se deixasse envolver em uma situação controlada por Loukas.

Seu amor por ele podia ter se transformado em uma mistura de raiva e frustração... Porém, não estava imune a sua atração física. Ainda o desejava e isso a deixava frustrada. E seria para surpreender? Porque ela não tivera mais ninguém depois dele. Nenhum amante em oito longos anos. Loukas fora seu primeiro e único homem. Não era ridículo? E fora de moda? Ele a acusara de ser uma gata no cio, mas não conhecia a verdade.

Porque ninguém a fizera sentir o que ele lhe dera. *Tentara* ter outros namorados, porém permanecera fria. Olhou pela janela do trem que se aproximava da estação de Bodmin. Os outros homens a deixavam indiferente, enquanto seu amante grego a fizera alcançar as nuvens.

Uma hora depois, estava em casa, entretanto a visão do lar em frente ao oceano Atlântico, e que em geral a fazia se sentir em um santuário, nessa noite, não a animava. As gotas de chuva a atingiram como setas quando desceu do táxi. O rumor das ondas pela primeira vez não a agradou. Nessa noite, era um rumor triste e pleno de presságios.

E, naturalmente, a casa estava deserta. Sua meia-irmã estava longe. Jessica ouviu o som do silêncio. Sentia falta de Hannah. Quem diria? Sem dúvida não fora uma época feliz quando seu pai

abandonara sua mãe para se casar com a amante de muitos anos já grávida de Hannah.

Jessica fora muito magoada pelo divórcio amargo dos pais e a notícia de que teria uma madrasta e uma irmã a haviam deixado enciumada e infeliz. Houvera muita tensão na “nova” família, mas haviam sobrevivido... mesmo quando a mãe de Jessica morrera em seguida e os habitantes do vilarejo diziam que fora por causa do coração partido.

Jessica tentara se dar bem com a madrasta e melhorar seu relacionamento com o pai perfeccionista. Até o dia terrível quando uma avalanche deixara as duas meninas órfãs e sozinhas.

Depois disso, fora uma questão de afundar ou nadar contra a corrente. *Precisavam* continuar porque não havia alternativa. Na época, Jessica estava com 18 anos e Hannah apenas com 10 quando a polícia batera à porta trazendo a notícia funesta. As autoridades queriam levar Hannah para o juizado de menores, mas Jessica lutara para poder adotá-la. Entretanto, o pior estava para acontecer quando Jessica descobrira que o pai vivera uma mentira... gastando dinheiro por conta dos ganhos futuros que ela teria como tenista e que nunca iriam se materializar. Os advogados haviam lhe dito que o estilo de vida luxuoso da família fora ilusório com base em um dinheiro que não possuíam.

Jessica quase enlouquecera pensando como iria se sustentar com Hannah, porque pouco restara depois da venda da casa. Por isso, o trabalho na Lulu fora uma bênção. Dinheiro para as despesas e, principalmente, a possibilidade para tentar ser a mãe de sua meia-irmã, coisa que não teria com um emprego de tempo integral.

Jessica aprendera a cozinhar e a cultivar legumes. E mesmo que as plantas não se dessem muito bem com o ar marinho e o vento da Cornualha, o simples ato de plantar unira as duas garotas. Jessica fora a todas as reuniões de pais e mestres, e sempre apoiara Hannah. Tentara não enlouquecer quando a caçula fumara em uma festa, e a perdoara após lhe passar um sermão. Permanecera calma quando Hannah tirara notas baixas por causa de um namoradinho. Dissera à Hannah que ter a possibilidade de estudar era maravilhoso e que lamentava não ter podido continuar com os estudos... que sacrificara em nome do tênis. E o amor florescera entre as duas após um início ruim.

Jessica sentira um nó na garganta ao se despedir de Hannah no aeroporto de Heathrow, pouco antes do Natal, quando a caçula resolvera passar um longo tempo viajando antes de começar a faculdade. A enorme e ridícula mochila achatava a silhueta delgada da garota, porém Jessica esperara o avião decolar para então chorar. Não só porque estava acostumada a esconder suas emoções, mas porque era o certo a fazer. Sabia que dizer adeus fazia parte da vida.

E hoje dissera adeus para uma carreira de modelo de meio expediente que não era para durar mesmo. Tinha dinheiro guardado e chegara a hora de tentar outra coisa.

Jessica mordeu o lábio enquanto a chuva continuava lá fora, tentando afastar a imagem do rosto zombeteiro de Loukas. Iria dar um jeito na sua situação.

Precisava.

CAPÍTULO 3

ENTRETANTO, o destino tinha o hábito de atrapalhar os planos das pessoas quando menos se esperava, e três coisas aconteceram em rápida sucessão que fizeram Jessica se arrepender por ter recusado a oferta de trabalho de Loukas Sarantos. Sua máquina de lavar roupa enguiçou, seu carro também, e, a seguir, roubaram a carteira de Hannah quando nadava em uma praia da Tailândia.

Jessica entrara em pânico ao ouvir a adolescente soluçando do outro lado da linha telefônica, porém logo pensou que poderia ter sido muito pior. E quando se acalmou o suficiente, ficou frustrada. Aquilo fora um grito de alerta. A série de despesas inesperadas a obrigou a examinar suas finanças de maneira objetiva. Estaria tão iludida para pensar que poderia sobreviver vendendo algumas peças de *bordados*? Ora! Isso não pagaria nem a conta de luz.

Parou junto à janela, olhando as cristas brancas das ondas que batiam na praia rochosa. *Havia* alternativas, sabia disso. Podia vender a casa e se mudar para um lugar sem vista para o mar, o que valorizava muito essa propriedade. Mas essa casa era seu porto seguro. Sua rocha. Quando precisara vender o lar de sua infância, o chalé se tornara um esconderijo para onde ir quando o caos a ameaçava, e não planejava deixá-lo tão cedo, especialmente nesse momento.

Lera em algum lugar que gente jovem se sentia sem raízes e insegura caso o lar da família fosse vendido quando estava fora. Como poderia fazer isso com Hannah que já perdera tanto em sua curta vida?

Pensou no que Loukas lhe dissera, palavras que soavam como ameaça e promessa simultaneamente.

Não esperarei por muito tempo.

Pegou o telefone e ligou antes que pudesse mudar de ideia, pedindo para falar com ele. Possivelmente, Loukas já não estava interessado em seu contrato, refletiu. Ela devia ter ofendido seu orgulho masculino.

– Jess – atendeu a voz profunda. – Gostaria de dizer que é uma surpresa, mas não é. Estava esperando sua chamada embora não tenha vindo tão depressa quanto imaginei. – Loukas fez uma pausa para depois perguntar. – O que deseja?

Jessica fechou os olhos, estremecendo com a voz sensual do grego. Ele sabia muito bem o que ela desejava... Será que a faria se rastejar para conseguir? Abriu os olhos e viu outra onda bater nas rochas. Quem sabe *precisava* engolir seu orgulho... Porém, isso não significava se prostrar diante dele e lambe seus pés.

– Pensei no que disse e refleti... – Respirou fundo. – É uma boa oferta que não devo recusar. Então decidi aceitar... caso continue de pé.

Do outro lado da linha, Loukas fechou e abriu a mão com raiva porque a resposta fria o frustrara mais do que a recusa de antes. Gostava de ver Jessica lutar com fúria, porque seu fogo era algo que podia apagar facilmente. Derreter gelo era outra coisa, que levava muito mais tempo, e não tinha tempo nem vontade de fazer com que a sedução de Jessica Cartwright fosse um projeto de longo prazo. Ela era apenas mais um item de sua lista a ser riscado. Era um caso mal resolvido que precisava arquivar como “terminado”. Desejava o corpo dela. Satisfazer-se até se fartar. E então daria as costas e a esqueceria.

– Loukas – disse ela, fazendo-o lembrar de todas as coisas eróticas que sussurrava no passado. Ela aprendera muito depressa, e tal pensamento o deixou excitado. Sua virgem inocente logo se tornara na amante mais sensual que já tivera. – Loukas, está aí?

– Sim, e precisamos conversar, Jess.

– É o que estamos fazendo.

– Não assim. Cara a cara – insistiu ele.

– Mas pensei...

Ela se interrompeu e essa incerteza o *alegrou*. De repente, desejou vê-la submissa. Queria estar no controle como ela estivera antes.

– O que pensou, Jess? – perguntou com suavidade. – Que não teria que me encontrar de novo?

Ela limpou a garganta.

– Bem, sim. Sempre lidei diretamente com a agência de publicidade e o estilista... E o fotógrafo, é claro. É o costume.

– Está enganada. *Não* é esse o costume porque agora eu comando. Gosto de contato pessoal... e se o ex-diretor executivo tivesse juízo teria feito o mesmo. Você precisa conhecer nossa nova agência de publicidade, e, para tanto, precisa vir a Londres. Alguém da Lulu fará a reserva de hotel.

– Certo. – Ela limpou a garganta de novo. – Para quando?

– O mais depressa possível. Um carro irá buscá-la esta tarde.

– Tão cedo? – Ela ficou surpresa. – Espera que esteja pronta em poucas horas?

– E está me dizendo que não pode? Que tem outros compromissos?

– Quem sabe tenho um encontro – murmurou ela sem saber por quê.

Fez-se uma pausa e depois Loukas disse:

– Então cancele, *koukla mou*... Minha boneca.

Jessica enregelou diante dessas palavras, porque, mesmo tendo se passado muito tempo, o termo grego lhe era muito familiar. *Minha boneca*. Era esse o significado. Jessica mordeu o lábio. Loukas costumava dizer isso para ela, porém nunca com tanto desprezo como agora. No passado, ela tremia de prazer quando Loukas sussurrava em seu ouvido, porém, no momento, as duas palavras soavam com um significado diferente. Pareciam um mau presságio.

– E se eu não cancelar? – desafiou ela.

– Que tal um pequeno conselho, hein? Não vamos começar esse relacionamento com o pé esquerdo – retrucou ele. – Sua recusa inicial me irritou, mas esse seu joguinho agora está irritando ainda mais. Não cometa o erro de me subestimar, Jess... E não me provoque muito.

– Isso... – Ela respirou fundo – É para me intimidar?

– É para deixá-la ciente da situação.

De repente, o tom de voz dele se tornou suave e irresistível.

– Tem mesmo um encontro hoje à noite, Jess?

Ela queria dizer que tinha... Um homem maravilhoso iria encontrá-la com um enorme buquê de flores e um sorriso largo. E que depois de um jantar com ostras e champanhe a traria de volta e fariam amor loucamente.

Entretanto, só em pensar em outro homem que a tocasse além de Loukas a deixava fria. Que tristeza!

– Não – respondeu brevemente. – Não tenho.

– *Thavmassios*... Esplêndido. Então a verei mais tarde. Ah, e traga seu passaporte.

– Para quê? – Jessica quis saber já preocupada.

– O que acha? A nova equipe quer usar uma locação exótica para a filmagem – respondeu ele com impaciência. – Apenas *obedeça*, certo, Jess? Não pretendo passar tudo para sua aprovação... Não é assim que funciona. E certamente não é *meu* método de trabalho.

Ele desligou, deixando-a frustrada. Mas não havia nada a fazer. Ela precisava mudar sua imagem já que era preciso. Aceitaria a transformação e daria seu melhor sorriso para a câmera a fim de manter esse trabalho. Mas só faria isso. Sabia o que mais Loukas pretendia e isso certamente não estava no contrato.

Não precisava dormir com ele.

Jessica fechou todas as janelas, desligou o aquecimento central, esvaziou a geladeira, e, duas horas mais tarde, uma limusine negra chegou, percorrendo devagar o caminho que levava à sua casa.

Jessica se sentiu zozza ao entregar a bagagem para o motorista uniformizado e entrar no veículo luxuoso. Durante a viagem, tentou ler, mas não conseguiu se concentrar. Sua mente insistia em levá-la a lugares... do passado. Fitou pela janela o interior da Cornualha, que aos poucos dava lugar a Devon, e pensou em Loukas e no modo como costumava chegar junto a sua casa e vê-la praticar tênis na quadra, muito antes de se relacionarem.

O passeio público ficava ao lado de sua quadra de tênis quando morara na mansão, e ela erguia os olhos com o coração batendo forte para encontrar a figura morena e sombria ali parada. Seu pai ficava furioso com a intrusão, mas era um local público e não podia mandar que o guarda-costas se afastasse. Nem ousaria fazer isso. Loukas Sarantos não era do tipo que se deixava convencer com facilidade. A própria Jessica o temia. Era tão sombrio e o modo como olhava para suas pernas... Sempre errava com a bola quando ele a observava.

– Ele vai destruir sua carreira! – gritara o pai, e Jessica prometera não vê-lo... mesmo que, naquela época Loukas, nem mesmo a tivesse convidado para sair.

Então ela o encontrara por acaso no vilarejo quando o pai levava a mulher e Hannah para Londres, e Jessica tivera um raro dia para ficar sozinha. Não praticara tênis nesse dia e resolvera tirar uma folga. Fora até uma loja para comprar chocolate. Começava a desembulhar a barra envolta em papel vermelho quando uma voz profunda dissera:

– Acha que deve comer tantas calorias?

Ela erguera o rosto para um par de olhos zombeteiros e algo acontecera. Pura mágica. Não se lembrava do que haviam conversado, apenas que ele flertara com ela e vice-versa com muita naturalidade... E como era possível não flertar com Loukas? Era diferente e enigmático. Nada importara a não ser a necessidade de estar ao seu lado.

Ela se oferecera para lhe mostrar a famosa cratera nas colinas ali perto que parecia a marca de um canhão gigante. Lembrava-se de seu rabo de cavalo dançando ao vento. Loukas dissera que a cratera lembrava a mina de diamantes de seu patrão russo, porém ela não prestara muita atenção. Só queria que Loukas a beijasse, e ele entendera, porque parara no meio de uma frase e dissera:

– Ah, então é isso que quer, pequena Srta. Tenista?

E a tomara nos braços, ela se sentira perdida.

O beijo selara um compromisso tácito. Jessica desejara fazer sexo nesse instante, mas se contivera. O instinto lhe dissera que ele era um homem acostumado a ter as mulheres aos seus pés, então ela fora devagar.

Levara duas semanas para entregar sua virgindade a Loukas, e tudo fora como imaginara. Descobrira um novo uso para seu corpo, que, até esse momento, só se exercitara para o tênis. Descobrira um enorme prazer, que fizera o mundo em volta desaparecer. Loukas fizera seu coração cantar de alegria. Jessica se sentira presa ao sexo e a ele.

Tinham momentos roubados, e isso tornava tudo mais excitante. Loukas lhe dissera que seu patrão não aprovaria esse relacionamento, e Jessica soubera que seu pai ficaria louco se descobrisse. Porém, isso não a impedira de se apaixonar por Loukas, embora não demonstrasse. Até a noite em que revelara para ele. Lembrava ainda de seu sorriso lento...

E então seu pai descobrira suas pílulas anticoncepcionais. Jessica nunca parava de se encolher ao recordar a cena humilhante. Deveria ter-lhe dito que não era da sua conta, porém mal completara 18 anos e passara a vida obedecendo e calando diante da ambição do pai. Então seu pai confrontara Loukas dizendo que ele *se aproveitara* de sua filha e ameaçara contar para o patrão dele. O que Loukas fizera? Com voz brusca, pedira-a em casamento.

E a resposta dela? Jessica dissera não, porque o que mais poderia dizer? Sabia que Loukas só a pedira porque pensava que era a coisa certa a fazer, e ela não podia prendê-lo na armadilha de um compromisso indesejado. Conseguia ver os dois juntos dentro de dez anos? Não. E, para ser honesta, sua carreira era muito importante para arriscá-la em uma relação puramente impulsiva. Trabalhava para ser uma campeã desde os 4 anos. Estaria preparada para jogar tudo para o alto apenas porque Loukas propusera casamento movido pelo senso do dever?

Entretanto, o coração de Jessica se partira com o fim do relacionamento, mesmo sabendo que fora a coisa certa a fazer. Lembrava-se do modo como ele a fitara e depois rira. Uma gargalhada baixa e amarga... Como se ela tivesse acabado de confirmar algo que ele já sabia.

Jessica recordava como ele lhe dera as costas e fora embora, e ela sentira muita dor. Fora a última vez que o vira, até entrar em seu escritório na Lulu... e se deparar não mais com um guarda-costas, e sim com um empresário internacional. Jessica balançou a cabeça sem poder acreditar. Como ele conseguira isso?

A limusine começou a avançar devagar, e percebeu que estavam no centro de Londres e que paravam em frente ao Vinoly Hotel, onde ela nunca estivera antes. Em geral, a empresa a hospedava no Granchester, um hotel muito maior, e imaginou por que Loukas havia optado pelo Vinoly.

O motorista abriu a porta.

– O sr. Sarantos informa que uma suíte foi reservada para a senhorita e que pode pedir o que desejar.

Jessica aquiesceu com um gesto de cabeça e entrou no saguão onde se sobressaía um sofá de veludo vermelho com formato de uma gigantesca boca; uma cadeira estava suspensa no teto por uma corrente dourada, e jovens de jeans e jaquetas caras se espalhavam por ali, tomando café e digitando com fúria em seus laptops.

A recepcionista sorriu entregando-lhe o cartão magnético da suíte e um envelope.

– Isto foi deixado para a senhorita – disse. –Tenha uma estada agradável, srta. Cartwright. O valet a levará para sua suíte.

Jessica sabia quem enviara o envelope. Seu coração acelerou ao reconhecer a caligrafia de Loukas... ousada e floreada, diferente de todas que já vira. Sabia que ele não tivera uma educação tradicional. Aprendera sozinho a ler e escrever e, aos 17 anos, não tinha nenhuma qualificação a não ser a carteira de motorista. Praticamente era só isso que ela sabia a seu respeito, pois Loukas mantinha silêncio sobre sua infância. Um olhar sombrio costumava surgir sempre que ela fazia alguma pergunta, então Jessica desistira... porque era melhor imaginar coisas bonitas.

Esperou chegar à suíte para abrir o envelope, e ficou tão interessada nisso que mal notou a decoração fria do ambiente. A mensagem de Loukas era também fria:

Espero que tenha feito uma boa viagem. Encontre-me no restaurante do térreo às 20h. Verá um vestido preto no armário. Use.

Jessica sentiu a boca seca. Era um pedido explícito que mais sugeria um encontro sexual. Teria sido essa sua intenção? Pretendia deixá-la arrepiada ao ler? Dirigindo-se até o armário de várias portas, abriu a primeira e se deparou com um vestido pendurado... percebendo logo que tinha a assinatura de um renomado estilista. Era falsamente simples... Uma obra de arte em seda pesada com corte perfeito. Adoraria vesti-lo. Porque era um vestido sexy. De adulta. O tipo de roupa que se devia vestir para mais tarde se deixar despir por um homem.

Jessica deu as costas para a tentação e fitou com ar de desafio suas próprias roupas. Estava aborrecida com o tom de comando no bilhete e com o que ficara subentendido. Loukas não tinha direito de determinar o que ela vestiria. O trabalho nem ao menos começara e ele já agia como se

fosse seu dono. Ter sido chamada ali com pouco tempo para se preparar era uma coisa, mas não permitiria que Loukas decidisse sobre seu guarda-roupa particular.

Às 20h já tomara banho e se preparara, rumando para o restaurante. Anunciou sua chegada ao maître e tremeu ao atravessar o salão iluminado à luz de velas, até onde Loukas já a aguardava.

Dessa vez, estava preparada para o impacto, mas, mesmo assim, foi difícil. Iluminado pela luz suave, ele ocupava a melhor mesa e parecia muito à vontade... como se fosse o dono do lugar. Jessica notou seu olhar sombrio de sempre enquanto se aproximava, porém, um nervo que tremia na têmpora indicava que estava zangado, não excitado.

De repente, Jessica se arrependeu de ter colocado um vestido cor de creme abaixo dos joelhos. Sabia que devia estar um pouco apagada em meio às mulheres reluzentes que ali se encontravam, porém, sem dúvida, era mais importante manter sua independência do que se misturar àquelas pessoas sofisticadas. E estava enviando uma mensagem subliminar para seu ex-amante, dizendo que continuava dona de sua própria vontade por mais que precisasse do trabalho.

Ele nada disse até que ela se sentou e recebeu o cardápio, mas Loukas acenou com impaciência para o garçom se afastar, e quando falou foi com voz aveludada:

– Pensei ter dito para usar o vestido preto?

Ela o encarou sem se perturbar; era o mesmo olhar que usava nas quadras de tênis.

– Nenhuma mulher gosta que lhe digam que vestido usar, Loukas.

– Não concordo. – A voz perigosamente macia continuava. – Por que se negar a usar uma roupa cara que a deixaria deslumbrante?

Porque não quero nem preciso de suas roupas caras.

– Compreendo. – Ele passou o dedo pelos lábios em um gesto de reflexão. – E certamente escolheu essa roupa sem graça para garantir que eu não me sentisse atraído por você?

Jessica ficou vermelha. Não se vestira para impressioná-lo, sabia que estava simples e elegante, mas magoava ouvi-lo dizer algo tão cruel. Seria por isso que resolveu se defender... e fazer papel de tola?

– Não costumava criticar minhas roupas – comentou sem pensar.

– Porque era jovem e pouco ligava para o que você vestia. Aliás, estava mais interessado em vê-la nua. – Pausa para um sorriso. – Algo que nunca foi problema após sua relutância inicial.

– Bem, pelo menos essa parte já não deve preocupá-lo.

– *Essa parte?* – repetiu ele em tom irônico. – Não seja tímida, Jess. Se estiver se referindo a sexo, por que não dizer abertamente?

– O.K. – Jessica acenou com o cardápio para ele, contente por saber que a luz das velas disfarçava o rubor de suas faces. – E sexo não faz parte do menu.

Ele se recostou na cadeira e sorriu.

– Seu desafio me excita, principalmente porque não esperava por isso. Pensei que ficaria feliz por usar um vestido que a maioria das mulheres iria adorar.

– Talvez eu não seja como a maioria.

– Talvez não. – Ele estreitou os olhos. – Também estava imaginando se você seria *condescendente* e fico contente por ver que não foi.

– Verdade? – Ela arqueou as sobrancelhas. – E por quê?

– Porque quando um homem se vê diante de uma mulher desobediente vai desejar *domá-la*. Vencer seu temperamento rebelde. E isso me deixa saborear a antecipação.

As palavras dele tinham um erotismo inegável. Como se Jessica o tivesse subestimado. Como se o contrato assinado contivesse mais do que apenas uma transformação de sua imagem e uma renovada campanha publicitária. Parecia que Loukas estava fazendo um jogo, mas ela ignorava as regras. Porque, apesar de esse homem parecer com Loukas, uma nova versão mais sofisticada, ela percebia que, na realidade, não passava de um estranho.

Ele sempre fora um estranho, Jessica percebeu com o coração pesado. Não mantivera sempre uma parte de si em segredo?

Porém, ela não deixou seu rosto trair seus pensamentos, sorrindo como se estivessem discutindo o mau tempo em janeiro.

– Acha aceitável convidar uma moça para jantar e falar em domá-la?

Dessa vez, o sorriso foi perigoso.

– E isso não a excita... Um homem autoritário controlando uma mulher teimosa? Confesso que sempre foi uma de minhas fantasias, minha pequena Rainha do Gelo.

Rainha do Gelo. Jessica também não reagiu a esse comentário. Havia muito tempo não ouvia esse termo, que a atormentara da escola até a fase adulta. Ela detestava, embora o pai aprovasse. Dizia que significava que ela conquistara o que se propusera a conquistar... Era imperturbável e fria. Ou, melhor dizendo, algo que *ele* se propusera. Tudo que Jessica sabia era que ser fria e imperturbável não trazia popularidade entre as demais pessoas, mesmo que a capacidade de esconder as emoções a tornasse uma oponente de respeito. Não demonstrar raiva ou tristeza trazia vantagens quando se jogava tênis... mas não na vida real. Fazia com que pensassem que ela não tinha sentimentos de verdade. Fazia com que a chamassem de Rainha do Gelo. E homens como Loukas Sarantos se interessavam apenas porque a consideravam um grande desafio.

– Não estou interessada em suas fantasias sexuais – murmurou ela.

– Sério?

– Não. Só queria saber como ficou tão rico – confessou, afastando os maus pensamentos.

– Não agora – respondeu ele com resignação, como se já esperasse a pergunta havia muito tempo. – Aí vem o garçom. Já sabe o que quer comer? Quer que peça por você?

Jessica enrijeceu. Ele estava fazendo de novo, como fizera com o vestido. Aquela *coisa* de comando que chegava às raias da dominação. Ela podia muito bem escolher sozinha seu prato e precisava dizer isso, porém, diante do enorme cardápio e do olhar que a *constrangia*, Jessica se calou.

Ouviu-o discutir os vinhos com o *sommelier* com um conhecimento que não podia ter adquirido do dia para a noite. Era estranho vê-lo assim em público... comandando e não sendo comandado, e era estranho também vê-lo usando um terno tão caro.

Jessica continuava confusa quando dois copos com vinho branco surgiram. O que sabia era que não podia deixar que ele a dominasse. Precisava se concentrar como fizera nas quadras.

– Então vai me contar? – insistiu sem saber por quê. Do outro lado do salão, um pianista começou a tocar jazz, e a música a envolveu. – O que aconteceu para transformá-lo no homem que é hoje, Loukas?

CAPÍTULO 4

LOUKAS FITOU os olhos azuis de Jessica, frios como qualquer piscina onde ele já mergulhara, e refletiu como responder sua pergunta. Por instinto, diria que seu passado e a trajetória de sua carreira não eram da sua conta. Será que seu súbito interesse fora motivado pela sua óbvia riqueza como acontecia com a maioria das mulheres?

Entretanto, em parte, ela fora responsável pela dramática virada em sua sorte, mas não do modo como qualquer um dos dois pudesse ter previsto. A recusa dela em se casar fora como um coice de mula em seu orgulho e sentimentos, deixando-o vazio e irado. E espantado. Afinal, não prometera a si mesmo que nunca mais daria a oportunidade para uma mulher magoá-lo?

– Parei de trabalhar para Dimitri Makarov – respondeu.

Ela franziu a testa.

– Quer dizer que se cansou de ser guarda-costas?

Loukas sorriu friamente. Sim, cansara de viver a vida de outro. De ficar à margem. De se adaptar sempre às regras e horários dos outros. E esperar... sempre esperar.

– Era hora de mudar – disse, admirando o modo como o cabelo dela brilhava à luz das velas. – Não queria continuar daquele jeito indefinidamente, e, na época, a vida pessoal de Dimitri estava tão descontrolada que nós dois vivíamos como vampiros. Ele nunca ia dormir antes do amanhecer e, conseqüentemente, eu também não. Passávamos a vida em cassinos e depois pegávamos um avião para outro país e outro cassino, dormindo onde e quando podíamos.

Seu patrão russo era desregrado... e ele também. Cada qual com seus demônios particulares e buscando refúgio no fundo de um copo com uísque. Após o rompimento com Jessica, Loukas tivera uma mulher atrás da outra, desprezando todas por mais que dissessem que o amavam. Já não ficara provado para ele que era impossível acreditar nas juras de amor femininas?

E então, certa manhã, acordara e olhara no espelho; mal reconheceu o rosto emaciado que o fitava, e soube que algo precisava mudar. Ou, melhor dizendo, *ele* precisava mudar.

– Era hora de algo novo – finalizou brevemente. – Um novo rumo na minha vida.

Jessica tomou um gole de vinho, tão frio e pálido como ela.

– Então o que fez? – perguntou ela. – Foi estudar?

Em resposta, Loukas riu com amargura, mas esperou que os pratos pedidos fossem colocados sobre a mesa... Peixe e legumes ao molho de laranja. Pensou distraidamente como era difícil conseguir algo simples para comer nos últimos tempos.

– Não, Jess... Não fui *estudar* – retrucou com sarcasmo. – As oportunidades que advêm dos estudos não são para mim. Comecei a trabalhar como segurança em uma boate de Nova York.

Ela estreitou os olhos. Parecia desapontada. Seria essa ainda uma profissão muito *tosca* para alguém tão delicada aceitar?

– E que tal? – perguntou Jessica com polidez, como se estivesse batendo papo em um coquetel.

– A fantasia de todo homem – disse ele com calma, vendo a surpresa surgir nos olhos dela. E, de repente, percebeu que estava se divertindo e que desejava feri-la mais um pouco, como ela o ferira.

– Senti-me poderoso – continuou com voz macia. – É bom poder barrar a entrada de pessoas ricas que perguntam se você sabe quem elas são. E as mulheres adoram seguranças. *Muito* – enfatizou. – É uma das vantagens desse trabalho.

Ela brincava com um pedaço de abóbora no prato, e Loukas notou o tremor em sua mão. Estranho, pensou, porque ela sempre fora uma pessoa de mãos muito firmes. Mãos que sabiam arremessar uma bola a distância e à grande altura. Por fim, ela fez a pergunta inevitável:

– E suponho que houve... *muitas* mulheres?

Ele deu de ombros, porque, se uma garota fazia uma pergunta tão cretina, merecia ouvir a resposta. Lembrou-se dos bilhetinhos que colocavam na sua mão ou nos bolsos de seu paletó. Recordou quando acordava pela manhã em enormes quartos no Upper East Side ao lado de alguma rica herdeira insaciável que o esgotara com sexo selvagem. E do fio-dental que encontrara amassado no bolso e que tirara junto com o passaporte no aeroporto. O funcionário piscara um olho compreensivo para ele, e Loukas sorria.

– Chega dessa conversa – arrematou sem maiores explicações.

– Mas seguranças em geral não se tornam grandes empresários – insistiu ela, embora parecendo estar constrangida. – Não chegam a ser donos de empresas grandes como a Lulu.

– Não, tem razão. – Ele brincou com o copo refletindo que, quando era segurança, o dinheiro pago por aquela garrafa de vinho daria para viver um mês.

– Então como... – ela fez um gesto displicente com a mão como se o restaurante também pertencesse a ele – conseguiu tanto?

Ele tomou um gole de vinho e disse:

– Ouvi rumores de que os novos associados de Dimitri não eram confiáveis. E um dia sua secretária me contatou implorando para que o ajudasse. Eu já me demitira havia meses e não queria me envolver, mas ela estava desesperada, chorando e dizendo que ele estava em perigo. Então fui a Paris, mas Dimitri se tornara tão poderoso que se julgava invencível. Não acreditou em nada que eu descobrira sobre as tais pessoas. – Loukas apertou os lábios. – Dimitri só ouvia o que queria ouvir. Então desisti e pensei em pegar um avião naquela mesma noite.

– Mas algo... o impediu? – Ela arregalou os olhos como se visse alguma coisa que não deveria ver em seu rosto.

– Sim – concordou ele sombriamente. – Vazara a notícia de que o novo guarda-costas de Dimitri estava ligado a uma gangue prestes a roubar muito dele, e minha presença na cidade foi

considerada um golpe de sorte porque eu sabia mais sobre meu ex-patrão russo e seus negócios que qualquer outro, e isso selou meu destino. – Fitou Jessica com severidade e revelou. – Sofri um sequestro a caminho do aeroporto Charles de Gaulle.

– *Sequestro?* – Jessica não parecia acreditar. – O que... aconteceu?

Por um momento, só ouviram o pianista ao fundo e os aplausos em seguida.

Loukas fez um gesto displicente com a mão.

– Levei uma surra e fui ameaçado. Disseram que morreria se não contasse o que desejavam saber.

– Queriam *matá-lo*? – Jessica estava muito pálida.

– É a maneira de o submundo agir – replicou ele com ironia.

– E você... contou?

– Acha que sou louco ou desleal? Esperava morrer de qualquer jeito, então não contei nada.

Jessica parecia estar diante de um estranho.

– Pensou que ia *morrer*?

Loukas refletiu como ela sempre fora protegida, mas nem todos tinham experimentado uma vida dura como ele.

– Sim. Parece coisa de cinema, não, Jess? – zombou ele.

Ela balançou a cabeça como se a zombaria dele a ofendesse.

– E o que o salvou?

Essa noite o vinho estava bom como estivera quando ele fora libertado. Lembrava-se de ter caído de joelhos sobre o concreto do estacionamento subterrâneo com sangue escorrendo do nariz.

– Dimitri mudara de ideia e começara a pensar que eu poderia ter razão. Seguindo um palpite, mandou que me seguissem ao aeroporto. Fui resgatado por um triz, e quando me levaram a casa dele e Dimitri viu o meu estado, deve ter percebido que não podia continuar com aquela vida... Algo que sua secretária dizia há muito tempo. Então me deu diamantes em agradecimento pelo que eu fizera.

– Diamantes?

– Dimitri é dono de uma das maiores minas da Rússia. Deu-me joias de valor inestimável e me disse para aprender a amá-las. – Viu a expressão de desagrado de Jessica como se ele tivesse blasfemado. Talvez sim. Mas era mais fácil amar um objeto do que uma pessoa. Recordou as palavras de Dimitri quando passara os dedos pelas pedras reluzentes. *Aprenda a amar estas pedras frias, porque é mais fácil do que amar uma mulher.*

– E você obedeceu? Aprendeu a amar os diamantes?

Loukas sorriu.

– Aprendi. E desenvolvi um real interesse neles. Sempre gostei de sua beleza e perfeição. E me admirava por algo tão valioso caber no bolso. E estão sempre cada vez mais valorizados e poderosos. As mulheres fazem qualquer coisa por diamantes – disse de propósito.

– Verdade? – replicou Jessica com displicência.

– Fiz fortuna da noite para o dia. Algumas pedras que Dimitri me dera eu vendi, e outras eu guardei – continuou Loukas. – E esse será meu novo lançamento. Nada mais de relógios de pulso para você, minha boneca de olhos azuis. Usará diamantes, Jess.

Ela pôs a mão no peito como se estivesse sem fôlego.

– Então... a compra da Lulu foi apenas uma coincidência? – perguntou com cautela.

– Em que sentido?

Ela falou devagar como se tivesse medo:

– Não comprou a Lulu só porque eu trabalhava lá, comprou?

Ele riu.

– O que você acha?

– Não sei...

Porém, Loukas estava escondendo a verdade. Será que a compra da Lulu seria *tão* interessante se Jessica não estivesse envolvida? Claro que não. Inúmeras oportunidades ainda melhores de negócios surgiam para ele e jamais envolviam suas emoções. Mas a Lulu era diferente por causa de Jessica. De repente, sentiu-se excitado; o envolvimento com ela garantiria mais satisfação do que meros lucros financeiros.

– Ouvi dizer que a Lulu estava com problemas porque o gerenciamento era ineficiente e percebi que poderia reverter a situação – explicou ele. – Pegue uma marca famosa em decadência, faça-a ressurgir, e não falhará. E sabe como dizem por aí... Compre na baixa e venda na alta.

Jessica continuava de olhos arregalados porque ainda não conseguia vê-lo como um empresário e negociador, e isso deixou Loukas um pouco irritado.

Porque, no fundo, ela ainda o vê como um João-ninguém. Uma muralha de músculos sem vida própria ou um cérebro incapaz de ser usado.

– Mas é claro que sua ligação com a Lulu tornou as perspectivas irresistíveis – acrescentou com suavidade. – Porque eu desejava revê-la.

Saber se seu desejo por ela diminuía. E se a visão de seu rosto lindo e frio o deixaria frio também. Fitou o prato que ela mal tocara e o modo como as velas iluminavam seus seios, o que o fez sentir uma onda de desejo poderosa que o teria feito perder o equilíbrio caso estivesse de pé. Surpresa das surpresas... O desejo por ela continuava intacto. Aliás, aumentara, como se os anos só tivessem aguçado sua fome sensual. E, no momento, essa fome o consumia como fogo. Queria se debruçar sobre a mesa e esmagar os lábios dela contra os seus, deslizar a mão por baixo do vestidinho despretensioso, acariciar a pele macia, fazendo-a alcançar o clímax.

Apertou os lábios.

Então, o que faria a respeito?

– Não está comendo, Jess – comentou com voz rouca. Imaginava se ela fazia ideia de como seu órgão estava rijo, escondido sob a toalha branca da mesa.

– Você também não. – Ela afastou o prato e acenou como se tivesse chegado a uma decisão. – Não me surpreendo. Este jantar não foi uma boa ideia. Só porque vamos trabalhar juntos não significa que devemos confraternizar com jantares. Vou voltar para a minha suíte. Pedirei alguma coisa mais tarde pelo Serviço de Quarto.

– Vou pagar a conta e subo com você.

– Não precisa. – Ela sorriu de modo forçado. – Aliás, prefiro que não me acompanhe.

– Insisto.

A determinação dele a silenciou. Imaginou como os outros ali os viam. Será que o garçom percebera a tensão? Duas pessoas mal tocando na comida ou no vinho espetacular, sentadas uma em frente da outra, os corpos rijos, se encarando como se estivessem em uma batalha, quando na realidade tentavam controlar e esconder o desejo que ainda os dominava. Jessica sentiu os olhares quando passou pelas outras mesas, e, ao sair, respirou fundo, tentando dar boa-noite com dignidade.

– Obrigada, Loukas.

– De nada. Vou levá-la até sua suíte. Insisto.

Sobre o que mais insistiria depois? Jessica se preocupou quando entraram no elevador fechando o resto do mundo lá fora.

Tentou não olhar para o rosto viril. O elevador lembrava claustrofobia. Pior... Perigo. Não havia uma escrivaninha nem mesa de restaurante entre os dois ali, apenas um espaço exíguo onde ela sentia Loukas muito perto e ao mesmo tempo muito longe. E podia sentir o calor de seu corpo e seu perfume. Fechou os olhos e respirou um aroma cítrico e de especiarias que a fez voltar ao passado. Lembrou-se de todo o prazer que ele lhe proporcionara, dos beijos ora violentos ora suaves. Como ele se lançava dentro do corpo dela. A primeira vez, quando doera. E a segunda, quando Jessica se sentira no paraíso.

Percebeu que devia estar arfando. Será que ele sentira? Loukas tinha um ouvido apurado. Um dos motivos para ser um ótimo guarda-costas e excelente amante.

De súbito, Jessica se ressentiu por ele não ter tentado tocá-la. Nem mesmo lhe dera o tradicional e impessoal beijo na face quando entrara em seu escritório. Fosse lá o que tivesse acontecido no passado, teria sido a coisa civilizada a fazer.

Mas Loukas não era civilizado, era? Por baixo do terno caro e do ar próspero, continuava o mesmo. Pura testosterona e instintos. Porém, ele não estava agindo assim, o que contrariava as fantasias dela. Não a imprensara na parede do elevador e a *possuíra* como costumava fazer no passado.

Teria adivinhado como ela se sentia... E o queria? Por isso a fitava com seu sorriso irritante que não combinava com o fogo no seu olhar?

Jessica rezou para chegarem logo ao seu andar, mas seu coração não concordava. Desejava ficar presa naquele cubículo com ele, apenas os dois, até que um cedesse.

Teria se traído de alguma forma?

Algun leve movimento indicara a luta que travava consigo mesma? A respiração apressada a entregara?

– Ah, então é assim – disse ele devagar, quebrando o silêncio, como se ela tivesse feito algum comentário.

Segurou-a pelo queixo e passou o polegar sobre seus lábios, que tremiam. O leve toque provocou uma descarga elétrica pelo corpo de Jessica, e ela oscilou como uma marionete. Loukas enfiou o dedo dentro de sua boca e o coração dela disparou. Não poderia detê-lo mesmo que quisesse. O *cão de Pavlov* pensou desesperançosa ciente de que Loukas a observava sempre sorrindo.

Ela fechou os olhos e rodeou o dedo dele com os lábios. Podia fingir que estavam interagindo como homem e mulher, em vez de serem duas pessoas amarguradas. Ele moveu o dedo para

dentro e para fora muito devagar, fazendo uma mímica do ato sexual...

Beije-me, ela rezou. *Apenas me beije*.

– Abra os olhos, Jess.

Ela obedeceu com relutância para se deparar com a frieza dos seus olhos escuros.

– Quer que eu a beije? – perguntou ele suavemente enquanto retirava o dedo devagar de sua boca quase fazendo-a gemer.

Teria lido sua mente? Ou Jessica teria dito essas palavras em voz alta sem perceber? Hesitante, ela balançou a cabeça de modo afirmativo.

– Então peça. Com jeitinho e irei pensar no seu caso.

O ressentimento foi como um banho de água fria. Ela refletiu que não precisava fazer o que ele dizia.

– Não faça joguinhos comigo, Loukas.

– Pensei que jogar fosse sua especialidade, Jess.

– Vá para o inferno.

E então ele a *beijou*, apertando-a de encontro ao peito... O corpo musculoso apagando qualquer objeção de sua mente. Jessica só conseguia sentir sua força e como era bom estar de volta aos seus braços. Sentia-se aquecida como um pedaço de gelo se derretendo. Sentia-se *segura*. Mas isso não durou muito... Como podia se sentir segura quando as mãos dele percorriam seus seios, fazendo-a gemer de prazer? Era o oposto da segurança, sentir os mamilos rijos e desejando implorar que ele a despisse.

O elevador parou com um leve solavanco e Jessica ficou frustrada quando Loukas se afastou. Sua expressão dizia que estava tão abalado quanto ela. Porém, isso logo foi substituído pela frieza. Por um instante, ela pensou que apertaria o botão para voltarem ao térreo e ficarem para cima e para baixo, só os dois, em seu mundo particular.

Mas estava enganada, e as portas do elevador se abriram.

– Então – disse ele.

– Então – repetiu ela mais para ganhar tempo.

– Não vai me convidar a entrar?

Cada fibra de seu corpo pedia que o convidasse. Jessica sabia o que iria acontecer se abrisse a porta para ele. Loukas arrancaria suas roupas. E quase podia *ouvir* o barulhinho do zíper de sua calça baixando. Desejava acariciar o órgão pulsante até fazê-lo gritar...

Seu sangue ferveu ao lembrar-se dos instantes antes de Loukas penetrá-la... e quase gemeu de desejo. Se acontecesse de novo, será que ele perceberia que não tivera outros amantes depois dele? Que ele fora o único em sua vida? Riria achando incrível ou ficaria orgulhoso por perceber que apenas ele podia transformar a fria e contida Jessica Cartwright em outra mulher muito diferente?

Loukas lhe oferecera o trabalho e agora deixava claro que a desejava na cama. Típico dele. Hora do pagamento. Mas, afinal, era tão terrível assim? Se fizessem sexo de novo talvez Jessica pudesse ver a situação com mais objetividade. Perceber que o pusera em um pedestal porque fora jovem e ingênua. Além disso, estavam no século XXI, e podia dormir com quem quisesse.

Abriu a boca para dizer que sim, mas algo a deteve... O olhar dele. Seria *triunfo* o que via ali?

Seu sangue já não estava tão quente. Pensou em como se sentiria ao acordar na manhã seguinte e vê-lo ao seu lado. Teria capacidade de enfrentar isso? Duvidava. Porque a intimidade a apavorava, pois trazia consigo mágoa e dor. E só um tolo faria algo que lhe trouxesse sofrimento.

Então balançou a cabeça.

– Não, Loukas.

Ele se inclinou para a frente sem acreditar; como se a proximidade física pudesse fazê-la mudar de ideia.

– Tem certeza? – murmurou.

Jessica precisou de toda a sua força de vontade para retroceder, porém era boa nisso. Fora sua força de vontade que a fizera jogar tênis com tempo bom ou ruim e que a obrigara a sair da cama no inverno enquanto as outras crianças ainda dormiam sob as cobertas.

– Absoluta – respondeu. – Vou dormir. Sozinha. Boa noite.

O leve brilho de surpresa nos olhos dele não a alegrou. Não apagou a dor em seu corpo e coração. Entrando na suíte, Jessica fechou a porta no nariz de Loukas e resistiu ao impulso de dar um soco na parede.

CAPÍTULO 5

ERA HORRÍVEL acordar frustrada, mas melhor do que arrependida, refletiu Jessica.

Debaixo do chuveiro, esfregou a pele com fúria como se isso tirasse o grego de sua cabeça. Mas um pensamento a perseguia. Teria sido louca ao rejeitar Loukas em sua suíte destruindo a fantasia para sempre? Por perceber que o deus que idealizara era apenas um mortal?

Passou em revista o encontro para jantar. Ele não mostrara afeição de verdade, mostrara? Convidara-a para jantar e depois avançara o sinal friamente, fizera Jessica se sentir uma conquista em potencial e não um objeto de desejo. Estaria tão desesperada por sexo a ponto de lamentar *não* ter tido? Não. Precisava manter o juízo e o controle.

Vestindo uma calça de linho, abotoou a camisa e torceu o cabelo em um coque; estava colocando os brincos de pérolas quando o telefone na mesinha de cabeceira soou. Hesitou um instante antes de atender.

– Dormiu bem?

A voz profunda foi como mel em seu ouvido, e teve dificuldade em se controlar.

– Como uma pedra – mentiu. – E você?

– Não dormi bem. Ficava acordando com os sonhos mais eróticos e todos com você. Culpo-a por minha noite inquieta, Jess.

– Porque não conseguiu o que queria?

Loukas não respondeu. Ah, se fosse tão simples assim. Se sua frustração terminasse só porque ela dissera não... Mas não era tão simples. Começava a ficar *complicado* e ele não gostava disso. Por que se tornara tão importante possuí-la de novo, e por que ela era tão intransigente?

Loukas sabia que Jessica o desejava... Ela deixara isso muito claro, mas, mesmo assim, resistira. Imaginou se ela se regozijava com o poder que isso lhe dava... Por ter autocontrole. Jessica se derreteria quando a tomara nos braços, e mesmo assim dissera não.

Sabia que, como muitos outros, considerava os homens com maior liberdade sexual que as mulheres, mas isso, em parte, por causa de sua infância infeliz e das coisas que testemunhara. Essas coisas o haviam deixado amargo em relação ao sexo oposto e as mulheres que conhecera nada haviam feito para mudar seus preconceitos.

Mas Jess era diferente, sempre fora. Não por ser magra e loura porque ele sempre preferira as morenas curvilíneas, mas por tê-lo abandonado. A única que ele não conseguira dominar. E possuía aquela qualidade indefinível chamada *classe*, que nenhum dinheiro do mundo podia comprar.

Fora sua altivez que chamara a atenção dele em primeiro lugar... Algo que Loukas jamais vira antes em uma garota. Aquela sensação de distância física e emocional o fascinara. Jessica fora a primeira que ele tivera que cortejar. A primeira, e única moça para quem comprara flores. Será que Jess rira em segredo de seu presente barato... quando buquês sofisticados a aguardavam sempre que deixava as quadras de tênis?

Loukas sempre se questionara se Jessica fantasiara em ter um homem como ele para seu primeiro amante. Alguém tão diferente dela. Alguém que pudesse ser facilmente descartado depois do sexo. Sua experiência com um *sujeito rude*. Teria servido aos propósitos dela tirando sua virgindade e lhe dando prazer?

Loukas pensou em suas opções. Podia ir embora naquele instante. Deixar a campanha publicitária nas mãos dos especialistas, e manter sua participação a menor possível. Ou poderia dispensar Jessica indenizando-a com muito dinheiro, pois era por isso que ela estava ali. Dinheiro.

Podia encontrar uma nova modelo mais jovem sem o passado de Jessica Cartwright. E podia facilmente encontrar uma nova amante. Uma que não fechasse a porta na sua cara e que o recebesse de braços e pernas abertos.

Entretanto, ainda não terminara com ela. Não completara sua lista. Loukas encontrara seu irmão, lidara com a traição da mãe e descobrira todos os seus segredos sombrios. Consequira de maneira lícita uma fortuna além dos seus sonhos mais fantásticos. Fizera as pazes com o mundo, e agora só restara Jessica... e precisava dela. Iria possuí-la de novo porque só assim poderia depois lhe dar as costas e seguir seu caminho.

– Talvez não tenha conseguido o que queria ontem à noite, *koukla mou* – disse com suavidade –, mas conseguirei.

Jessica engoliu em seco.

– O que aconteceu ontem à noite mudou tudo – retrucou ela.

– Como? – perguntou Loukas com ar inocente.

Fez-se um breve silêncio. Percebeu que ela buscava as palavras certas e refletiu se iria se esconder atrás de um discurso polido e vazio.

– Agora não poderei mais trabalhar com você!

– Não dramatize, Jess. Nossos corpos costumam reagir assim. Eu a quero e você me quer. Sempre existiu essa química entre nós. E daí? Somos adultos e livres... Pelo menos, eu sou, e presumo que você também seja.

– Não deveria ter perguntado se eu era livre antes de me agarrar no elevador?

– Não diria que a *agarrei* – corrigiu ele secamente. – E você poderia ter me repudiado se quisesse.

– Como consegue distorcer tudo que digo?

– É isso que estou fazendo? – questionou ele sempre com ar inocente.

– Sabe que sim.

– Então por que não consideramos o que aconteceu como sendo um mero impulso e esquecemos? A equipe quer conhecê-la nos escritórios deles – acrescentou. – Meu carro estará na

porta do hotel às 11h.

Jessica foi deixada olhando para o telefone enquanto ele desligava de supetão. Porém, na verdade, o que havia mais a dizer?

Ela pediu o café da manhã, mordiscou uma torrada e tomou duas xícaras de café forte para despertar completamente. E quando saiu do hotel pouco depois das 11h, deparou com Loukas no assento de trás de um carro, lendo uma pilha de documentos.

O coração dela acelerou, mas isso já não a surpreendia tanto, porque sempre acontecia o mesmo ao vê-lo.

– Não esperei que viesse também – comentou ela enquanto o motorista abria a porta para que entrasse.

– Mas gostou de me ver, não? – retrucou ele.

– Você é...

– O quê, Jess?

Ela balançou a cabeça.

– Não importa.

– Ah, vamos lá – provocou Loukas com voz suave. – Por que se esconder atrás dessa expressão fria que adora tanto... e não dizer o que está pensando?

Sim, por que não? Por que não dizer o que *sentia* a seu respeito? Não estava jogando tênis no momento nem ele era seu oponente. Bem, *era*, mas não no sentido tradicional. O que importava se fosse honesta com ele? O mundo não pararia se dissesse a verdade, pararia?

Porém, não era fácil dar voz às emoções quando se habituara a escondê-las desde que se conhecia por gente. Contudo, o sexo fora maravilhoso com Loukas porque ela conseguira derrubar as barreiras e isso a fizera se sentir livre por certo tempo.

– Na verdade – murmurou Jessica –, você era a última pessoa que desejava ver.

– Mentirosa – replicou Loukas com calma. – Pare de fingir... principalmente para você mesma. Sua linguagem corporal a traiu no momento em que me reviu. Não pode ocultar o brilho em seus olhos.

– E por que está *aqui*? – perguntou ela de mau humor quando o carro partiu.

Ele riu.

– Moro aqui.

– No hotel Vinoly?

– E por que não?

– Porque... um hotel não é um lar de verdade – retrucou Jessica com certa ingenuidade.

– Para algumas pessoas é.

Loukas fitou as ruas de Londres. Jessica ficaria chocada se soubesse que ele jamais tivera um lar de verdade, apenas uma série de lugares onde ficar? Lembrou-se de cortinas tão ralas que mal impediam a luz de entrar e dos protetores de ouvido que usava para abafar os barulhos da rua.

– Na verdade, o hotel é ideal para mim – acrescentou. – É grande, localização central, e há vários restaurantes ótimos nas proximidades. Costumo pedir as refeições na minha suíte, disponho de serviço de valet particular e de seguranças na porta. O que há para não gostar?

– Não preferiria ter todos os seus tesouros particulares ao seu redor?

– Que tesouros?

Ela deu de ombros.

– Ora, quadros. Decoração. Fotos.

– O passado pegajoso? – Ele sorriu. – Não sou fã de acumular coisas. Vivo para me deslocar quando quiser apenas com uma valise e o passaporte.

Ela franziu a testa.

– E o futuro? Planeja viver em hotéis para sempre... É isso que quer?

– O futuro não existe – respondeu ele. – Só o presente, e, nesse instante, quero beijar você, mas infelizmente não temos tempo. Chegamos.

Jessica olhou pela janela.

– Aqui?

– Zeitgeist. A melhor agência de publicidade em Londres.

Jessica analisou o edifício que parecia uma catedral enorme e se forçou a se concentrar no ambiente em vez de pensar no quanto *desejara* beijar Loukas.

– Pode me dizer por que estamos aqui?

– Gabe e sua equipe desejam lhe mostrar o esboço da nova campanha. Há semanas estão trabalhando nisso.

Foram encaminhados para uma sala enorme repleta de pessoas. Jessica foi apresentada a Patti, a estilista, uma loura de cabelo espetado usando um minivestido, verde e botas pesadas, que passava em revista uma série de roupas; o diretor de arte com sua cabeleireira longa examinava as fotos de uma mulher em uma gôndola... Gôndola! Muito parecida com a própria Jessica. E quando ela olhou mais de perto, percebeu que era ela mesma: sua cabeça fora colocada no corpo de uma modelo magérrima usando um vestido de noite revelador e diamantes reluzentes.

O dinamismo que envolvia o ambiente era quase palpável. Nada tinha a ver com o ritmo calmo da antiga agência que a Lulu utilizava. Na verdade, era uma experiência um tanto vertiginosa, que se intensificava com a presença de Loukas a seu lado... Quente, vibrante e impossível de ignorar. Ele a levou para o outro lado do estúdio a fim de conhecer Gabe Steel, o proprietário da agência. Um homem de forte presença com cabelo de um louro escuro e olhos cinzentos como aço.

– Quando Loukas explicou que desejava uma mudança radical na imagem da marca Lulu – disse ele –, percebi que tal mudança há muito deveria ter sido feita, então estamos abandonando a imagem de Grace Kelly e procurando algo mais moderno. E estamos nos divertindo muito para colocar essa ideia em perspectiva, Jessica... Creio que irá gostar. Mostrei para minha esposa ontem e ela gostou. – Gabe sorriu. – Então por que não se senta e vê o que temos em mente?

Jessica se sentou em uma poltrona que oferecia mais estilo que conforto, e assistiu enquanto o diretor de arte e Patti apresentavam uma série de fotos com diferentes joias.

– Ocuparemos duas páginas dos grandes jornais um pouco antes do Dia dos Namorados – explicou Gabe. – Portanto, só nos restam algumas semanas.

– Dia dos Namorados? – repetiu Jessica, pensando que era engraçado fazer esse tipo de campanha quando não tinha namorado.

– Sim. O Dia dos Namorados na Inglaterra é em fevereiro e representa uma das datas mais lucrativas do ano para o setor de joias, e a Lulu precisa capitalizar como nunca conseguiu. As

meninas que compravam os relógios de pulso no passado já cresceram, e queremos mostrar ao mundo que Jessica cresceu também – explicou Gabe. – Alardear que a nova Jessica Cartwright não é mais uma garotinha, e que não irá usar um relógio de pulso a prova d'água, mas joias... De preferência compradas para ela por um homem.

– Minhas joias – explicou Loukas.

Jessica achou estranho que se referissem a ela na terceira pessoa. Nervosa, fitou as fotos. Sem dúvida, não esperavam que usasse roupas como *aquela*... com metade dos seios para fora ou um vestido longo com uma fenda que chegava à coxa?

– Vamos filmar em Veneza como pode ver pelos esboços – prosseguiu Gabe. – É a cidade mais romântica do mundo e o lugar perfeito para o clima que desejamos. No inverno, é melancólica, por isso filmaremos em preto e branco, apenas com o cor-de-rosa do logotipo da Lulu. – Sorriu para Jessica. – A equipe irá à frente para determinar as locações, e você e Loukas irão depois.

Todos na sala olharam para ela, porém Jessica só via o brilho nos olhos de Loukas e seu leve sorriso zombeteiro. Desde quando viajariam *juntos* e por que ninguém lhe contara antes? Ela não se lembrava de já ter gritado com alguém, mas sentia ímpetos de levantar e berrar que não desejava ir a *parte alguma* com o grego arrogante... Muito menos para uma cidade famosa pelo romance, a fim de fazer uma campanha publicitária *toda* baseada em romance.

Queria voltar para a Cornualha, longe de Loukas e do modo constrangedor como ele a fazia se sentir. Estivera bem antes de Loukas ressurgir em sua vida. Tudo podia ter sido previsível, mas, pelo menos, ela se sentira *segura*. Não fora perturbada pelo desejo nem pelo remorso. Não pensara, como agora, que nunca haviam passado uma noite inteira juntos.

Será que precisava *mesmo* aceitar esse trabalho com todas as complicações que viriam junto? De novo, pensou em vender sua casa e comprar um apartamento barato longe do mar.

Mas então se lembrou da meia-irmã e a consciência falou mais alto. Lembrou-se de Hannah soluçando em seus braços depois da tragédia com a avalanche que matara seus pais. As coisas já haviam sido muito ruins quando foram obrigadas a vender a casa grande, mas haviam escolhido a nova *juntas*, e Hannah adorara o novo lar. E era o lar de Jessica também, portanto, que direito tinha de privar Hannah dessa alegria só porque a presença de Loukas a deixava nervosa?

Não precisava dormir com ele por mais que desejasse. E nada a impedia de deixar claro que isso não iria acontecer. Uma nova determinação a dominou. Afinal, não passara por coisas muito piores do que resistir ao charme de um homem?

Então sorriu para Gabe. O mesmo sorriso que dava quando as pessoas lhe perguntavam se sentia falta do tênis. Um sorriso muito útil, esfuziante e convincente.

E extremamente falso.

– Mal posso esperar – murmurou.

CAPÍTULO 6

LOUKAS OBSERVOU Jessica na gôndola, o cabelo mais curto no novo estilo e dançando ao vento. O rosto estava pálido, os olhos enormes e a tensão era quase palpável. Pela décima vez nesse dia, ele cerrou os punhos, frustrado, porque a ideia fora dele, e, no papel, parecera maravilhosa. Ela usava um vestido de baile justo e negro que enfatizava os seios pequenos, longas luvas de cetim negro chegavam aos cotovelos e uma cascata de diamantes brilhava em seu pescoço.

Deveria ser perfeito. Jessica Cartwright com a aparência exata que a equipe da Zeitgeist idealizara. Magra, adulta, e muito, muito sexy.

Entretanto, ela mais parecia uma boneca de cera. Seus olhos estavam vazios e sua expressão era neutra. Até o sorriso parecia plastificado.

Loukas balançou a cabeça sem poder acreditar ao lembrar como ela reagira em seus braços no elevador. Naquela noite, fora feita de fogo, não gelo... Mas onde estava esse fogo agora?

Ele cravou os olhos em Jessica.

Só restavam as cinzas daquele fogo.

Precisando se equilibrar no Grande Canal, Jessica fitou os olhos frios de Loukas. Ninguém na equipe estava contente... Dava para perceber. Mas principalmente Loukas, que não parava de observá-la desde o início da filmagem. O vento frio de Veneza a açoitava enquanto tentava se equilibrar, o que não era fácil sobre uma gôndola oscilante.

Jessica estava com frio. Dentro e fora. No pescoço, pendia um colar de diamantes azulados que reluziam como faróis no dia sombrio de inverno. Sua nuca descoberta, resultado do novo corte de cabelo que fizera em Londres e que a privara dos longos fios, estava à mercê do frio veneziano, mechas lisas dançavam em volta de seu rosto, começando a se grudar ao brilho labial. E mesmo com Patti, a estilista, de pé a seu lado, munida de escova e um enorme xale de caxemira, Jessica não parava de se sentir ridiculamente despida. Essas fotos estavam muito longe de se parecer com as que tirara no passado, esportivas e simples, e ela se sentia *idiota*. Não. Melhor dizendo, exposta.

E vulnerável.

Seus cílios estavam com inúmeras camadas de rímel e a maquiagem muito clara dava a impressão de que ela recebera dois socos, um em cada olho. O brilho labial cor-de-rosa tinha a intenção de

aludir à marca icônica da Lulu, porém, na sua opinião, lhe dava uma aparência quase de palhaço. E o vestido. Ah, o vestido. Jessica nem queria pensar no vestido. Não combinava nada com ela... Exagerado e revelador, o cetim negro tão grudado em seu corpo que ela mal conseguia respirar e tão decotado que seu colo surgia todo arrepiado pelo frio. Por baixo da saia, seus joelhos tremiam de nervoso e constrangimento. Porque embora a cidade estivesse relativamente vazia em fevereiro, os poucos turistas paravam para tirar sua foto e Jessica estava detestando isso.

Odiava tentar parecer *sexy* e *sofisticada*, a aparência que o diretor de arte desejava, pois não se sentia assim. Era uma fraude, e todos não ririam como loucos se descobrissem que ela não fazia amor com um homem havia oito longos anos?

E, é claro, ver Loukas ali de pé observando não ajudava nada. Na verdade, piorava. Envolto pela névoa cinza e esbranquiçada de Veneza, o grego parecia um fantasma sombrio junto ao canal. O brilho da água o envolvia com uma aura prateada, refletindo sua personalidade misteriosa. Dois guarda-costas troncudos o ladeavam, olhos fixos nos diamantes que Jessica usava.

O diretor de arte consultou o relógio e franziu a testa.

– O.K., estamos perdendo a luz. Vamos encerrar por hoje, certo? Mesma hora amanhã, pessoal.

Enquanto alguns da equipe se adiantavam para ajudá-la a sair da gôndola, Jessica notou que o diretor de arte sussurrava algo para Loukas, que balançou a cabeça concordando. Seus olhos escuros a fitaram por um momento, e o desejo a dominou. Por que ele precisava estar ali? Por que não voltara para Londres e a deixara em paz? Sem dúvida, ela conseguiria o resultado que o diretor desejava se Loukas não estivesse postado ali como um dragão ameaçador e a deixando inibida. Segurando as dobras volumosas da saia, ela foi para a margem e se embrulhou no xale de caxemira.

– Vamos tomar café na Praça de São Marcos, embora talvez você mereça um conhaque depois de passar tanto frio – disse Patti, esfregando as mãos e soprando nelas. – Quer ir depois de tirar esse vestido e os diamantes?

– Ainda não. Vou levar Jess de volta ao hotel – disse uma voz profunda e aveludada às suas costas.

Jessica se voltou para ver Loukas, caminhando em sua direção como um personagem de uma pintura que tivesse saltado da tela. O sobretudo escuro combinava com seu cabelo. Ele estava todo de preto, sorrindo.

– Jessica está enregelada.

Sim, era verdade, porém seu sangue fervia quando os dedos dele roçaram sua pele para tirar o pesado colar de diamantes e entregá-lo ao segurança mais próximo. Jessica se sentiu mais leve e apertou o xale de encontro ao corpo, tentando se esconder do olhar de Loukas. Porém, nada a protegia das próprias sensações como sempre que estava junto dele. Havia viajado juntos de Londres, mas, pelo menos, ele estivera trabalhando no laptop, e ela lera um livro. Ao chegar, já no táxi aquático de Veneza, ela se vira presa no clima romântico da cidade por mais que lutasse.

Sentira-se em um filme enquanto o táxi seguia pelas águas escuras, deixando uma trilha de espuma para trás, em meio às igrejas e cúpulas da cidade. Jessica não conseguira evitar um suspiro quando entraram no Grande Canal. Loukas sorria, um sorriso indulgente, mas perigoso e cheio de promessas.

E Jessica tremia como tremia agora.

– Vamos caminhar até o hotel – sugeriu ele enquanto a equipe começava a se dispersar.

Segurando a saia pesada para não sujar no chão úmido, ela disse:

– Acha que posso voltar a pé usando isso?

– E não acha que as mulheres do passado em Veneza tiveram que lutar com o mesmo problema usando seus vestidos longos? – replicou ele. – Pense no famoso Baile de Máscaras que realizam aqui em fevereiro. E vai se aquecer à medida que caminhamos. Vamos. O hotel é aqui perto.

Ela concordou e apertou o xale.

Ficou ao lado dele enquanto abriam caminho pelas ruas estreitas, passando por vitrines que apresentavam livros de couro e ornamentos de vidro maravilhosos. Passaram por pequenas pontes, e foi como se encontrar no centro de um antigo labirinto. Logo, Jessica perdeu seu senso de direção totalmente.

– Você parece saber exatamente para onde vai – comentou.

– A não ser que planeje fazê-la se perder em Veneza para nunca mais ser encontrada – replicou ele.

Ela ergueu o rosto para encará-lo.

– É o que está fazendo?

Loukas riu.

– Tentador, mas não. Veja. Chegamos.

Foi quase com desapontamento que Jessica viu seu hotel logo à frente com luzes surgindo por trás dos pórticos da entrada. Cabeças se voltaram para olhá-los quando entravam no saguão decorado com palmeiras, e Jessica refletiu que deviam formar um par estranho, ela com o vestido de baile longo e Loukas com o sobretudo de caxemira negro. O vestido fazia um rumor sobre o chão de mármore, e ela enrubesceu quando o pianista perto do restaurante começou a tocar “Isn’t She Lovely?”. E um grupo de executivos bateu palmas à sua passagem.

Jessica desejou mergulhar dentro do elevador, mas sua suíte ficava no primeiro andar, e a escada parecia a opção mais sensata. Porém, de novo, a saia volumosa foi difícil de manobrar, e ela estava sem fôlego ao subir.

– Não está em forma como antes, está?

– É obvio que não, pois já não jogo tênis para competir, mas ainda estou bem. Só não estou habituada a carregar tanto tecido à minha volta.

Fez-se silêncio enquanto chegavam à porta e ela lutou com o cartão magnético para abrir.

– Então vai jantar comigo hoje? – perguntou ele.

– Obrigada, mas vou tomar banho e tentar me aquecer. Minhas mãos estão geladas. – Hesitou e o encarou. – Não gostaram do meu trabalho hoje, certo? Percebi.

Loukas deu de ombros.

– Foi tudo novo para você. Está acostumada a posar de maneira leve e solta, usando roupas esportivas e parecendo esportiva... E, de repente, espera-se que proceda como uma vamp. Está fora de sua zona de conforto, Jess, mas não se preocupe, fará certo amanhã.

– E se não fizer?

Os olhos dele brilharam.

– Teremos que garantir que faça. – Passou um dedo pelas costas dela. – Já pensou como pretende tirar esse vestido? A menos que seja contorcionista, vai ter problemas, já que ele tem uns cem colchetes.

Jessica tentou não reagir ao dedo em suas costas, e amaldiçoou em pensamento o feitio do vestido que a fazia parecer uma ampolheta. Sabia o que Loukas estava sugerindo, porém a ideia de vê-lo ajudar a tirar sua roupa pareceu absurda. Mas o que iria fazer? Patti e seus assistentes estavam em algum bar desconhecido em uma cidade estranha, e, a menos que voltassem logo, ela não conseguiria se desfazer do vestido sozinha.

– Importa-se? – perguntou de maneira casual como se isso não a incomodasse em nada.

– Não, não me importo – respondeu ele do mesmo modo casual, enquanto entrava com ela na suíte.

Era o lugar mais bonito onde Jessica já ficava hospedada, porém, ela mal notou a mobília com entalhes ou o piano antigo sob um enorme lustre. Até a vista deslumbrante do Grande Canal e a cúpula fabulosa da igreja da Salute não conseguiram fazê-la esquecer que Loukas estava ali.

– Não vai se virar e me encarar, Jess? – perguntou ele com suavidade.

Jessica limpou a garganta refletindo se ele percebia como estava nervosa.

– Deveria estar desabotoando meu vestido. E só posso ficar de costas para isso.

Fez-se uma breve pausa. Loukas riu de maneira abafada enquanto abria o primeiro colchete, e depois o segundo. Jessica queria lhe dizer para se apressar, mas, ao mesmo tempo, gostaria que aquilo demorasse para sempre. Começou a sentir frio à medida que o tecido ia cedendo, e fechou os olhos. Seria assim que as mulheres se sentiam na época em que não usavam roupas curtas, calça comprida ou andavam sem sutiã? Será que se sentiam totalmente dependentes de um homem para despi-las?

Prendeu o fôlego ao sentir o hálito quente dele em contraste com o frio na pele exposta. Loukas estava... respirando sobre suas costas nuas?

Sim, estava.

E era a sensação de maior intimidade possível. Engoliu em seco porque agora ele pressionava os lábios sobre a pele e a *beijava*.

Jessica sabia que deveria dizer alguma coisa, porém cada nervo em seu corpo pedia para não quebrar o encanto. Ela não precisava pensar que estava com Loukas, com quem tivera uma história ruim. Assim de costas, não precisava fitar seus olhos escuros ou ver o triunfo em seu sorriso irônico. Só tinha consciência da sensação dos lábios contra sua pele.

Por fim, o vestido escorregou para seus quadris e as mãos dele percorreram suas curvas como se as redescobrisse. Abriu os dedos sobre a carne quente e Jessica o ouviu suspirar de prazer. Tornou a engolir em seco, mas continuou calada, porque era mais fácil assim. Desejar que ele continuasse e, ao mesmo tempo, permanecer de costas para não encorajá-lo. Seu coração começou a bater mais depressa ao sentir que Loukas passava os dedos sobre a calcinha de renda, enchendo-a de um desejo que apagou todo o raciocínio.

– Humm – murmurou ele quando o vestido caiu no chão formando uma roda em volta dos tornozelos dela e deixando as pernas nuas. Beijou o pescoço de Jessica enquanto continuava segurando a calcinha.

Jessica sabia que deveria detê-lo. Mas não conseguia. Simplesmente *não* podia. Havia tanto tempo não era acariciada assim e sentia frio. Tanto frio. E Loukas a estava esquentando como havia muito não acontecia.

Ele enfiou os dedos por baixo da calcinha com uma familiaridade fora do comum e excitante.

– Faz muito tempo – murmurou Loukas, deslizando um dedo no meio de suas coxas.

Jessica estremeceu de prazer. Queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, Como se precisasse garantir a si mesma que ainda estava ali e que aquilo era real. Porém, não conseguiu. O toque dos dedos dele a impedia de falar. Prendia a respiração e só conseguia pensar na fome que crescia dentro de si e que dominava seu mundo. Afastou as coxas instintivamente e percebeu que ele sorria com a boca sobre seu pescoço.

– Está muito excitada, *koukla mou*.

Ela engoliu em seco e murmurou:

– Sim.

– Por minha causa?

– Sim.

– Fantasiava com meus dedos a tocando aqui?

– Sim!

– E... *aqui*?

– Céus, sim. – Jessica engasgou, porém as palavras dele soavam frias em comparação com seus gestos sensuais. Percebeu que Loukas a tratava como um objeto e tentou se afastar. Terminar enquanto ainda tinha forças. Mas já era tarde demais, porque o prazer a dominava e sentiu que estava prestes a alcançar o clímax, o que aconteceu no segundo seguinte. Então ele riu em voz baixa e a fez girar de supetão para beijá-la na boca ao mesmo tempo continuando a acariciá-la, sufocando seu grito de prazer.

Sua língua se insinuou dentro da boca de Jessica enquanto seu dedo penetrava o corpo pulsante. Aquela invasão a enchia de uma alegria selvagem, e Jessica temeu deslizar para o chão, porém ele a segurava firmemente. O tempo foi passando devagar e ela abriu os olhos para vê-lo com seu sorriso triunfante, retirando o dedo do meio de suas coxas lentamente.

– Jess – murmurou, carregando-a nos braços para o quarto, e deitando-a na cama.

– Loukas – retrucou ela, molhando os lábios com a ponta da língua.

A ereção dele se tornou quase dolorosa e, por um segundo, Loukas não conseguiu se mover, queria arrancar as próprias roupas e *possuí-la* sem perda de tempo. Mas ainda não. Precisava antes controlar as próprias emoções. Até saber que não corria perigo de cair na armadilha dos encantos dela como já acontecera no passado.

Tentou analisar Jessica objetivamente enquanto retirava o sobretudo e o apoiava nas costas de uma poltrona. Depois voltou para a cama. Estranhou ela se mostrar tão fria e empertigada diante das câmeras hoje e se derreter no instante em que ele a tocara. Mas, afinal, não fora sempre assim? Sorriu com sarcasmo. A única vez em que conseguia vencer seu ar distante era quando Jessica estava nua e trêmula. Porque do lado de fora do quarto ou da sala ou do carro, os lugares aonde haviam feito amor no passado, ela sempre fora um modelo de frieza e distância.

Entretanto, não nesse momento.

Os olhos dela estavam embaçados, o rosto corado de prazer, e as coxas afastadas em um convite. Loukas se sentiu tentado a enfiar o rosto entre aquelas pernas, porque tudo parecia muito natural com Jessica deitada na cama de colunas e colcha de damasco. Mas por certo que era natural; o ambiente era elegante e luxuoso. O ambiente dela e onde *ele nunca se encaixara plenamente*.

Tocou um dos seios de Jessica sobre o sutiã de renda preta e vermelha e rodeou com o dedo o mamilo intumescido.

– Não costumava usar lingerie assim quando namoramos – observou. – O que aconteceu? Os homens depois de mim exigiam que se vestisse para agradá-los... ou você apenas mudou e evoluiu?

Jessica queria dizer que Patti a levaria às compras depois do cabeleireiro, explicando que os vestidos reveladores exigiam um sutiã mínimo, e que as calcinhas deviam combinar para que ela *entrasse no clima* da filmagem. Porém, não dera certo, dera? Ela posara como um bloco de gelo dentro do vestido dramático e sensual e só voltara à vida quando Loukas a tocara.

Mordeu o lábio. E como a tocara. Esquecera como um clímax sexual podia ser glorioso quando provocado pelo único homem que já a interessara. Esquecera-se do quanto podia ser fraca e indefesa. Se não tomasse cuidado, ficaria vulnerável.

Não deveria ter permitido que acontecesse, mas, agora, desejava que continuasse. Agira tola, porém, era compreensível... pelo menos para ela. Era como uma pessoa que tivesse quebrado a dieta abrindo um pacote de biscoitos, e por que parar em um biscoito quando muitos seriam muito melhor e fariam o pecado valer a pena? Não queria que suas lembranças de sexo com Loukas acabassem ali. Queria fazer amor de verdade. Não era seu sonho havia anos? Desejava senti-lo dentro de seu corpo, enchendo-a de um fogo como ninguém mais podia fazer.

Começou a desabotoar a camisa dele, determinada a mostrar seu interesse. Não era uma virgem sendo seduzida, e embora não tivesse a experiência de Loukas, ele não precisava saber.

– Quer falar de outros homens agora? – perguntou com serenidade, acariciando a pele de seu tórax.

Ele apertou os lábios e começou a afrouxar o cinto.

– Não. E logo você também não poderá falar porque a farei esquecer de todos os outros com quem se deitou, e só poderá se lembrar de *mim*.

O comentário arrogante a chocou e deliciou ao mesmo tempo. O corpo de Loukas surgiu sem roupa em todo o seu esplendor moreno. Continuava magnífico como antes, mas, de repente, Jessica prendeu a respiração, porque, no torso, em zigue-zague, havia uma cicatriz avermelhada. Ela tocou a cicatriz com cuidado como se ainda pudesse doer. Como se pudesse se abrir e sangrar sobre a cama.

– O que aconteceu? – perguntou Jessica.

– Agora não – resmungou ele.

– Mas...

– Disse que agora não. – Ele enfiou a mão entre suas coxas e começou a acariciá-la, sufocando qualquer outra pergunta. – Fica excitada ao pensar que seu rude guarda-costas tem a marca da violência no corpo?

Algo no tom de voz dele intrigou Jessica, algo sombrio por baixo da ironia, e ficou confusa. Porém, as carícias prosseguiram e Loukas beijava seu seio. Jessica mal conseguiu esperar que ele

colocasse a camisinha e se posicionasse sobre seu corpo.

Tremia quando ele se arremessou pela primeira vez e a sensação superou qualquer fantasia que já tivera. Mas, para sua surpresa, Loukas tremia também, e, por alguns momentos, ficou imóvel como se hesitasse.

Jessica desejava murmurar palavras de incentivo. Coisas tolas e melosas, dizer que gostaria de ter se casado com ele e que jogara fora a melhor oportunidade de ser feliz em sua vida, mas o passado não voltava... E não diziam que tudo tinha um motivo para acontecer?

De súbito, todos os pensamentos desapareceram porque ela voltava a atingir o clímax. A seguir, o gemido rouco que invadiu o quarto lhe disse que Loukas também atingira o seu.

CAPÍTULO 7

O QUARTO ficou mergulhado no silêncio por muito tempo e, quando Jessica falou, as palavras pareceram ofender a tranquilidade:

– Como adquiriu essa cicatriz?

Loukas se espreguiçou, muito confortável com a própria nudez, mas isso não desviou Jessica da curiosidade sobre a cicatriz.

– Como assunto na cama – murmurou ele – não se compara a pergunta que quero fazer. Gostou?

Jessica enrijeceu. Loukas fazia tudo ser tão *objetivo*. E talvez assim fosse para ele. Será que centenas de mulheres já haviam ronronado e dito ao grego moreno o quanto ele fora maravilhoso? Afastou o cabelo do rosto e insistiu:

– Foi em Paris?

– O que foi em Paris?

– Contou que foi... capturado lá.

Ele continuava com ar sombrio, mas se recostou no travesseiro com os braços atrás da cabeça e o lustre brilhando sobre a pele nua. Sabia que ela não desistiria até ter uma resposta e que era mais teimosa do que outras que tivera na cama.

– Não foi em Paris – respondeu em tom final.

– Então... onde?

Ele girou a cabeça para olhá-la e franziu a testa.

– Isso importa?

– Claro que sim. – Ela suspirou. – O que há com você? Nunca falou nem fala do seu passado.

Ficamos juntos por meses e acabei nada sabendo a seu respeito.

Ele sorriu de leve.

– Sabia o suficiente.

– Não estou falando de sexo.

Dessa vez, ele soltou uma breve risada. Jessica crescera com fartura em um mundo diferente do dele. Lembrou-se da casa enorme com quadra de tênis e gramados verdejantes que alcançavam o mar. Pensou em privilégios, posses, e tudo que nunca tivera.

– Que diferença faz saber sobre meu passado?

– Teria impressão de que não estava na cama com um estranho – replicou ela com calma.

Não era a primeira vez que o acusavam de ser misterioso, mas, com Jessica, era diferente. Aliás... tudo em Jessica era diferente.

– Pensei que o aspecto do mistério a atraísse. Sem dúvida, excitou-se há pouco de costas para mim. Por um instante, julguei que estava fingindo que eu era outra pessoa.

– Não mude de assunto – retrucou ela.

– Faço o que quero. Só porque fizemos amor não tem o direito de censurar minhas palavras ou exigir respostas.

Ela mordeu o lábio, e murmurou:

– É uma história tão horrível assim?

– Sim. – Essa única palavra soou cheia de dor. – Horrível é uma definição muito boa.

– Não quer me contar?

Seus instintos lhe diziam para distraí-la... ou fazendo amor de novo ou indo tomar um banho, porque Jessica queria que falasse sobre o antigo Loukas, e ele passara muito tempo forjando um novo Loukas, duro como diamante e mais rico do que poderia imaginar.

Ele descobrira segredos que teria preferido não descobrir, e os enterrara muito bem no seu íntimo, porém descobrira também que segredos deixavam uma marca... que era melhor esconder. Fitou o semblante calmo de Jessica, mas, dessa vez, ela demonstrava emoções que em geral escondia. Preocupação, por exemplo. E, sem querer, Loukas começou a falar:

– Quanto sabe a meu respeito?

Ela deu de ombros.

– Pouca coisa. Foi filho único, sua mãe o criou em Atenas, e você nunca soube quem era seu pai.

Loukas sorriu sem alegria. Como era fácil condensar uma vida em poucas palavras... Preto no branco, sem nenhum tom de cinza.

– Conte que éramos muito pobres?

– Não em detalhes, mas eu...

– Você o quê? Adivinhou?

Ela concordou com um gesto de cabeça.

– Como? – insistiu ele.

– Não importa.

– Ah, importa, sim. Estou interessado.

Ela relutou, mas disse:

– Você parecia sempre tão... Não sei... Inquieto, creio. Como um tubarão se movendo na água. Como se estivesse sempre à procura de algo. E seus olhos brilhavam diante de coisas caras.

Ele se espantou com sua sagacidade e aquiesceu com um gesto de cabeça. Porque ela estava certa. Ele *procurara* por algo... só que não sabia o que era. E então, quando encontrara...

– Éramos ralé... Minha mãe e eu – respondeu, querendo enfatizar a diferença entre eles. Chocá-la. Convencer Jessica e a si mesmo que tudo que haviam compartilhado não passara de sexo entre os lençóis. – Costumava rondar os fundos dos restaurantes para ver que tipo de comida jogavam fora no fim do dia e levar para casa...

E esperar do lado de fora até que sua mãe tivesse terminado de *entreter* o homem do momento. Lembrava-se dos diferentes homens que saíam de lá, alguns querendo lhe dar um soco, outros enfiando algumas moedas em sua mão, porém Loukas nunca ficara com essas moedas. Colocava na caixa de esmolas da igreja ali perto, não desejando aceitar dinheiro *manchado* por mais que estivesse com fome.

– Aceitava qualquer trabalho que aparecesse assim que me tornei maior... Fazia compras, varria restaurantes, lavava carros.. Qualquer coisa.

– E sua mãe? – perguntou ela com cautela. – Trabalhava?

– Não tinha tempo – respondeu ele com amargura. – Estava sempre ocupada com o amor do momento. Precisava sempre ter um homem por perto, e uma criança atrapalhava. Então, na maior parte do tempo, eu ficava por conta própria.

– Ah, Loukas – murmurou Jessica.

– Tinha o mínimo para sobreviver – continuou ele sombriamente. – Assim que tive idade suficiente, fui trabalhar no porto e economizei o suficiente para construir uma nova vida. Não voltei à Grécia por muito tempo. Viajei pela Europa, mas não como mostram os cartazes coloridos das agências de viagens. Vivi nas sombras de Paris. Aprendi boxe na Ucrânia, e, por uns tempos, fui lutador amador, percorrendo o continente, até que Dimitri Makarov me convidou para ser seu guarda-costas.

– E foi então que me conheceu – disse ela devagar.

Loukas concordou com um aceno. Sim. Fora então que conhecera sua princesa de contos de fadas de pele alva, olhos azuis, e o traseiro mais bonito que já vira. Sua frieza o fascinara; era discreta e cautelosa... Muito diferente da mãe dele e de todas as mulheres com quem Loukas se relacionara até então. Não era predadora nem coquete. Ao contrário, lutara contra a atração que era quase palpável. E o fato de sua princesa tê-lo presenteado com sua virgindade tocara seu coração além de seu corpo, e o fizera propor casamento, porque a amava. Mas fora sumariamente rejeitado. Loukas riu. Como fora idiota.

– Sim – respondeu. – Foi então que a conheci.

– E voltou...? – Jessica respirou fundo. – Voltou a ver sua mãe?

Loukas enrijeceu, porque não importava a dor e o sofrimento que lhe causara... continuava sendo sua mãe.

– Só uma vez – respondeu sem emoção. – Há anos eu lhe enviava dinheiro, porém não suportava pensar em voltar. Então, quando ela estava para morrer, retornei para encontrá-la em um... casebre. – Ele tomou fôlego e prosseguiu. – Por causa de seu último namorado, um abutre que minara sua dignidade assim como tirara todo o dinheiro que eu mandava. Lembro-me de como estava fraca quando pegou na minha mão e me disse que *amava* esse vagabundo. E, mesmo tendo tido sempre péssimo gosto para escolher homens, esse era especial. Recusara-se a lhe comprar qualquer remédio para a dor, porque estava muito ocupado gastando o dinheiro dela nos cassinos.

– Foi então que surgiu a cicatriz?

Loukas concordou com um aceno, refletindo como essa história devia parecer estranha para uma pessoa como ela.

Voltou a sentir raiva. Ele fora jovem e sabia lutar, mas o amante de sua mãe era desleal. Loukas não notou o brilho da lâmina quando a faca surgiu de repente, e, de início, nem percebeu que fora atingido, mas o sangue logo borbulhou. Retornando ao momento presente, disse com ódio:

– A única coisa boa que resultou disso foi que prenderam o sujeito e ele não pôde mais roubar de minha mãe. Mas já era tarde demais para ela.

– O que quer dizer? – sussurrou Jessica.

– Ela morreu naquela mesma semana, enquanto eu recebia alta do hospital depois da facada. Mais tarde, descobri, remexendo na documentação que minha mãe mantinha, por que sempre se recusara a falar de meu pai. – Viu a pergunta no olhar de Jessica. – Como já disse, ela não sabia escolher seus homens e descobri que meu pai abusara dela. Não me surpreendeu. Porém, o interessante é que descobri também ter um irmão gêmeo.

Jessica atirou a cabeça para trás e arregalou os olhos.

– *Um irmão gêmeo?*

– Isso mesmo. Alek fora criado por meu pai... Uma criação muito diferente da minha. Coloquei detetives para localizar seu paradeiro e o encontrei em Paris. – Fora esse encontro que fizera Loukas enterrar *todos* os seus fantasmas e prosseguir de maneira diferente. E Jess fora o fantasma mais persistente, o que continuara a rondar sua mente como algo eternamente belo.

– Como... – A voz dela tremeu. – Como conseguiu descobrir seu irmão? Por que sua mãe nunca lhe contou?

– Porque meu pai era cruel e poderoso, e ela fugira dele. Ela não podia assumir física e financeiramente dois bebês, então deixou Alek para trás.

– E baseada em que ela fez sua escolha?

Loukas balançou a cabeça.

– Aleatoriamente. Ela sabia que nunca poderia voltar, então decidiu extirpar aquela parte de sua vida completamente. Fingir que nunca existira. – Riu. – E creio que posso entender. Era melhor esquecer do que enfrentar que deixara seu outro filho nas mãos de um cruel tirano.

– Ah, Loukas.

Ela fez menção de acariciar sua face, mas Loukas segurou sua mão com força. Virou a palma para cima e deslizou a língua ali sem parar de fitá-la.

– Não quero sua piedade, Jess. Não foi por isso que lhe contei minha história.

Ela estremeceu diante da carícia sensual.

– Então *por que* me contou?

Ele refletiu. A pergunta certa seria por que escondera antes, porém percebeu que fora porque se envergonhava. Tinha vergonha do ambiente onde fora criado, desejara tanto sua dama inglesa e elegante que se tornara evasivo para que ela o aceitasse como era naquele momento e não como fora no passado.

Porém, ela não o aceitara de jeito nenhum. Loukas não fora suficientemente digno de Jessica e talvez nunca fosse.

Então não respondeu sua pergunta e apenas a fitou. Lembrou que ela confessara que o amava e como ele acreditara por um curto espaço de tempo. Mas falar era fácil, não? Sua mãe costumava

dizer que o amava e depois o deixava sozinho e afastado enquanto saía com o namorado do momento.

– Por que recusou meu pedido de casamento? – perguntou à queima-roupa.

Ela mordeu o lábio e fitou os lençóis desarrumados.

– Porque... Porque pensei que fizera isso para ser cavalheiro e me salvar da fúria de meu pai.

– É a primeira vez que me chamam de cavalheiro – retrucou ele com sarcasmo. – Mas não acho que esteja sendo inteiramente honesta, Jess. Talvez tenha me recusado para proteger sua fortuna de alguém que não tinha nada... e que poderia querer se casar com você pelos motivos errados?

O rubor nas faces dela respondeu sua pergunta.

– Bem, isso também – admitiu Jessica, erguendo os olhos para ele como se quisesse ser aplaudida por sua franqueza.

Loukas tornou a rir. Ela o vira como uma grande oportunidade... de fazer sexo, porém o mantivera a distância quando se tratara de ter um relacionamento sério.

E não era loucura o fato de *até agora* isso magoar?

Loukas não lidava bem com a dor. A dor física não tinha problema, mas a emocional era insuportável. Aprendera que só havia uma maneira de permanecer imune. Não se envolver. Não deixar ninguém chegar perto demais. Era uma regra simples, mas eficiente. Entretanto, fora estúpido em relação a Jessica e baixara a guarda.

– Quer saber de uma coisa? – disse ele. – De certa forma, você me fez um favor. Percebi que casamento não era para mim.

– Por isso nunca se casou até hoje? Por isso ainda vive em hotéis de luxo em vez de ter um lar de verdade?

– Sim. Estou acostumado com esse estilo de vida e não trocaria por nada.

– E filhos? Não quer?

– Por que diabos ia querer trazer crianças ao mundo apenas para fazê-las sofrer? Sei o que é uma infância infeliz e meu irmão também sabe.

– Certo – retrucou ela sem muita convicção.

Loukas viu uma sombra em seus olhos... Como se suas palavras a *ferissem*, como se ela quisesse acabar com o sofrimento dele. Mas ele não precisava disso. Não desejava a simpatia nem a compressão dela. Não desejava que ela o fitasse como se fosse um quebra-cabeça para resolver, porque ele estava muito bem do seu jeito. Havia milhões de coisas que não desejava dela, e apenas uma que desejava.

Então a segurou nos braços sentindo o calor de sua pele. Ela ergueu o rosto e entreabriu os lábios, e, por alguns segundos, Loukas apenas a provocou. Deslizou a boca sobre a sua, para um lado e para o outro, até que ela gemeu entre frustrada e feliz, passando as mãos pelo pescoço dele e apertando seu corpo.

Isso, Loukas pensou começando a beijá-la de verdade... Isso era tudo que queria de Jessica Cartwright.

CAPÍTULO 8

QUE DIFERENÇA um dia podia fazer. Ou uma noite. Quando Loukas estivera determinado a mostrar para Jessica tudo que ela estava perdendo.

Sexo.

A garganta seca.

Uma obra-prima de desejo e satisfação.

Ela mal dormira e deveria estar com um humor terrível ao encontrar a equipe de filmagem na manhã seguinte. Porém, não era assim que se sentia. Sentia-se *viva*. Como se todos os seus sentidos tivessem explodido de repente. Os diamantes que, no dia anterior, pareciam pesar uma tonelada em volta de seu pescoço, nesse novo dia, a acariciavam e a faziam se sentir sofisticada, reluzindo de encontro a sua pele. E o vestido muito justo já não a constrangia. Estava consciente do modo como delineava seus seios, erguendo-os e a fazendo se lembrar dos beijos e carícias de Loukas que haviam compartilhado na cama durante a noite.

– *Uau!* – exclamou o fotógrafo suavemente quando ela se postou na gôndola. Mas, nesse dia, conseguia se equilibrar apesar do balanço. E quando lhe disseram para fazer bequinho e mostrar um ar sonhador, não tivera problemas. Aliás, era difícil parecer outra coisa *além* de sonhadora quando só conseguia pensar no homem dos olhos negros que se inclinara para beijá-la.

Entretanto, beijos podiam deixar uma pessoa cega para a realidade e Jessica precisava ficar se lembrando que tudo não passara de sexo... *Porque o que mais poderia ser?*

Loukas deixara claro que as experiências o haviam endurecido. Mudara e já não existia espaço em sua vida para casamento. Ela se lembrou de como sua voz ficara fria quando lhe perguntara sobre crianças e, guardando na mente o que ele dissera, podia culpá-lo por não querer filhos? Todas as coisas que havia lhe contado sobre sua infância a conscientizaram de como o início de sua vida fora triste.

Não era de admirar que relutasse em falar do passado. Além disso, descobrir sem mais nem menos que tinha um irmão gêmeo... Tal notícia devia ter balançado seu mundo.

Então Jessica decidira ser muito madura. Aceitar a pessoa que Loukas era, e se a noite anterior fora a única, aceitaria isso também. Sem lágrimas. Sem remorsos. E definitivamente sem

recriminações. Tivera sua oportunidade havia muito tempo e a desperdiçara. Não podia culpar ninguém por isso a não ser ela mesma.

Dessa vez, Loukas não assistiu à sessão de fotos. Antes de deixar o quarto de Jessica muito cedo pela manhã, alegara que precisava trabalhar. Ela supôs que saíra na surdina para que ninguém o visse, pois haveria comentários caso a equipe descobrisse que o CEO da Lulu estava dormindo com sua modelo.

Ela passou o dia inteiro sendo fotografada, mas sentia-se bem. Depois do vestido de baile, foi a vez de um conjunto de seda branca com pantalonas e jaqueta. O colar de diamantes foi substituído por brincos simples também de diamantes e, em alusão a sua antiga imagem despojada, usou uma pulseira muito fina de diamantes, que reluzia discretamente em seu pulso.

A última tomada do dia foi com Jessica usando um minivestido e monocromático com botas impermeáveis, enquanto ficava no meio da Praça de São Marcos molhada de chuva. Mesmo arrepiada, ela não sentiu frio. Patti ia lhe dando goles de café quente e pedacinhos de *croissant*. Turistas se juntavam para apreciar, porém, nesse dia, Jessica não se importava. Quando o diretor de arte encerrou a jornada de trabalho e veio felicitá-la, ela se sentiu realmente competente. Cumprira o que viera fazer ali. Fornecera a imagem que desejavam. Mostrara para todos, e para si mesma, que podia mudar. Não era uma sensação poderosa?

Voltaram todos juntos para o hotel pelas ruelas que iam escurecendo no final da tarde, e Jessica se perguntou se alguém fora na frente para avisar Loukas que estavam regressando. Seu coração acelerou ao ver a figura poderosa e sombria que se adiantava para conversar com o diretor de arte; ela apertou o xale de caxemira contra o corpo, receando que alguém visse seus mamilos enrijecerem de repente. Os dois homens conversaram animadamente por alguns minutos, e depois Loukas olhou em volta até encontrar Jessica, que prendeu a respiração ao vê-lo se aproximar.

Um sorriso suave brincava nos lábios dele.

– Soube que fez um trabalho excelente hoje, Jess.

Ela também sorriu ocultando sua excitação. Tentou se convencer de que só se sentia assim porque ele era um homem viril com quem passara a última noite. Nada mais.

– Obrigada.

– Gostaria de perguntar o que mudou de ontem para hoje – murmurou ele. – Mas creio que ambos sabemos a resposta, não?

Ela ergueu o queixo.

– Está querendo elogios pelo seu desempenho na cama, Loukas?

– Por que faria isso quando você me deu todos os elogios ontem à noite? – Ele estreitou os olhos.

– Gostaria de repetir hoje o que fizemos caso tenha esquecido?

– Não será necessário porque não esqueci. – Ela se apressou a dizer. Viu Patti e os outros rumando para o elevador, provavelmente para fazer as malas, e seu coração se apertou ao pensar que o sonho acabara. *E ela não queria que acabasse.* – É melhor subir e fazer a mala.

– Pode fazer isso, ou podemos ficar mais um dia para conhecer melhor a cidade.

Ela o fitou de olhos arregalados.

– O que foi Jess, não gostou da ideia?

– Não é isso. É claro que você... – Ela tentou sufocar o tremor de animação e deu de ombros. – Ah, não sei. Deve ter trabalho a fazer.

– Sou o dono da empresa. O trabalho pode esperar... Por outro lado, eu não posso...

As palavras ficaram no ar apenas sugerindo o que ele desejava dizer. Jessica entendeu, mas, como havia muito tempo não participava de joguinhos sexuais entre amantes, esquecera-se da mais importante regra que era manter a conversação inocente. Então insistiu:

– Você não pode o quê?

– Não quero esperar – respondeu ele suavemente. – E não pretendo esperar. Ainda a desejo. Tanto que já estou excitado só por ficar tão perto de você. Minha vontade era arrancar essa calça de seda que está usando e acariciar suas lindas pernas.

Baixara o tom de voz para que só ela o ouvisse. Mesmo assim, Jessica olhou em volta apavorada que alguém passando ouvisse também ou que os mais observadores pudesse ler através da linguagem corporal dos dois.

– Loukas! – Ela tentou protestar, porém a voz saiu rouca e trêmula, parecendo mais um convite.

Ele balançou a cabeça, rejeitando qualquer objeção.

– Uma noite não foi o suficiente. Muito longe de cancelar oito longos anos de febre em meu corpo. Uma febre que nunca desapareceu completamente apesar das mulheres que levei para a cama. – Fitou-a intensamente. – Também foi assim para você, Jess? Creio que sim, pois estava muito selvagem e ansiosa ontem – finalizou com voz profunda.

Instintivamente, ela desejou levar na brincadeira e abafar os sentimentos antes que começassem a crescer e dominá-la. Era um mecanismo de defesa que a ajudara no passado. Por isso, conseguira aceitar o fim da carreira promissora como tenista antes mesmo que deslanchasse.

Esse mecanismo de defesa também possibilitara que recusasse a oferta de casamento de Loukas, porque ela tivera certeza de que era a coisa certa a fazer. E, no momento presente, sabia que seria melhor que a noite anterior fosse a única. Uma única noite maravilhosa e que nunca mais voltaria a acontecer. Porque era fácil ser objetiva com uma só noite. Se houvesse outras, ela estaria encenada.

Abriu a boca para dizer não, porém algo na expressão do rosto de Loukas a fez calar. Seria uma súbita meiguice no seu olhar que a fez lembrar do antigo Loukas antes que a vida o modificasse para sempre?

Porque a maneira como ele a olhava tocara uma parte de seu íntimo que Jessica julgara ter morrido há muito tempo. E estava surpresa por Loukas não ter descoberto por conta própria a razão para ela ter sido tão *selvagem* na noite anterior. Não apenas porque estivera privada de sexo desde que ele saíra de sua vida, mas porque ele a fazia se sentir *plena* de alegria e prazer. Plena de amor.

Jessica mordeu o lábio. Como regra geral, não poderia espontaneamente estender uma viagem ao exterior, porque Hannah estaria em casa e ela não abria mão de ficar com a meia-irmã. Mas Hannah estava a milhares de quilômetros de distância e não havia mais ninguém que se importasse com Jessica ou soubesse onde estava. Podia chamar isso de isolamento ou encarar como liberdade. Responder sim ou não... A escolha era sua.

– Está bem – respondeu. – Seria uma pena viajar tanto e não conhecer um pouco da cidade.

Ele sorriu de modo conspirador.

– Foi isso mesmo que pensei.

As mãos dela tremiam quando se dirigiu ao quarto para trocar a roupa por jeans, suéter e jaqueta impermeável... Estava quase contente que o dia estivesse nublado para poder vestir suas roupas diárias que a faziam se sentir à vontade e não uma gatinha fabricada para ser glamourosa.

Encontrou Loukas no térreo e deixaram o hotel, mas, assim que as ruelas estreitas começaram a engoli-los, ele a empurrou para um bar nas sombras.

– Precisa de um drinque – disse com firmeza. – E não almoçou, certo?

– São quase 16h, Loukas. Não conseguiremos almoçar a essa hora.

– Sei disso, mas Veneza é uma cidade preparada para qualquer eventualidade. – Com delicadeza, a fez sentar em um banquinho do bar e acenou para o proprietário que limpava um copo. – Vai beber o vinho da região conhecido por *ombra*, e vai comer esses deliciosos aperitivos, chamados de *cicchetti*. Relaxe, Jess. Pare de ficar tão tensa. – Baixou a voz. – Finja que ainda estamos na noite passada e que eu a estou beijando.

Loukas refletiu no que ela estaria pensando quando fixou os lindos olhos nele. Pressentiu que ela enfrentava uma luta interna como se ainda o repelisse, e talvez fosse isso que o atraía. Seria o leve ar de desafio, ou *contenção* de Jessica que reforçava a sensação de que aquela *coisa* entre os dois ainda não se resolvera?

E por que não?

Ele endureceu o queixo. A essa altura ela já deveria estar encantada por ele, e não pensava assim por arrogância, mas porque era um fato. Uma noite de sexo bastava para, em geral, garantir a adoração de suas parceiras, e a história dos dois era mais um motivo para que ela já tivesse sucumbido.

Entretanto, assim era Jessica Cartwright. Quanto mais perto ele chegava, mais ela parecia ficar arredia, e isso só aguçava seu instinto de caçador. Loukas bebericou o vinho. Seria por esse motivo que a desejava tanto, por que ela o mantinha a distância a não ser quando estavam colados na cama?

Ela bebericou o vinho também, olhando em volta do bar escuro como se desejasse absorver a atmosfera.

– Você parece conhecer Veneza muito bem – comentou.

– Conheço – respondeu Loukas. – Fez parte de meu *grand tour*, mesmo que eu quase não tivesse dinheiro quando aqui cheguei.

– E como sobreviveu?

Ele deu de ombros.

– Sempre há trabalho quando se procura... e eu procurei. Visitei todas as grandes cidades europeias e estabeleci uma meta. Seis meses em cada uma para me sentir confortável como um habitante local.

– E alguma vez desobedeceu a essa regra? Ficou por mais tempo em uma cidade?

– Não vai querer ouvir.

Ela ficou vermelha.

– Quer dizer... por causa de uma mulher?

Ele voltou a dar de ombros.

– Falei que não ia gostar.

– Não me incomoda nem um pouco.

– Mentirosa – murmurou Loukas, inclinando-se e roçando a boca na dela. – Quer conhecer um pouco mais de Veneza?

Ela concordou com um aceno e saíram de mãos dadas ao longo do canal. As mãos dela estavam frias e, apesar da força que haviam adquirido com o tênis, eram pequenas e delicadas. Era a primeira vez que Loukas andava de dedos entrelaçados com uma mulher enquanto apontava para igrejas antigas e praças escondidas, e se alegrava com a beleza da cidade como se fosse a primeira vez que a visitava.

A tarde escureceu e as luzes nas calçadas começaram a luzir, e as ruas desertas adquiriram a atmosfera de mistério que os diretores de cinema adoravam. Alguém acendeu uma luz em um dos edifícios ao longo do Grande Canal e o brilho dourado incidiu sobre o cabelo de Jessica. Caminharam por uma das ruelas e Loukas pensava em levá-la ao pequeno bar que conhecia na Rialto, quando ela o puxou pela manga.

– Ouviu isso?

Ele franziu a testa e balançou a cabeça em negativa.

– Ouça – murmurou Jess.

Porém, Loukas só ouvia o rumor da água e o eco de música distante.

– De novo! – disse ela.

Então ele ouviu... Teria reconhecido instantaneamente se não lhe trouxesse lembranças tão dolorosas. O choro atemorizado de uma criança. Ficou tenso e alerta enquanto se dirigia para o som. Podia ouvir a respiração rápida de Jess, até que se depararam com a forma encolhida de uma criança, um menino, o rosto manchado de lágrimas, os olhos castanhos e imensos cheios de medo.

Jessica correu para ele, mas Loukas a deteve pelo braço falando em inglês e em voz baixa:

– Espere. Cuidado.

– *Cuidado?* – Ela o fitou. – Do que está falando, Loukas? É apenas uma *criança*.

– Pode ser uma cilada para turistas. Crianças são usadas como isca para atrair estrangeiros descuidados. Como em todo lugar há ladrões e batedores de carteira em Veneza.

Ela se soltou com raiva.

– Não me interessa. Vou me arriscar a perder alguns euros, mas quero ajudar. *Largue-me!*

Então Loukas a seguiu enquanto o menino erguia o rosto e gritava:

– *Aiutami. Aiuto...* Socorro.

Loukas sentiu remorso enquanto se agachava e fitava os olhos cheios de lágrimas.

– Vou ajudar – murmurou em italiano. – Onde estão seus pais?

– Não sei! – respondeu o menino enquanto Jessica passava os braços ao seu redor. Loukas ouviu o que ele tinha a dizer em um dialeto que parecia siciliano.

– Diz que se perdeu dos pais e, quando os ouviu chamar seu nome, começou a correr – traduziu para Jessica. – Porém, dobrou uma esquina errada e entrou em pânico. Correu ainda mais e então percebeu que já não ouvia as vozes dos pais. Não ouvia mais nada. Não está machucado, mas muito assustado.

– Não me surpreendo. – Jessica acariciou o cabelo encaracolado do menino. – Veneza é linda de dia, mas deve ser assustadora quando escurece para uma criança perdida. Tanta água. – Estremeceu. – Diga-lhe que vamos ajudá-lo a encontrar seus pais.

Loukas aquiesceu com um gesto de cabeça enquanto fazia o garoto se levantar e falava em voz calma e baixa. Virou-se para Jessica, que o questionava com o olhar.

– Expliquei que vamos levá-lo para a *questura*, a polícia, e que provavelmente encontraremos seus pais lá a sua espera. Vamos. Ele quer que você segure sua mão. Ah, e seu nome é Marco.

– Marco – repetiu Jessica com suavidade, enquanto o garotinho se segurava em seu quadril e soluçava.

CAPÍTULO 9

– **P**OBRE MENINO – lamentou Jessica enquanto acendia um abajur e o quarto se enchia de uma luz dourada. – Estava simplesmente apavorado.

– E não era para menos – retrucou Loukas, fechando a porta. – Perder-se em Veneza aos 7 anos não é recomendável.

– Acha que ficará bem?

– Sim. – Loukas franziu a testa. – E você, Jess? Está *bem*?

Jessica aquiesceu com um gesto de cabeça, esperando que seu sorriso transmitisse a serenidade que estava longe de sentir. Haviam voltado ao seu quarto no hotel, onde encontraram champanhe em um balde de gelo enviada pelos pais agradecidos de Marco Pasolini. Jessica e Loukas tinham trombado com o casal apavorado na porta da delegacia, onde correram levando o garotinho que continuava segurando a mão de Jessica. A seguir, houvera uma pequena cena dramática com a mãe de Marco, ao mesmo tempo soluçando e ralhando, até que agarrara o garoto nos braços e o cobrira de beijos. Enquanto isso, o pai, segundo Loukas que serviu de intérprete, oferecia a casa da família na Sicília, seu iate e outras diversões em suas inúmeras propriedades para quando Loukas e Jessica desejassem.

Mas, agora que o drama terminara, Jessica estava exausta. A experiência a abalara muito, aumentando sua confusão. Sentia que não deveria estar em seu quarto com Loukas. Depois da noite de paixão que possivelmente lhe traria remorsos, no momento, não tinha certeza sobre o que deveriam fazer.

Será que Loukas esperava tirar suas roupas de novo e realizar mais uma maratona sexual? Jessica esperava que não. Sentia-se envergonhada e inexperiente como se não fosse corresponder às expectativas dele uma outra vez.

Recordou a reação instintiva de Loukas diante da criança perdida. Pensara que era uma armadilha.

– Estou bem – disse, tirando a jaqueta e percebendo que suas pernas tremiam. Deixou-se cair sobre uma poltrona e o fitou. – Por que concluiu logo que Marco era um batedor de carteiras? Foi muito duro e precipitado.

Ele soltou uma breve risada.

– Porque passei muitos anos como guarda-costas, e a suspeita faz parte de minha natureza. Aprendi a viver suspeitando. Quando se trabalha para um dos homens mais ricos do mundo, a ameaça surge das direções mais improváveis. Aprendi às minhas próprias custas. Nunca se deve acreditar sem pensar no que se vê ou se ouve. Nada é como parece.

– Uma maneira muito cínica de viver – comentou ela.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Sou pessimista porque sempre vejo o copo meio vazio e não meio cheio?

– Sim, algo parecido.

– Bem, é um modo de não me decepcionar. Quando não se tem muitas expectativas, não se sofre frustrações. – Seus olhos negros brilharam. – Mas você foi ótima com o garoto. Agiu com muita naturalidade.

Parecia que estava surpreso e não disfarçou.

– Não esperava por isso? – perguntou Jessica.

Loukas deu de ombros.

– Nunca a julguei do tipo maternal.

Devia ser difícil para ele reconhecer o “tipo maternal”, Jessica pensou. A mãe de Loukas sempre pusera os homens na frente do filho, então como criticar sua maneira de ver as pessoas e as coisas? Ou talvez se lembrasse dela, Jessica, como uma obcecada que só pensava em tênis.

– Não sei se nasci com esse instinto – respondeu –, mas, sem dúvida, aprendi a ser maternal. Precisei quando me tornei a mãe substituta de minha meia-irmã.

– A garotinha que estava sempre escondendo sua escova de cabelo? – Ele tentou lembrar. – Hannah?

Jessica sorriu. Engraçado ele recordar até o nome.

– Sim. Quando meu pai, *nosso* pai, e a mãe dela morreram, passei a cuidar de Hannah. Precisava fazer isso.

– Não – retrucou ele, voltando a franzir a testa. – Deve ter tido uma opção, mas escolheu tomar conta dela. Quantos anos Hannah tinha na ocasião?

– Dez.

– E você... Tinha 18?

Ela concordou com um aceno, pensando como Loukas estava lindo com a silhueta recortada pelo céu de Veneza. As janelas continuavam abertas e a cúpula da magnífica igreja da Salute surgia além da água prateada.

– Sim. Tinha 18 anos. As autoridades queriam mandar Hannah para uma família apropriada, mas lutei muito para mantê-la comigo. Eu não...

– Não o quê?

Jessica hesitou. Mantinha tudo fechado em seu coração porque aprendera a ser assim para vencer no jogo. E quando se fazia o mesmo por muito tempo, isso se tornava um hábito. Um pouco como Loukas, ela só via perigo em volta. Quando se construía uma muralha tudo ficava seguro, pelo menos em teoria. Mas a emoção sofrida nesse dia com o menino depois da noite de sexo intenso a deixara...

Não tinha certeza. Por certo, não se sentia como Jessica Cartwright.

– Não quis que Hannah partisse. Não por amá-la. – Limpou a garganta. – Pelo menos não a amava no início. Jamais tivemos um relacionamento fácil. Ela era a filha adorada de um casal muito apaixonado e eu não passava de uma estranha no ninho... O fruto do primeiro casamento, um mau casamento que nunca deveria ter acontecido, pelo menos foi isso que ouvi meu pai dizer para minha madrasta certa vez. Hannah estava sempre entre seus braços e eu sempre no frio, literalmente falando, porque vivia nas quadras de tênis. Creio que Hannah tinha um pouco de ciúmes de minha carreira de tenista. Ela escondia não só minha escova como minha raquete também. Chegou a jogar fora meu estúpido amuleto, e depois meu pai me disse que campeões não precisavam de amuletos... Apenas de técnica e determinação.

– Então por que lutou tanto para ficar com Hannah?

– Ela estava sozinha e triste – respondeu Jessica com simplicidade. – Como não ajudá-la? – Mas não fora fácil porque Jessica estava só e triste também. Sentia falta do pai. De sua carreira. E de Loukas. Dele então era demais.

Retornando ao momento presente, percebeu que estava com frio. Cruzou os braços sobre o peito, desejando não ter tirado a jaqueta, em especial agora que Loukas passeava o olhar sobre seu corpo.

– Por que não toma um banho? – sugeriu ele de supetão.

Jessica se levantou sem jeito.

– Boa ideia. – Rumou para o banheiro, de repente, refletindo que ele não a tocara desde que haviam voltado ao hotel. Talvez estivesse se precavendo como ela fazia.

Colocou óleo com aroma de laranja na banheira e, devagar, mergulhou o corpo dolorido. Talvez Loukas tivesse concluído que a história entre eles era muito triste para que pudessem ter agora um caso mesmo que descompromissado. Ou, quem sabe, era ela quem não conseguiria ter um relacionamento sem consequências.

Porque seus sentimentos por Loukas já estavam mudando, minuto a minuto, e começava a se preocupar com o que ele pensava a seu respeito. Começara a procurar emoções por trás dos olhos escuros dele, porém era uma perda de tempo. Fora completamente honesto sobre as razões de querer sexo com ela de novo... Então por que tentar transformar aquilo em algo que não era? Embarcar em uma busca por algo que nunca aconteceria só traria sofrimento.

Jessica permaneceu mergulhada na banheira por muito tempo... O suficiente para engelhar a pele dos dedos e para que Loukas tivesse se cansado de esperar e partido deixando um bilhete rabiscado no bloquinho do hotel. Porque sem dúvida ele não iria bater na porta do banheiro para perguntar quanto tempo ela pretendia ficar ali. Será que vira a estranha timidez que a dominara quando se entreolharam junto do pequeno Marco na ruela deserta? Pois, naquele momento, Jessica vira a imagem do garotinho que Loukas fora e toda a tristeza que o dominara. Pegara-se pensando nas crianças que poderia ter com ele. Mas tratou de se lembrar que Loukas não queria ter filhos. Deixara isso muito claro.

Passando a escova no cabelo úmido, enfiou o roupão largo que estava pendurado atrás da porta do banheiro. Caminhando descalça até o quarto, encontrou Loukas escarrapachado em uma das poltronas e profundamente adormecido. Seu rosto estava curiosamente relaxado enquanto música clássica saía de um aparelho de som invisível.

Jessica ali ficou sem saber se devia ou não acordá-lo, mas então os cílios dele tremeram e ela se viu presa ao brilho de seus olhos escuros.

– Olá – murmurou Loukas. – O banho foi bom?

Ela aquiesceu com um gesto de cabeça, sentindo um nó na garganta que a impossibilitava de falar. Porque a pergunta inocente que Loukas lhe fizera parecera tão tristemente... *doméstica*. Uma pergunta que parecera zombar dela e provocá-la com seu tom íntimo. Aludindo a uma intimidade de verdade que eles nunca teriam.

De repente, bateram à porta e Jessica o fitou.

– Serviço de quarto. – Loukas esclareceu em resposta à pergunta nos olhos dela.

– Não pedi nada – protestou Jessica.

– Mas eu sim – retrucou ele. – Por que não se deita na cama, Jess? Parece exausta. E não me olhe como se eu fosse o grande lobo mau, *koukla mou*. – Sua voz se tornou séria. – Posso muito bem ficar no mesmo quarto sem pular sobre você.

Ela acenou, concordando e sentindo a gangorra de suas emoções que oscilava a cada coisa que ele dizia. Não pensara em fazer sexo, mas, agora que ele falara, achava que queria sim. Porém, Loukas parecia muito mais preocupado com o jantar!

Pelos menos, ele estava de costas quando atendeu a porta, portanto não podia ver a nudez dela ao retirar o roupão que deslizou para o chão e o modo apressado como se deitou na cama. Foi uma bênção mergulhar na maciez e frescura dos lençóis e sentir o colchão firme por baixo da pele gelada. A coberta a envolveu como uma grande e macia nuvem.

Disse a si mesma que não estava com fome, mas devia estar porque, quando Loukas lhe trouxe a comida, um caldo de legumes seguido de sanduíche de queijo na chapa, ela começou a devorar tudo com um apetite fora do comum. Comida de consolo. Era assim que diziam quando se comia para não pensar em outra coisa, e a descrição não poderia ser mais correta. Quando terminou, repousou a cabeça no travesseiro de penas enquanto o som de violinos se infiltravam no ar.

– Sente-se melhor? – Ele quis saber.

– Muito. – Jessica bocejou. – Não sabia que gostava de música clássica.

– Muito refinada para um brutamontes e ex-guarda-costas? – Seus olhos brilharam com ironia. – Pensou que preferia heavy metal?

Sentindo-se muito relaxada e confortável para discutir, Jessica sorriu com preguiça.

– Mais ou menos isso.

– Por que não fecha os olhos, Jess? Pare de lutar contra o sono. Parece cansadíssima.

Sua voz profunda a embalava. Parecia veludo de encontro a sua pele. Jessica queria perguntar o que ele estava planejando, mas suas pálpebras estavam pesadas e ela pensou nas palavras de Loukas, e se perguntou por que lutava para ficar acordada.

Então mergulhou em um sono leve o suficiente para sentir o colchão afundar quando Loukas se deitou ao seu lado. Puxou-a para si e o agradável choque dos músculos e da pele quente a fez perceber que estava nu também. Será que isso significava que também queria *sexo*?

– Loukas – murmurou.

– Shh – interrompeu ele com os braços à volta de sua cintura e a puxando ainda mais para perto de si. O quarto mergulhou na escuridão quando ele apagou a luz do abajur.

Jessica devia ter dormido, porque, quando voltou à consciência, viu que apoiava a cabeça no ombro dele e que sua boca tocava o queixo barbudo. Ela o beijou. Não podia resistir; seus lábios pareciam programados para roçar aquela curva com a barba que despontava. Ele resmungou alguma coisa enquanto deslizava a mão até as nádegas dela e com a outra segurava sua nuca direcionando os lábios de Jessica para sua boca.

O primeiro beijo foi preguiçoso. Quase em câmera lenta, como se os dois tivessem todo o tempo do mundo. Como se Jessica nunca tivesse beijado Loukas de maneira apropriada. E talvez não tivesse mesmo. Sob o manto protetor da escuridão, parecia haver milhões de maneiras de explorar a boca de um homem, e ela iria descobrir cada uma. Podia sentir que Loukas sorria enquanto, sempre devagar, ela passava a ponta da língua em seus lábios. Ele ronronou como um gato satisfeito quando ela depositou beijinhos rápidos ali, um atrás do outro. Loukas se sentia quente e confortável, e, em breve, Jessica deslizava um dedo sobre seu tórax, continuando para baixo. Porém, ele a deteve quando ela alcançou a base do estômago, sentindo o pulsar da ereção.

– Ainda não – disse ele com urgência. – Estou tão excitado que mal me arrisco a enfiar a camisinha.

Jessica engoliu em seco, porque algo nas palavras dele enviaram pensamentos loucos para seu cérebro.

– Mas vai usar?

– Sim, vou, mesmo que esteja louco para sentir minha pele nua dentro de você. Carne contra carne. Minha semente no seu corpo.

Suas palavras a excitaram, mas provavelmente fora essa a intenção dele. Essas palavras a fizeram lembrar que, para Loukas, tudo era técnica, como no tênis. Podia parecer que estava sendo profundo, emotivo, e muito íntimo, mas não era verdade. Os sonhos e desejos estúpidos dela é que faziam destorcer tudo, e não devia fazer isso, de jeito nenhum.

Entretanto, era difícil não se deixar levar quando Loukas a beijava nos seios com uma reverência quase carinhosa. Ou quando ele a erguia sem esforço como agora para colocá-la sobre o próprio corpo, murmurando palavras suaves em grego que pareciam quase *amorosas*. Suspeitando que ele fosse querer assistir enquanto ela se movia para cima e para baixo, como se cavalgasse, esperou que Loukas estendesse a mão e acendesse a luz, mas ele não fez isso. E a ausência de um holofote no rosto dele significava que Jessica podia se soltar, e era isso o que mais desejava fazer.

Então passou os dedos pelo cabelo dele dizendo a si mesma que Loukas era lindo, e quando ele ficou tenso por um instante revelando suspeita com o gesto carinhoso, isso foi logo esquecido no momento que o cavalgou com uma determinação que, de repente, fugia ao controle.

– Jess! – Ele quase engasgou, e ela nunca o ouvira pronunciar seu nome de maneira tão emocionada.

Mas logo Jessica barrou os próprios pensamentos e se concentrou no corpo.

E a coisa mais estúpida aconteceu ao se pegar pensando que preferia que Loukas *não* estivesse usando camisinha.

CAPÍTULO 10

— SÃO EXTRAORDINÁRIAS – disse Gabe Steel devagar. – Possivelmente, a maior transformação que já vi. Cinderela nem se aproxima disso.

Loukas fitou o modelo do anúncio que cobria quase toda a enorme escrivaninha do diretor de publicidade, e se sentiu hipnotizado pelas imagens que o fitavam de volta. Jessica Cartwright com uma aparência que ele jamais imaginara possível. Quem teria pensado? Balançou a cabeça devagar. Permanecera ausente no segundo dia de filmagens e sabia que a equipe ficara contente com o resultado, mas, mesmo assim, era difícil de acreditar que essa era a mesma Jess que usava roupas clássicas em tons de creme e marrom enquanto seu rabo de cavalo comportado dançava ao vento. A mesma Jess que ficara oscilando sobre a gôndola na primeira sessão de fotos, parecendo uma garotinha com as roupas da mãe.

Loukas sentiu a garganta apertada.

As fotos em preto e branco só recebiam a cor dos lábios vermelhos dela e do laço que era o logotipo da Lulu aos seus pés. De encontro ao cenário imponente da famosa cidade, Jessica inclinava a cabeça e fitava fixamente as lentes da câmera. Seus seios estavam realçados pelo decote baixo que exibia os diamantes reluzentes como fogo gelado sobre sua pele branca. Uma brisa suave erguera seu cabelo louro de modo que as mechas curtas dançavam perto de seu queixo e seus olhos sonolentos se sobressaíam com a franja pesada.

Porém, era mais do que a beleza de Jessica ou do ar de fragilidade que projetava ou até do modo como seus olhos pareciam brilhar de maneira estranha. Jessica personificava sexo. Era isso. A sensualidade se irradiava de cada um de seus poros. Estava em cada gesto que fazia. O beicinho era desafiador e a mão levemente pousada no quadril inclinado tornava realidade a fantasia de todo homem.

– Que diabos aconteceu com ela? – perguntava Gabe, estreitando os olhos para Loukas, que não respondeu.

Como poderia responder com a verdade quando sabia que iria parecer um machão se vangloriando de suas proezas sexuais? *Ela parece uma mulher que acabou de fazer sexo muito bem e por horas. Devo saber o que estou dizendo por que era eu o homem que estava com ela na cama.*

E isso também não deixava de ser um choque para Loukas. Não esperara que o sexo com Jess fosse tão bom. Pensara que, quando a novidade de tê-la de novo nos braços terminasse, perceberia que existiam dezenas de amantes mais excitantes que Jessica Cartwright.

Tentara se convencer de que exagerara nas lembranças e que mantivera em mente algo que na verdade não existira. Mas acontece que as coisas não tinham sido assim. O sexo com Jessica fora estupendo. E continuava sendo. Loukas se sentia transportado até as estrelas e passava os dias em constante estado de excitação.

Seria por isso que a convencera a ficar?

Por que uma noite se tornara duas e depois três? Ele pretendia que voltassem para a Inglaterra no dia após terem levado Marco para seus pais, porém algo o detivera e Loukas dissera a si mesmo que devia ser o sexo. Entretanto, havia algo mais que o fizera prolongar a estadia em Veneza com Jessica, e esse algo era a certeza perturbadora de que seu relacionamento não sobreviveria à dura luz da realidade. Uma história de amor em Veneza era uma coisa, quando a pessoa se sentia tomada pela arte e a atmosfera, além da grande beleza da cidade, mas outra coisa era a vida de volta ao Reino Unido, onde cada um tinha seu caminho a seguir. Não. Retornando ao momento presente, percebeu que Gabe ainda o fitava esperando uma resposta para sua pergunta.

– Acho que ela amadureceu – redarguiu Loukas com simplicidade.

– Sabe que precisamos capitalizar com isso, não sabe? – prosseguiu Gabe. – Começar logo a campanha, mostrando ao mundo que isso vai ser grande...

Muito distraído, Loukas foi acenando enquanto analisava a foto de Jessica usando o vestido preto e branco, e botas de borracha com os tornozelos afundados na água da praça de São Marcos inundada. A foto a captara no momento exato em que erguia a cabeça para olhar alguma coisa... Um pássaro? E soltava uma risadinha. Apesar de adulta, de repente, parecera ter 18 anos outra vez. Algo apertou o peito de Loukas.

– O que disse? – retrucou com voz rouca.

– Daremos um coquetel para a imprensa no Granchester na segunda-feira à noite com a nova Jessica como convidada de honra.

Loukas franziu a testa.

– Não acha muito em cima da hora?

– Não em uma segunda-feira. E não com seu nome ligado ao convite – respondeu Gabe. – É surpreendente como as pessoas encontram espaço em suas agendas se quem as convida para a festa é muito influente. Farei Patti dar uma olhada no guarda-roupa de Jessica e garantir que ela tenha algo adequado para o coquetel. – Ficou sério e prosseguiu: – Porém, creio que acabaremos comprando mais um vestido e usaremos finas pedras de sua coleção. Dessa vez, nada de diamantes. Vamos usar alguma coisa diferente.

– Safiras – disse Loukas devagar, e a ideia das pedras escuras contrastando com os olhos claros de Jess o fez estremecer de desejo. – Ela usará minhas safiras.

JESSICA SE olhou no espelho. Dessa vez, usava um vestido azul e suas joias reluziam como um céu de meia-noite. Ergueu a mão para o cabelo, observando seu reflexo copiar o gesto, as pontas de seus

dedos tocando uma fivela com uma minúscula safira e um diamante que brilhava como a luz das estrelas.

O som de passos a distraiu e ergueu os olhos para ver Loukas refletido no espelho. Seu coração acelerou.

– Está linda – disse ele.

Jessica fechou os olhos e estremeceu quando Loukas abaixou a cabeça para depositar um beijo em um de seus ombros.

– Estou?

– Sabe que sim. Não precisa que eu lhe diga isso, Jess.

Mas ele se enganava... Precisava ouvi-lo dizer que era linda. Jessica fitou a cabeça morena inclinada; ainda se sentia como uma menina brincando com as roupas de gente grande. Ainda estava vulnerável, especialmente desde que haviam retornado para a Inglaterra e Loukas a persuadira a permanecer em Londres. Dissera que seria loucura não usufruir da suíte de luxo no Vinoly Hotel enquanto continuassem a se *curtir*. Ele dissera isso enquanto passava um dedo sobre um de seus seios despidos, e Jessica não estivera em posição de negar. Na verdade, não estivera em posição de conseguir fazer qualquer coisa a não ser sexo, e era isso que iriam continuar a fazer.

Porém, a realidade de estar em Londres namorando Loukas não era confortável. Ele ia ao escritório todas as manhãs, e apesar de Jessica aproveitar tudo de bom que a cidade oferecia, incluindo uma fascinante exposição de bordados da era vitoriana, sentia-se como um peixe fora d'água. Como se estivesse sempre esperando. Por ele.

E Loukas agora parecia... bem... *diferente*. Ela conteve um suspiro. Não era algo que podia definir. Será que ele agora fazia amor com menos entusiasmo que em Veneza? Ou era apenas sua imaginação? Não podia conversar com Loukas sobre isso sem correr o risco de ofendê-lo. E Jessica não desejava fazê-lo. Queria... Fitou o reflexo dele no espelho enquanto Loukas continuava a beijá-la no ombro... Não sabia o que queria, apenas que não eram rosas, violinos e luar. Não da parte dele. Jessica sentia que, para Loukas, tudo já terminara como quando se virava uma ampolheta e a areia começava cair... A contagem regressiva começara.

Entretanto, não permitiria que ele notasse suas inseguranças ou medos. Iria controlar a situação porque era boa nisso. Então, quando ele ergueu os lábios de seu ombro, conseguiu sorrir com tanta alegria que quase convenceu a si mesma que estava feliz. Pensou na noite que teria e o fitou com certa ansiedade.

– Então tudo que terei que fazer hoje à noite será conversar com as pessoas e circular?

– Isso mesmo. Por que não pratica um pouco agora? – Ele baixou a voz. – Circule. Vamos lá.

– Loukas. – Algo no rosto dele fez suas pernas virarem geleia. – Você... não deve.

– Não devo o quê?

Ela estava sem fôlego.

– Não pode me beijar agora porque meu batom...

– Difícil. – Ele cortou com firmeza, abafando todas as objeções e a beijando tão profundamente que, depois, Jessica precisou aplicar de novo o batom cor de fúcsia.

Porém, o comportamento dele no breve percurso até o Granchester pareceu reforçar sua crescente insegurança. Ninguém diria que formavam um casal, pois Loukas nada fez que indicasse

algo além de um relacionamento entre colegas de trabalho. Não a tocou ou segurou sua mão. Não houve nenhum sorriso de cumplicidade que indicasse para o mundo que Jessica compartilhava sua cama.

Nessa noite, ela era definitivamente a empregada e ele o patrão, e ela se pegou pensando que sua relação sempre fora definida pelo sigilo.

Uma muralha de fotografos aguardava do lado de fora do hotel, e Jessica manteve o sorriso pregado nos lábios enquanto se sentia cegar pelos flashes que saudavam a chegada dos dois. Porque bem sabia que os fotografos e os convidados não estavam ali apenas para ver as joias. Estavam ali para matar a curiosidade a respeito da nova e sofisticada imagem de Jessica Cartwright. Esperavam que ela não correspondesse às expectativas, porque não havia nada que a imprensa gostasse mais do que testemunhar o fracasso dos outros...

Dentro do hotel, as fotos feitas em Veneza cobriam as paredes e dominavam o salão de baile menor do Granchester.

Para onde Jessica olhava, via a si mesma, e quando se habituou à sensação um tanto surreal, ficou surpresa. Estava tão *diferente*. Porém, não era apenas o novo corte de cabelo ou a maquiagem mais forte que o usual. Nem mesmo era o vestido ou as joias que a tornavam tão irreconhecível. Era o brilho em seus olhos... Como se guardasse o mais belo segredo do mundo.

E Jessica percebeu com o coração batendo mais forte que nas fotos parecia uma mulher... Se não *apaixonada*, sem dúvida, muito perto de se apaixonar.

Mas a câmera mentia. Ela sabia disso.

Afastando os pensamentos confusos, tentou percorrer o salão conforme era sua obrigação. Conversou com duas mulheres que trabalhavam em revistas sofisticadas e foi apresentada a um homem que escrevia uma coluna diária para um famoso tabloide. Porém, apesar de seu aparente ar confiante, não conseguia relaxar, em especial por saber que Loukas estava do outro lado do salão e mal lhe dera atenção a noite toda.

Jessica não ousou comer nada com medo de borrar o batom e o único gole de bebida que ousou tomar pareceu tão forte que fez sua cabeça girar. *Este não é o meu mundo*, pensou com desespero. Jamais fora na verdade. Todas as demais pessoas pareciam conhecer seu lugar ali, mas não ela. O sorriso pregado nos lábios era forçado e ela temia que sua conversa fosse maçante para aquela gente tão urbana e sofisticada. Porque sem dúvida ninguém ali estava interessado em discutir bordados ou os cuidados com os legumes.

Foi com uma sensação de alívio que viu Patti e correu para um canto a fim de falar com a estilista e se sentiu mais relaxada pela primeira vez nessa noite. Então, de repente, olhou em volta do salão e viu Loukas em animada conversa com uma morena. Ele já conversara com outras mulheres, é claro, Jessica notara muito bem. Porém essa conversa parecia ser mais... *íntima*.

A moça usava um vestido com brilho e tão curto que Jessica se sentiu como se usasse uma roupa tirada de um museu. Loukas inclinava a cabeça para a frente a fim de ouvir atentamente, e, enquanto a moça falava, seu cabelo negro ondulava como uma cortina reluzente e pesada. Jessica percebeu que ficara tensa quando viu Loukas rir, e Patti devia ter notado, porque seguiu a direção de seu olhar, e sorriu.

– Sim. Deslumbrante, não? *E* é francesa. Foi advogada de direitos humanos antes de começar a escrever para um jornal, e hoje é uma das mais bem pagas repórteres e escritoras do país. A vida é tão injusta, não?

Não pergunte, disse Jessica a si mesma. *Não pergunte*.

Mas perguntou:

– Os dois parecem se conhecer muito bem, não é?

Patti sorriu.

– Sim. Creio que foram amantes por uns tempos. Em Paris.

– Verdade? – Jessica não acreditou que aquela voz de taquara rachada era a sua. Será que seu coração batia tão forte porque estava com *ciúmes*? Mas não tinha o direito de ser ciumenta, tinha?

Fez força para que aquilo não estragasse o resto da noite, dizendo a si mesma que não iria nem mencionar para Loukas. Até no carro, de volta para o hotel, se forçou a conversar sobre banalidades e parecer contente quando Loukas anunciou como todos estavam felizes com seu comportamento.

Passou a mão pela cintura dela quando pararam à porta de sua suíte e Jessica procurou o cartão magnético na bolsa.

– Ei – murmurou Loukas com suavidade. – Quer ir para a minha suíte?

– Hoje não. Você se importa? – Jessica forçou um sorriso. – Estou muito cansada.

– E daí? – Ele passou um dedo lentamente pelas suas costelas. – Já não provei que posso deixá-la dormir mesmo que tê-la nua ao meu lado me deixe louco de desejo?

– Quem era aquela mulher?

A pergunta à queima-roupa foi muito surpreendente e ele arqueou as sobrancelhas.

– Havia muitas mulheres na festa esta noite, Jess. A quem está se referindo?

– A morena. Usando um vestido mini.

– Ah, sim, Maya. – Ele sorriu. – O nome dela é Maya.

Com o coração aos pulos, Jessica abriu a porta da suíte, entrou, e ele a seguiu.

– Por que pergunta? Ficou com ciúmes? – prosseguiu Loukas, como se estivessem conversando sobre o tempo.

– *Não*.

– Mentirosa. – Loukas riu de leve. – Estava e está com ciúmes, posso ler no seu rosto.

E esse foi o alarme para Jessica. Ele não *deveria* ler *nada* em seu rosto, porque um de seus principais pontos fortes era manter a máscara de neutralidade. *Não era*? Se Loukas comesse a ver coisas em seus olhos, como ciúmes, quanto tempo mais levaria para descobrir outros detalhes? Coisas que ela tentava negar até para si mesma. Porque sabia que não valiam a pena. Coisas como ainda gostar dele quando sabia que não havia futuro no relacionamento, coisas como se apaixonar de novo por ele.

E então um pensamento lhe ocorreu e uma terrível suspeita a dominou, e que precisou repudiar com desespero. Jessica sabia que ele era impiedoso. O próprio Loukas lhe dissera isso. Será que ele deliberadamente se esforçara para que ela se apaixonasse a fim de dar o troco pelo que acontecera anos atrás?

– Como já disse, estou muito cansada.

O rosto dele ficou sombrio.

– Maya é o motivo para seu olhar frio e seu comportamento gelado? O fato de me ver conversando com uma ex-namorada é tão terrível? Afinal, estávamos em um evento social. O que queria que eu fizesse, Jess? Que dissesse a ela para se afastar de mim porque estou dormindo com alguém que deseja me manter de coleira?

Jessica balançou a cabeça, dizendo a si mesma que estava sendo idiota, mas não ajudou. *Porque esse era o mundo onde ele transitava. Um mundo repleto de sofisticadas ex-amantes que encontrava por acaso em festas e dizia que não tinha importância, porque não tinha importância mesmo.* Não para ele.

Um homem não adquiria a reputação de playboy ficando em casa todas as noites tomando chocolate quente. Playboys tinham parceiras. Muitas. Playboys eram conhecidos principalmente por nunca se acomodarem, e Jessica precisava aceitar isso. Não se tinha uma segunda chance na vida. Não com alguém como Loukas Sarantos.

– Claro que não, Loukas – retrucou. – Agi de forma totalmente absurda e não sei o que me deu para ficar assim.

Ele segurou o queixo de Jessica com dois dedos e ela não conseguiu virar a cabeça, forçada a encarar seus olhos negros.

– Então o que faremos para melhorar essa situação? – ele quis saber.

Não foi fácil, mas ela sorriu como se esperava que sorrisse. O sorriso com a dose certa de flerte. E que garantiria que ela tivera uma temporária crise de insanidade, mas que tudo estava bem agora.

Porém, não estava. Jessica sentiu como se estivesse à beira de um penhasco que começasse a ceder sob seus pés; a qualquer minuto, ela perderia o equilíbrio e cairia. Caso não tivesse juízo e não desse um passo para trás.

Essa situação não levará a lugar nenhum. Soube disso desde o início. Então dê o fora agora antes que seja tarde demais.

Passando os braços pelo pescoço dele, o puxou para si e ouviu sua risada suave enquanto ele baixava o zíper de seu vestido com os dedos experientes. Jessica fechou os olhos quando as mãos fortes roçaram a pele nua e, imediatamente, começou a tremer.

Só mais uma vez, disse a si mesma.

Só mais uma noite.

CAPÍTULO 11

ELA HAVIA partido quando Loukas regressou do trabalho na noite seguinte, e enquanto lia a única folha de papel que Jessica deixara, percebeu que não era uma grande surpresa. Na noite anterior, em seus braços, ela estivera estupenda, porém Loukas percebera algo no modo como o beijara nessa manhã antes de ir para o trabalho. Uma tristeza que nenhuma química sexual podia disfarçar. Os lábios dela haviam permanecido sobre os dele de um modo que parecera mais melancólico que provocante. E, pensando bem, não houvera certo tremor na sua voz quando se despedira dele?

Loukas não precisava ler as poucas palavras rabiscadas no bloquinho do hotel para saber que Jessica não pretendia voltar.

Fitou o bilhete.

Obrigada.

Ele franziu a testa. Obrigada *por quê*, exatamente?

Gostei muito de ter ido a Veneza e fico feliz que as fotos tenham ficado tão boas, mas sinto falta da Cornualha e meu jardim precisa de mim.

Cuide-se bem, Loukas.

Jess.

Ela nem mesmo mandara um beijo. Desenhara uma daquelas estúpidas carinhas sorridentes, e Loukas amassou a folha de papel, fechando a mão e esmagando com raiva. Ela o deixara. Dera-lhe as costas. De novo. Jess era arrogante, soberba, e ele não precisava disso.

Não precisava disso.

Rumando para a estante com as bebidas, serviu-se de vodca e engoliu de um só gole, do modo como Dimitri lhe ensinara.

Porém, a bebida não cumpriu seu dever. Não diminuiu a fúria que começara a se avolumar dentro dele. Não o impediu de querer tê-la em seus braços e... o quê?

Fazer amor?

Sim. Era isso que queria.

Era tudo que queria. Não era?

Caminhou de um lado para o outro da suíte imaginando por que nessa noite parecia uma gaiola apesar do luxo por todos os cantos. A verdade era que se acostumara com Jessica do outro lado do mesmo corredor... Não era isso? E como diabos se acostumara tão depressa?

Porque não fora *tão* depressa, refletiu. Esse sentimento continuava dentro dele havia anos.

Forçou-se a se concentrar no trabalho, focalizando-se nas negociações para inaugurar uma filial da Lulu em Orchard Road, Singapura. Havia também uma boa notícia que poderia ajudar a esquecer Jessica Cartwright. Sua equipe de vendas informara com animação que as vendas de pedras preciosas na loja de Londres haviam subido surpreendentes vinte e cinco por cento após o anúncio do Dia dos Namorados, e planejavam usar o mesmo anúncio em todo o mundo. *Era* de fato algo grandioso.

Loukas ia todas as noites à academia para malhar até a exaustão, o que deixava o corpo moído, mas sua mente sempre ativa. Passou a rejeitar convites para jantar e se atirou ao trabalho que, pela primeira vez na vida, não lhe proporcionava o ânimo do qual tanto necessitava.

Mas a vida prosseguia e a imprensa continuava louca. Gabe Steel telefonara para dizer que sua agência estava recebendo chamadas da mídia desde que a publicidade com Jess fora divulgada aos quatro ventos. Todos pareciam ansiosos para descobrir como a estrela do mundo do tênis se transformara em uma vamp. Será que ela não gostaria de dar uma entrevista para um jornal? Ou aparecer em um programa de televisão na hora do café da manhã ou em um dos programas mais populares do meio-dia? Estavam planejando utilizá-la em outra campanha em breve?

– Deveria ser uma campanha única – replicou Loukas.

– Sei disso, mas seríamos loucos se não faturássemos com esse sucesso – explicou Gabe. – O problema é que ninguém sabe como contatar Jessica. Ela não atende o celular nem responde os e-mails. Estou pensando em enviar...

– Não. Não se dê ao trabalho. Eu irei – interrompeu Loukas, e foi só quando desligou o telefone que lhe ocorreu que Gabe não questionara o motivo para o dono da empresa ir procurar uma modelo fugitiva do outro lado do país.

Loukas partiu logo cedo na manhã seguinte quando o sol despontou no horizonte e as estradas ainda estavam vazias a não ser por alguns caminhões. Havia muito tempo não ia para a Cornualha e isso lhe trouxe lembranças de uma vida diferente. Recordou a primeira vez quando lá estivera. Seu patrão russo possuía muitas terras ali e mantinha um de seus barcos em Padstow. E recordou do verão que passara ali e que fora o mais glorioso de sua vida. Para um garoto criado nas ruelas apinhadas de Atenas, fora como entrar em um novo mundo, agreste e belo. Longínquo. A maresia no ar e as ondas do oceano batendo na costa.

Enquanto as estradas iam se estreitando e ele passava por vilarejos que pareciam tirados de pinturas, refletiu que as coisas não haviam mudado muito.

E era engraçado ver como seus pés o levavam automaticamente para um lugar que não visitava havia oito anos. Viu a mansão dos Cartwright a distância como uma cidadela brilhante de encontro ao céu azul de inverno com suas dezenas de janelas e seus altos telhados, e os jardins ladeados de lavandas que desciam até os penhascos. Do lado mais plano, havia um atalho que passava pela quadra de tênis onde ele costumava apreciar Jess praticando.

Porém, quando tocou a campainha da porta principal, uma mulher de cerca de 30 anos apareceu, com uma criança pequena agarrada às suas pernas. A mulher lhe sorriu e tocou o cabelo em um gesto instintivo.

– O que deseja?

Ele franziu a testa, tentando descobrir quem ela era.

– Procuro Jess. Jessica.

– Cartwright?

– Sim.

– Já não mora aqui. Compramos a propriedade das pessoas para quem ela a vendeu. Agora ela mora em Atlantic Terrace, perto da estrada do penhasco, a casinha no final com a chaminé torta. Conhece?

Loukas não conhecia, mas aquiesceu com um gesto de cabeça, o cérebro trabalhando febrilmente enquanto agradecia à moça e estacionava o carro no vilarejo, dizendo para si mesmo que precisava do exercício e não admitindo que, na verdade, queria evitar que Jessica o visse se aproximando de sua casa.

Mas não conseguiu raciocinar com clareza. Não se lembrava de Jess ter mencionado que se mudara. Jessica vendera a casa para simplificar sua vida ou porque era grande demais para ela e sua meia-irmã?

Deparou-se com um chalé muito pequeno. Minúsculo. Bateu à porta com força, mas não obteve resposta. De repente, imaginou o que iria fazer se Jess fora embora dali. Ela podia estar em qualquer lugar. Percebeu que desconhecia tudo sobre sua rotina diária. Imaginara que continuava levando a vida de sempre enquanto a dele mudara muito. Fazia parte da imagem fixa que tinha de Jess: a loura da classe alta em sua mansão no campo. Não era mais fácil continuar com raiva de um estereotipo do que de uma pessoa de verdade?

Caminhou para os fundos da casinha e ali a encontrou, revirando a terra furiosamente com uma pá. De início, Jessica não percebeu a presença dele, e Loukas pôde observar à vontade o brim que modelava suas nádegas e seus gestos graciosos.

Então Jessica deve tê-lo ouvido, ou sentido, porque de súbito se virou. Seu rosto demonstrava uma série de emoções, mas de maneira tão vertiginosa que ele não conseguiu definir nenhuma a não ser a que se fixou, e que sem dúvida não era de boas-vindas.

Ela se apoiou na pá como se precisasse se equilibrar.

– O que faz aqui, Loukas?

– *Parakalo...* Por favor – disse ele com ironia. – É bom vê-la também.

Ela pareceu recuperar o controle e se forçou a sorrir com polidez.

– Desculpe. Fiquei um pouco chocada com você se esgueirando até aqui.

– Esgueirando? – repetiu ele.

– Entendeu o que quis dizer. – Jessica deu de ombros, mas o movimento pareceu exigir muito esforço. – Quero dizer que, obviamente, você não está aqui por uma coincidência.

– Obviamente.

Ela arqueou as sobrancelhas para Loukas com curiosidade, porém uma teimosia estranha se apossara dele que não se sentiu disposto a esclarecer.

– Então por que veio, Loukas?

Era a mesma pergunta que ele fizera a si mesmo durante a viagem de quatro horas e meia, mas da qual desistira quando não conseguira encontrar uma resposta satisfatória. Poderia ter enviado alguém até ali sem ir pessoalmente.

– Você não responde seu celular nem os e-mails. – Acabou justificando.

Ela encostou o dedo nos lábios parecendo refletir sobre a acusação.

– Não creio que isso estivesse estipulado no meu contrato quando meu trabalho terminasse – disse por fim.

– Talvez não – retrucou ele, começando a ficar irritado –, mas não acho que seja um absurdo da nossa parte querer entrar em contato com você, certo?

– Nossa parte?

– Zeitgeist – explicou ele, imaginando o que havia de errado com Jessica. Por que estava sendo tão recalcitrante? E tão distante? Não haviam acabado de passar vários dias na maior intimidade possível entre um homem e uma mulher? – E a Lulu – acrescentou. – Você sabe. A empresa que lhe deu seu mais recente trabalho.

– Disseram-me que era um trabalho só. – Ela se agarrou no cabo da pá. – E foi você mesmo quem me disse.

– Pensando bem, talvez eu tenha me precipitado.

O olhar dela era sério.

– Se todos pudéssemos pensar bem antes de agir, Loukas.

Ele franziu a testa. Não queria essa *muralha* impenetrável entre os dois. Queria Jess do seu lado.

– A campanha fez um sucesso estrondoso – explicou.

– Aah. – Ela sorriu. – A campanha.

– Estamos sendo afogados por pedidos de entrevistas, programas de TV...

– Eu também – interrompeu ela com rispidez. – Minha secretária eletrônica fica lotada de mensagens, embora eu apague todas sem ouvir no fim do dia.

– Mas não pensou em responder?

– Na verdade, sim. E depois decidi que não. – Jessica apertou a jaqueta de encontro ao corpo e estremeceu de modo exagerado. – Estou com frio, parada aqui.

– Então por que não me leva para dentro de casa e me oferece sua legendária hospitalidade inglesa?

Jessica hesitou diante do sarcasmo, porém não podia recusar. E o problema maior era que não queria dizer não. Desejava saber o que o fizera vir até ali, surgindo no horizonte como um anjo negro vingador. E principalmente queria que Loukas a beijasse, e ali morava o perigo. Sentira tanta

saudade dele que chegara a doer. E agora que o vira, seu coração doía ainda mais. Esse era um caso perdido e a presença dele não ajudaria em nada. Entretanto, não podia mandá-lo embora depois que dirigira horas até ali para vê-la, podia?

– É melhor entrar – murmurou.

Ele a seguiu até a cozinha e Jessica percebeu que analisava tudo enquanto ela punha a chaleira com água para ferver. O que será que Loukas estava achando do aparador com a coleção de jarrinhas de todos os tipos ou da tela de cortiça com todos os cartões postais pregados que Hannah mandava de suas viagens? Estaria comparando com a enorme, mas impessoal, suíte do Vinoly e pensando que era tudo muito *provinciano* para seu gosto sofisticado?

O vento despenteara seu cabelo negro e o jeans dele era mais desbotado que o dela. A jaqueta de couro marrom também estava bastante surrada. Essas roupas displicentes começaram a pregar peças na memória de Jessica. Como em *flashback*, ela reviu o rapaz que ele fora.

O guarda-costas forte que costumava observá-la do outro lado da quadra de tênis. Porém, não se podia confiar em *flashbacks*... Sempre pintavam o passado com cores lisonjeiras para atrair as pessoas. E voltar era impossível. O passado era o refúgio dos perdedores que não sabiam lidar com o presente, e ela não seria uma perdedora.

Fez chá e levou a bandeja para a pequena sala de estar com vista para o Atlântico. Pensou em acender a lareira, mas, depois, decidiu que não. Loukas não ficaria muito tempo, sem dúvida nenhuma.

– Então... – Ela colocou a caneca fumegante sobre uma mesinha junto a uma das poltronas, mas Loukas não aceitou a indireta para se sentar. Caminhou até a janela e ali ficou, fitando o oceano com sua ondas, e mostrando sua silhueta sombria, poderosa, e bastante intimidadora.

Voltou-se para Jessica e estreitou os olhos.

– Mudou-se para cá por que a mansão era grande demais?

Ela pensou em responder que sim. Afinal, seria compreensível. Em especial agora que estava sozinha. Mas sabia que não podia ficar se escondendo atrás da máscara do orgulho, pensando que assim estaria protegida. Porque não estava. Máscaras não impediam uma pessoa de desejar coisas que jamais teria. E não impediam um coração de sofrer quando se amava o homem errado.

Então respondeu:

– Não, mudei-me por necessidade. Meu pai tinha dívidas enormes que só foram reveladas após sua morte na avalanche.

Ele tornou a estreitar os olhos, porém sem a menor emoção. E, de repente, Jessica se alegrou por Loukas não dizer uma das frases que eram chavões nessas circunstâncias, que nada significavam, e que a fariam se sentir ainda pior. Talvez os dois fossem mais parecidos do que ela imaginara ou talvez tivessem enveredado por uma conversa sobre morte e dívidas, que eram um terreno familiar para ele.

Então Loukas se sentou, acomodando o físico possante na poltrona que, para Jessica, sempre parecera ampla.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

Pegou a caneca com chá e bebericou.

– Como todo mundo, meu pai esperava que eu vencesse vários torneios. Era muito ambicioso. – Jessica deu de ombros. – Dizem que pais são os melhores e piores treinadores do mundo.

– Você não gostava muito dele – murmurou Loukas.

As palavras foram surpreendentes e inesperadas. Poucas pessoas pensariam nisso e menos ainda ousariam externar esse pensamento. Seria mais fácil para ela negar, porém ergueu o queixo e o desafiou:

– Isso choca você?

Como resposta, ele sorriu sem alegria.

– Pouca coisa na vida me choca, *koukla mou...* Meu docinho.

As suaves palavras em grego a emocionaram, porque estava muito vulnerável, mas ficou firme. Limpou a garganta.

– Meu pai deu o melhor de si. Fez o que achava certo, mas nunca me permitiu ter uma vida normal.

– Então por que não o enfrentou?

Reconhecendo que a pergunta abrangia mais do que apenas sua rotina de anos com o tênis, Jessica riscou um fósforo e o atirou nos papéis amassados por trás da grade da lareira, observando as chamas crescerem e atingirem as toras de madeira; esperava que o fogo detivesse seus tremores. Às vezes, era mais fácil deixar que lhe dissessem o que fazer do que pensar por conta própria. Significava poder culpar outras pessoas quando as coisas davam errado, e isso era duro de admitir até para si mesma.

– Não o enfrentei por vários motivos, mas creio que o que você quer saber de verdade é por que não fui firme a seu respeito. Por que permiti que meu pai colocasse barreiras entre nós dois.

Sentiu que ele prendia o fôlego, porém não conseguia fitá-lo. Não ousava, porque se retirasse a máscara completamente, será que Loukas não ficaria com nojo do que veria por baixo dela?

Jessica atirou outra acesa no fogo sem necessidade.

– Pensei que éramos muito jovens para casar e minha carreira era muito importante.

– Mas essa não é a única razão, certo, Jess?

Fez-se uma pausa.

– Não. – A voz dela soou calma em meio ao estalar do fogo na lareira. Fitou as chamas se perdendo naquele mundo cor de laranja e vermelho. – Eu era uma garota instável. Meus pais se separaram quando era ainda muito criança. Papai deixou mamãe por uma mulher mais jovem que já estava grávida... de Hannah... e mamãe nunca se recuperou da traição dele. Vivi à sombra da vergonha e da amargura dela, e sem espaço para mais nada.

Pegou sua caneca e passou as mãos em volta.

– Quando mamãe morreu, fui morar com meu pai e foi aí que minha carreira deslanchou de verdade. Por fim, eu tinha algo em que acreditar. Para me concentrar. Porém, minha madrasta se ressentia com o tempo que papai me dedicava e creio que Hannah também tinha ciúmes. – Soltou uma breve risada nervosa. – Talvez eu esteja fazendo soar pior do que era, mas...

– Parece horrível – interrompeu ele, e Jessica precisou piscar diversas vezes para afastar as lágrimas, porque a compreensão dele fora inesperada e profunda.

– Nessa época, eu já aprendera a esconder meus sentimentos – prosseguiu Jessica. – E isso se tornou uma tática útil nas quadras de tênis. Em pouco tempo, não sabia agir de outro modo. Aprendi a bloquear minhas emoções. Deixei de fora tudo e todos. Agora compreende?

Ele concordou com um aceno.

– Acho que sim.

– Não queria lhe fazer promessas que não poderia manter. – Ela se apressou a dizer. – E não confiava na instituição do matrimônio.

Mas fora mais do que isso. Instintivamente, ela reconhecera que Loukas não recebera muito amor na vida e que precisava ser muito amado, porém ela se julgara incapaz de amar assim.

– Há mais uma coisa – disse ele. – Algo que está omitindo.

Doía ver como ele era perceptivo. Jessica não queria que fosse assim. Nesse momento, queria que Loukas fosse tosco e insensível. Para reforçar a ideia de que fizera a coisa certa e que não era uma idiota.

– Jess? – Ele pressionou.

– Pensei que com o tempo você me abandonaria – murmurou ela.

– Como seu pai fez com a sua mãe?

– Eu era muito jovem, sabe disso.

Loukas a fitou e começou a falar pausadamente como dando voz aos próprios pensamentos:

– Gostaria de lhe dizer que meus sentimentos não mudaram, mas seria esquisito, e uma mentira, porque é claro que me sinto diferente após oito anos.

Os lábios dela tremeram e ela não conseguiu se controlar, perguntando:

– Está diferente?

Ele aquiesceu com um gesto de cabeça.

– Ainda me importo com você, *koukla mou*. Ainda é a única que faz meu coração bater mais forte e a que pode me envolver de tal maneira que não consigo me libertar, e creio que nem mesmo percebe que faz isso.

– Então o que está querendo dizer?

Loukas abriu a boca para falar, mas seu instinto de preservação o fez afastar a ideia.

Precisava tomar cuidado. Como se estivesse negociando algo grande... Não se colocava todas as cartas na mesa de uma só vez, certo? Sempre se guardava algumas.

– O que quero dizer é que nossa relação continua... *inacabada*, e talvez devêssemos tentar de novo. O que nos impede?

Ela apoiou a caneca e retirou o elástico do cabelo, sacudindo a cabeça e deixando a massa loura cair sobre seu rosto.

– Muitas coisas – replicou. – Vivemos em mundos diferentes, para começar. Sempre vivemos, mas agora é ainda mais gritante. Sou uma garota do campo com uma vida simples. As sessões de fotos anuais em Londres eram apenas para melhorar minha renda. O resto do tempo nem pensava nisso.

– Não a estou forçando a se tornar o rosto global da Lulu se não quer – disse ele com impaciência. – Não se trata disso.

– Não está entendendo, Loukas – continuou ela, fazendo um gesto na direção de uma coisa que só agora ele via sobre uma mesinha do outro lado da sala; um pano com um lindo bordado. Parecia reproduzir o céu com planetas reluzentes e estrelas que brilhavam sobre o tecido azul.

– Foi você quem fez? – perguntou ele.

– Sim.

– É lindo – murmurou Loukas automaticamente.

– Obrigada. É algo que está se transformando em mais do que um hobby para mim e já vendi vários bordados para uma loja de Padstow. Dedico-me aos bordados e jardinagem agora que Hannah foi embora e estou até pensando em ter um gato, tamanha é minha tristeza e solidão. – Fez uma pausa e sorriu sem alegria. – Você, por outro lado, vive em um hotel e anda em carros com motorista. Ocupa uma suíte de luxo no centro de Londres e faz com que outras pessoas realizem seus desejos. Somos opostos, Loukas. Você não tem um lar de verdade nem quer ter. E um lar é o que mais desejo na vida. – A voz dela falhou como se doesse dizer as palavras. – Um lar de verdade.

CAPÍTULO 12

LOUKAS NÃO respondeu de imediato. Era mais fácil observar as ondas do Atlântico quebrando nas rochas a distância e ouvir o fogo crepitando do que enfrentar o que Jess acabara de lhe dizer. Jamais a ouvira falar com tanta franqueza e imaginava que deveria ter sido difícil expor seus sentimentos assim. E mesmo que estivesse determinado a esconder algumas coisas dela, não precisava ser cauteloso demais, precisava?

– E se eu lhe dissesse que a razão para não ter um lar é que não sei como isso funciona? – replicou ele. – E que, além disso, nunca fui muito interessado em descobrir?

– Bem, aí está. Respondeu sua própria pergunta.

– Mas você poderia me mostrar – continuou Loukas como se Jessica não tivesse interrompido.

Ela o fitou sem poder acreditar. Como se a qualquer instante ele fosse começar a rir, revelando que fora uma piada. Mas Loukas não riu; estava muito sério e acrescentou:

– E não sinto que isso que temos entre nós esteja resolvido.

– *Isso?*

– Não fique esmiuçando as palavras que digo, Jess. Posso não me expressar bem no seu idioma. Sou grego, lembra?

– Como se pudesse esquecer. – Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto. – E não sei o que está querendo sugerir.

Loukas deu de ombros.

– Quero me mudar para cá com você e descobrir se sou compatível com a vida doméstica.

Foi ela quem riu.

– Mas você é um playboy internacional.

Loukas sorriu de leve.

– Isso pode ser negociável.

– E tem seu trabalho e escritório em Londres.

– Também tenho um computador, um celular... e a habilidade de delegar tarefas. – Fitou-a intensamente. – E há muito tempo não tenho férias.

Jessica fitou as próprias mãos, a descrença começando a se transformar em confusão. Suspeitava que ele estivesse mais motivado pelos interesses do que por alguma emoção verdadeira. Ele dissera que essa *coisa* estava *inacabada*, e talvez isso o incomodasse, porque não era do tipo que gostava de deixar as coisas sem terminar. Talvez tudo não passasse de química sexual e do fato de que continuavam atraídos um pelo outro. Será que Loukas esperava que essa atração terminasse para então ir embora? Teria usado a palavra *lar* como uma desculpa sensata para ficar ali com ela?

Entretanto, se fosse embora nesse exato momento, o que aconteceria? Será que ela passaria o resto da vida lamentando e imaginando como seria *se o tivesse deixado*? Estava amedrontada demais para enfrentar algo que ficara sob a superfície por muito tempo em sua vida, algo que no seu subconsciente a impedia de avançar. Muitas vezes, Jessica desejara ter a oportunidade de fazer tudo de novo e agora a oportunidade chegara.

Permitindo que Loukas participasse de sua vida, quem sabe o pedestal onde o colocara começasse a desabar, e a libertasse do poder que ele exercia sobre ela?

– Caso eu diga sim – disse devagar –, tudo poderá terminar a qualquer momento.

– Não sei...

– Não, Loukas – interrompeu ela, balançando a cabeça e envergonhada que ele pudesse pensar que tentava acuá-lo. – Não peço que me prometa nada. Estou tentando ser prática porque é assim que sou. – Respirou fundo. – Se qualquer um de nós dois desejar terminar a qualquer momento, qualquer momento mesmo, o outro terá que aceitar. Sem perguntas. Sem lamentações. Apenas um aceno, um sorriso e um simples adeus.

Os olhos dele brilharam.

– Isso parece o ideal para mim.

– Fico feliz – replicou Jessica com displicência.

Loukas se levantou e caminhou pela sala; ela podia *sentir* a testosterona no ar, provocada pelo seu físico potente.

– E você me faz muito feliz. – A voz dele ficou mais profunda. – Mas, se esse é um acordo prático também, preciso fazer minhas exigências, *koukla mou*.

Algo na expressão sombria dele a fez engolir em seco.

– O quê? – perguntou Jessica, sem fôlego.

– Podemos brincar de casinha, mas não iremos nos constranger com regras domésticas. Não vamos usar um relógio de ponto. Você não vai começar a bater com as portas dos armários e ficar de cara amuada se eu me atrasar para o jantar.

– Mas talvez seja você quem estará preparando o jantar enquanto eu me atraso – retrucou Jessica com um sorriso irônico.

– Pode ser. Contanto que você não tente me modificar – disse ele, passeando o olhar vagaroso pelo corpo dela. – E nada de regras sobre sexo também. Não o usaremos como arma ou ferramenta de negociações.

– Nossa! Fala como se tivesse tido experiências muito negativas com as mulheres.

– É isso que pensa? – Ele sorriu com cinismo. – Diria que foram as experiências normais de um homem rico e atraente que é bom amante. E antes que comece a fazer caretas como já está fazendo,

estou apenas sendo honesto. – Fez uma pausa e continuou: – Mas, por uma questão de justiça, talvez deva lhe perguntar o mesmo. Teve experiências negativas com os homens?

Jessica não esperara por essa pergunta e, portanto, não preparara uma resposta. Porém, não era momento para anunciar que *não* tivera ninguém exceto Loukas. Além disso, parecer inacessível poderia deixá-lo preocupado também. Loukas pensaria que nenhum homem conseguira fazê-la sentir o que ele conseguira. Que Jessica só se apaixonara e se interessara por ele. E que esperava muito mais do que ele poderia lhe dar.

Então sorriu e disse:

– Pensei que iríamos nos divertir, Loukas. Sem revirar o passado que já morreu. Agora é olhar para a frente.

– Que assim seja. – Loukas a fez levantar, erguendo o seu queixo a fim de que olhasse só para ele; quando falou de novo, sua voz estava mais grave e estranhamente trêmula. – Quero você, Jess.

– Vamos para a cama lá em cima – murmurou ela.

Loukas balançou a cabeça.

– Não quero sair daqui. Feche as cortinas.

Ela obedeceu com as mãos trêmulas e virou-se em seguida para vê-lo com o rosto sombreado pela brusca ausência de luz na sala. Apenas as chamas na lareira iluminavam o ambiente.

– Loukas – sussurrou, e, em seguida, ele a abraçou. Suas mãos tatearam o zíper do jeans dela, baixando na altura dos tornozelos e arrancando com gesto brusco. A seguir, começou a tirar o suéter de Jessica pela cabeça enquanto ela tentava ajudar. Em silêncio, ajeitando-se para facilitar o abraço. Jessica desceu a jaqueta de couro até os ombros de Loukas, e depois a fez cair no chão. Baixou o zíper do jeans que ele usava, mas Loukas estava tão excitado, tão *rijo* sob os dedos dela, que afastou sua mão.

– Não. Deixe que eu faço – pediu.

Jessica suspirou, sentindo-se deliciosamente libertina, tirando a roupa à luz da lareira. Tentou agarrá-lo de novo, mas Loukas se afastou, e ambos retiraram o resto de suas roupas rapidamente até que ficaram completamente nus, os corpos dourados pelo brilho das chamas. Deitaram-se sobre o tapete da sala.

– Agora – comandou ele com voz estranha, tensa e urgente. Jessica estava sem fôlego quando Loukas colocou a camisinha com um cuidado exagerado, parecendo que só assim manteria o controle prestes a perder. Depois ele se posicionou sobre o corpo dela, e a primeira estocada profunda a fez gemer.

Em seguida, o ritmo compassado principiou, fazendo-a gemer ainda mais. De repente, ele parou de se movimentar e ela protestou:

– Lou... Loukas...

– Abra os olhos e olhe para mim – comandou ele.

Com relutância, ela ergueu as pálpebras para encontrar os olhos negros embaçados de desejo. Jessica teve medo do que ele pudesse ler em seu olhar. Disse a si mesma que era assim que toda a mulher se sentia ao fazer amor, mas, no íntimo, sabia que não era verdade. Não era rotineiro sentir o coração em chamas. Desejar explodir de felicidade. Essas sensações estavam associadas não apenas a sexo, mas ao amor.

Entretanto, Loukas não procurava o amor. O motivo para fazê-la abrir os olhos era constatar seu nível de prazer, e não havia como ocultar *isso*.

Loukas sorriu.

– Assim é melhor. Diga-me do que gosta, Jess. O que quer que faça para você.

Ela refletiu sobre o que ele esperava... Um mapa verbal com as indicações das suas zonas mais profundamente erógenas? Ou a preferência explícita sobre determinada posição? Porém, havia só uma coisa que Jessica desejava que Loukas fizesse.

– Apenas me beije – pediu, porque era a coisa mais próxima ao amor que ela poderia lhe pedir.

CAPÍTULO 13

CUIDADO COM o que você deseja.

Jessica se postou junto à janela do quarto, observando Loukas no jardim abaixo, enquanto ele cortava lenha e colocava as novas toras sobre a pilha que crescia a olhos vistos. Era uma visão e tanto. Os braços fortes em arco enquanto a lâmina do machado rachava a madeira, a postura chamando atenção para os músculos bem definidos nos ombros, no tórax amplo, e nas costas largas.

Jessica sentiu a garganta seca. Quantas vezes sonhara com uma cena como essa nos momentos solitários quando por mais que tentasse não conseguia dominar as fantasias sobre Loukas? Fantasias que faziam sua mente disciplinada tentar sufocar, porque eram proibidas.

Sonhara com ele voltando para sua vida e sua cama, com a liberdade de manter um relacionamento franco de um modo que nunca fora possível antes. E agora ele voltara. Não haveria mais momentos de paixão roubados entre suas obrigações com o tênis e as exigências do patrão bilionário russo. Agora o bilionário era *Loukas*... Embora ela já não tivesse uma carreira no tênis, Jessica refletiu com certa amargura. Mas, mesmo assim, deveria ser maravilhoso. Quase perfeito.

Então por que ela continuava a se fazer perguntas que não conseguiam respostas e que rondavam sua mente sem cessar?

Desde que Loukas se mudara para o chalé na Cornualha, comportavam-se como um casal de verdade. Faziam coisas juntos como outro casal qualquer com toda a normalidade. Preparavam o jantar em conjunto e faziam compras no supermercado; de início fora estranho ver Loukas nas lojas locais, de pé na fila com os demais habitantes do vilarejo e os ocasionais turistas. As pessoas paravam de fazer o que faziam a fim de olhar para ele, e era compreensível. Com sua jaqueta de couro e jeans desbotado, era uma visão impressionante... Alto e indomável. Uma presença morena que fazia as cabeças girarem para olhá-lo, pois parecia vir de um mundo muito diferente, um mundo cosmopolita e muito mais sofisticado.

E era isso mesmo. Fora isso que fizera, transformando-se em outra pessoa. Loukas conhecera a violência, a rejeição, a dor e o desespero, e essas coisas haviam se impregnado em sua personalidade, fazendo com que desejasse participar de um mundo diferente de riquezas e sucesso que o destacasse dos demais indivíduos. Não era de admirar que, para Jessica, os outros homens

sempre parecessem ter um ar pálido e tímido depois que conhecera Loukas, e nenhum a atraía a ponto de fazê-la desejar ter um relacionamento sexual.

Muito depressa, Jessica entendera que gostava de ter Loukas ao seu redor no chalé. Adorava ser parte de um casal e fazer as coisas junto com ele. A vida se tornava mais interessante quando se podia assistir a um filme de terror ao lado de um homem que a abraçava pelo ombro e a acalmava nas cenas mais apavorantes. Ou jogar os jogos fora de moda que ela tanto apreciava, como ludo e dominó, pois Loukas logo se tornara um verdadeiro especialista no assunto.

Ela gostava da sensação quente de seu corpo despido quando se deitavam à noite e dos braços fortes que rodeavam sua cintura quando acordava pela manhã. E gostava principalmente de saber que podiam fazer amor onde e quando desejassem.

Entretanto, também estava consciente das barreiras invisíveis que os circundavam. Das restrições silenciosas e instintivas. Nunca discutiam sobre o futuro e jamais usavam a palavra amor em suas conversas. Loukas podia estar brincando de casinha como dissera, mas o chalé continuava sendo o lar *dela* e não dele. Como se Loukas nada tivesse investido ali nem pretendesse. E era evidente que não pretendia nem investiria. Porque quando Jessica parava de viver seu sonho e pensava em termos reais, será que podia de fato imaginar Loukas Sarantos vivendo o resto de seus dias em um vilarejo rural da Cornualha?

E apesar das suas intenções de delegar responsabilidades para seus subordinados e colaboradores, em pouco tempo, seu trabalho de empresário e a vida que levava em Londres começariam a rondá-lo como um cachorrinho saltando e latindo, exigindo sua atenção.

Tudo começou com um telefonema aqui e outro ali, e então os e-mails principiaram a se amontoar e precisavam ser respondidos. Em seguida, Loukas estava fazendo reuniões por telefone que, segundo ele, eram imprescindíveis.

Quando isso acontecia, Jessica preferia se ausentar e ir para o jardim, onde ficava ouvindo a voz forte dele através das janelas abertas. Em geral, ele falava em grego com seus assistentes compatriotas, enquanto ela fitava o solo agreste imaginando quando os primeiros narcisos começariam a florir anunciando a chegada da primavera.

Nesse dia, ela acabava de arrancar algumas ervas daninhas após uma dessas reuniões por telefone que exigira a presença de Loukas, quando sentiu a carícia da mão dele sobre suas nádegas cobertas pelo jeans. Jessica estremeceu de prazer, mas uma estranha preocupação a dominou, fazendo com que se voltasse para encará-lo.

– Tudo bem? – perguntou, atirando as ervas daninhas no cesto que carregava.

– A videoconferência foi boa, e depois meu irmão me ligou. – Loukas fez uma pausa para continuar em seguida: – Meu gêmeo.

Jessica percebeu a ênfase dada à palavra, sabendo muito bem o que ele queria dizer com isso. Refletiu que ainda devia ser estranho para ele ter descoberto que *tinha* um irmão gêmeo: Alek Sarantos, também muito bem-sucedido. Sabia que o contato entre os dois ainda era mínimo, mas talvez não fosse para surpreender, pois um só soubera da existência do outro quando já eram adultos.

– E como vai ele? – Jessica quis saber com um sorriso polido nos lábios.

– Vai bem. Aliás, está em Londres.

– Ah – murmurou ela.

Era tolice, mas só a sensação que o nome da cidade lhe provocava a fazia pensar em uma espécie de ameaça. Jessica sentiu que o outro mundo dele, do qual ela não fazia parte, começava a se insinuar entre os dois de novo, mas continuou a sorrir e disse:

– Que bom.

– Humm – resmungou Loukas sem muito entusiasmo. – Ele quer jantar comigo. Acho que ficarei em Londres por alguns dias. E aproveitarei para trabalhar um pouco, visitar o escritório enquanto estiver lá. – Estreitou os olhos negros e a fitou com atenção. – Você poderia vir comigo.

Jessica acariciou o rosto másculo e deslizou um dedo pelo queixo, onde principiava a despontar a barba espessa que espetou sua pele. Sim, poderia ir com ele a Londres, refletiu. Acompanhá-lo em uma viagem que a obrigaria a fazer um rápido e frenético levantamento sobre quais as roupas adequadas que tinha para levar, pois não podia se apresentar no seu meio sofisticado com os velhos jeans e camisas largas.

Podia ir como intrusa no jantar dos dois irmãos gêmeos e inibir a conversa dos dois cujo relacionamento estava apenas começando. Ou também poderia ficar trancafiada no Vinoly enquanto Loukas ia ao escritório. Ou matar o tempo visitando museus e assistindo a conferências culturais para poder impressioná-lo quando ele voltasse ao hotel. Muito engraçado!

De repente, Jessica teve uma visão assustadora de como seria o futuro dos dois juntos depois que a excitação sexual do início começasse a esmorecer. Possivelmente, Loukas começaria a fazer mais viagens para Londres, e, a cada vez que regressasse, seria mais difícil se entrosarem.

Era assim que essas coisas funcionavam, não? Quanto tempo levaria até que ele anunciasse que estava se mudando definitivamente para Londres outra vez, para a suíte de hotel que chamava de lar? No íntimo, Jessica sabia que não era adequada para a vida que ele levava em Londres, uma cidade cosmopolita e sofisticada. E Londres era o quartel-general de Loukas.

Então não era melhor começar a se acostumar com a ideia da separação, mantendo o orgulho e a dignidade?

– Você precisa de algum tempo sozinho com Alek – acabou por dizer. – Ficarei aqui no seu aguardo.

Ele apertou os lábios de um modo que Jessica não soube definir e murmurou apenas:

– Está bem.

Notou o brilho fugidio nos olhos dele. Será que Loukas se importava de verdade se ela iria acompanhá-lo nessa viagem ou não? A pergunta ficou martelando seu cérebro sem que tivesse uma resposta.

Por que então não perguntava? Seria melhor se armar de coragem, perguntar e esclarecer de uma vez por todas.

Porém, as diferentes maneiras de como poderia fazer essa indagação na verdade eram apenas um disfarce para a única pergunta que realmente importava e que ela nunca faria. E essa pergunta era:

O que sente por mim, Loukas?

Uma mulher mais segura e confiante não teria problemas em perguntar sem a menor hesitação. Jessica perguntaria caso se sentisse mais segura, e, se fosse mais experiente no sexo, perguntaria sem

dúvida nenhuma. Mas ela se protegera contra o sofrimento e a dor por tanto tempo que preferiria caminhar descalça sobre brasas a se arriscar a sofrer de novo.

Então, em vez de solucionar suas dúvidas, perguntou enquanto caminhavam de volta para a casa:

– Quando parte?

– Já. Por que adiar? Só preciso fazer uma coisa antes – respondeu Loukas com voz um pouco tensa.

Ela o fitou curiosa.

– O quê?

– Vou lhe mostrar.

Entrelaçou os dedos aos dela e a fez entrar, levando-a diretamente para cima e tirando suas roupas com mais pressa que delicadeza. Seus olhos continuavam com um brilho duro e sua boca se fechava com força, esboçando um sorriso esquisito, mas logo se precipitou sobre Jessica, dando-lhe um beijo violento que mais parecia uma punição que uma carícia.

Penetrou seu corpo sem delongas e Jessica se agarrou a ele com uma terrível sensação de *tristeza*, como se acabasse de falhar em um teste da escola que a pegara desprevenida sem ter se preparado.

A casa ficou muito silenciosa depois que Loukas partiu. Era a primeira vez que se separavam em várias semanas. Longas e preguiçosas semanas que agora pareciam ter passado em um piscar de olhos. Jessica se pegava procurando por ele para, no segundo seguinte, lembrar que Loukas viajara. Ficava erguendo a cabeça o tempo todo na esperança de vê-lo chegar e dizendo a si mesma que era uma loucura ter se habituado tanto com sua presença em tão curto espaço de tempo.

Mantinha-se ocupada trabalhando em seus bordados, vendendo peças avulsas, e se animando ao receber a notícia sobre a possibilidade de uma gorda comissão por peças maiores.

Fazia jardinagem, cozinhava pão e dava longas caminhadas até o alto do penhasco para não ter que pensar em Loukas, até que recebeu um telefonema amimado de Hannah avisando que conhecera um jovem veterinário australiano em Bali.

– Ah, Jess – suspirou a garota. – Ele é maravilhoso, você vai gostar. Acabou de me convidar para ir a Perth, onde moram seus pais. É para lá que irei depois de Bali.

– Que beleza – disse Jessica, embora no íntimo desejasse gritar. *Por favor, não se apaixone por um homem que pertence ao outro lado do mundo, porque, se ficar com ele, provavelmente nunca mais a verei.*

Mas não era justo só pensar nos próprios sentimentos e ser egoísta, tentando impedir a felicidade de Hannah. Não seria esse um dos motivos para nunca ousar falar do futuro com Loukas, porque sentia que jamais haveria uma integração entre seus estilos diferentes de vida? E também porque não tinha certeza se os sentimentos dele iam além da mera atração sexual? Pensava nele, a quilômetros de distância em Londres, e seu coração ficava apertado. Será que Loukas sentia sua falta? E saberia o quanto ela sentia saudades dele?

Nessa mesma noite, falaram-se ao telefone, e o som de risadas e copos tilintando ao fundo a fez se sentir muito só. E a culpa era toda sua. Se, nesse instante, Loukas pedisse que fosse encontrá-lo em Londres, teria saído correndo para a estação de Bodmin e comprado a passagem sem perda de tempo. Mas ele não pediu e também disse que não sabia quando voltaria *exatamente*.

– Em breve – dissera de modo distraído.

Mas *em breve* era muito vago e a fazia se concentrar em todas as coisas ruins que rondavam sua mente e a torturavam sem parar. Quem sabe seu irmão Alek o estava enredando para ficar com uma linda garota grega. Talvez o encanto de Londres o tivesse atraído e conquistado de novo, e a ideia de retornar para o vilarejo tranquilo onde Jessica morava o enchesse de horror.

Ou, ao contrário, quem sabe sentisse tanta saudade dela quanto Jessica dele. Afinal, era uma possibilidade, não? Mas, quando ela se permitiu considerar *essa* possibilidade, tudo mudou. Ficou assustada e excitada ao mesmo tempo. Sentiu-se como se flutuasse no ar. Lembrou-se de coisas que Loukas lhe dissera. Sobre a mãe dele que sempre pusera os namorados na frente de seus deveres para com o filho. E será que isso não o fazia relutar diante do amor das mulheres, ou ficar com receio de se magoar e sofrer? Não seria então hora de tomar coragem e ousar dizer a ele que o queria? Parar de se preocupar com o medo da rejeição? Confessar de peito aberto que o amava?

Logo cedo, pela manhã, Jessica recebeu uma mensagem que leu ainda meio adormecida:

Volto amanhã. BJ.

Despertou completamente quando acabou de ler, ainda com a sensação de que flutuava no ar e se sentindo muito feliz.

Fez uma faxina na casa de alto a baixo e varreu a estradinha que conduzia à porta da frente. Foi ao vilarejo e no armazém comprar café, pão e vinho. E de volta a casa, foi ao jardim para colher uma folhagem alegre que colocou em um lindo vaso azul e branco. Quando Loukas chegasse, confessaria que sentira saudades. Ou perguntaria se desejava que voltasse para Londres com ele. Porque *lar* era o nome que se dava a qualquer lugar onde se pudesse ser feliz, não? Jessica podia não gostar muito de Londres, entretanto não era melhor viver lá com ele do que no campo que tanto adorava, sozinha? Não podia demonstrar para Loukas que era capaz de se adaptar?

Acabava de limpar a lama das mãos de volta do jardim quando o celular tocou, e ela atendeu muito ansiosa. Ficou surpresa, mas contente ao ouvir do outro lado da linha a voz de Patti, a estilista de cabelo espigado da Zeitgeist, e, sem querer, lembrou-se da conversa que as duas haviam tido sobre Maya na festa de lançamento da campanha.

– Se ligou para tomarmos um café, isso terá que esperar – disse Jessica com humor. – Pois estou na Cornualha.

– Ah, tudo bem – respondeu Patti distraída, fazendo uma pausa para logo prosseguir: – Jessica... pode parecer uma pergunta maluca, mas creio que Loukas não está aí com você, está?

Mais tarde, Jessica refletiria como a mente humana era estranha, fixando-se apenas em uma palavra no meio de uma conversa inteira.

– E por que seria uma pergunta maluca? – retrucou, pensando que talvez fosse hora de acabar com o segredo sobre seu relacionamento e admitir que ela e Loukas estavam, de certa forma, *juntos*.

– Ah, só porque alguém na Lulu disse que vocês talvez estivessem namorando.

– Não descreveria propriamente como namoro, mas, bem, sim. Loukas tem ficado comigo – admitiu Jessica.

- Então deu certo – disse Patti com voz que soou neutra.
- O que deu certo? – Jessica quis saber, estreitando os olhos, desconfiada.
- Não tem importância. – Apressou-se Patti a responder, dessa vez claramente sem jeito.
- Ora, vamos lá, Patti... Não pode deixar uma frase pela metade e me fazer imaginar o pior.

Fez-se outra pausa dessa vez mais longa que a primeira, e depois Patti murmurou:

- Simpatizo com você, Jessica. Muito.
- E eu também simpatizo muito com você. A admiração mútua leva à amizade, não acha? Então, o que quer me contar?

Patti devia estar muito nervosa, porque fez nova pausa para depois dizer:

- Lembra-se de quando sua primeira sessão de fotos não deu certo em Veneza? Você sabe... Quando você parecia um bloco de pedra na frente da câmera?

- Sim. O que tem isso?

Patti pareceu hesitar e depois continuou:

- Tem que o diretor de arte pensou que você devia mudar de aparência e transmitir a imagem de uma mulher que acabara de fazer sexo, e, no dia seguinte, assim foi, as fotos ficaram sensacionais e todo mundo pensou...

- O quê? Que Loukas levara a sugestão ao pé da letra? – completou Jessica, começando a se sentir desconfortável.

- Mais ou menos isso – respondeu Patti, constrangida. – E eu não posso jurar, mas... Bem, ele tem uma reputação de playboy e detestaria que você se magoasse. Lamento, Jess. Talvez eu não devesse ter me metido e contado essas coisas.

- Não – contradisse Jessica com urgência na voz. – Fez bem em me contar. Não se preocupe, Patti, fez a coisa certa. Apenas me contou algo que eu deveria saber.

Depois dessa conversa perturbadora, Jessica não conseguiu se concentrar em nada. Loukas ligou para dizer que estava a caminho e ela se deixou cair na poltrona com o bordado intocado e incapaz de pensar em qualquer coisa, até que viu o brilho dos faróis do carro pela janela.

Seu coração começou a bater com mais força e ela sentiu as mãos úmidas. Tratando de secá-las na calça jeans, preparou-se para saudá-lo. E mesmo enquanto seu coração doía, ia passando em revista mentalmente o filme de sua vida. *Esta é a última vez que o vejo subir de carro até aqui,* pensou. *A última vez que caminhará por essa estradinha com os olhos brilhando e seu cabelo negro ao vento.* Esses eram os últimos momentos moribundos em que ainda formavam um casal, e Jessica mal conseguia forças para estampar um sorriso nos lábios a fim de receber Loukas.

Porém, não transformaria esse reencontro em um ringue de luta com gritos e recriminações. Já testemunhara essas cenas deprimentes muitas vezes antes do divórcio de seus pais e não pretendia ser emotiva. Ficaria muito calma e digna. Isso poderia ser até um alívio para Loukas. Ela imaginava que ele devia estar quebrando a cabeça para encontrar um modo diplomático de terminar o relacionamento. Ela não faria acusações. Agiria com serenidade sem fazer cenas, exatamente como prometera desde o início.

Ele estacionou o carro e desceu. Jessica viu as pernas muito longas surgirem em primeiro lugar, e logo em seguida a expressão no rosto sombrio e severo de Loukas a fez sentir...

Tratou de se controlar. Não ia *sentir* nada. Era o mais seguro a fazer nesse momento.

O rumor das pedrinhas sendo calcadas no caminho que conduzia ao chalé foi substituído pela porta que se abria e se fechava em seguida, e, de repente, lá estava ele emoldurado pelo batente, como uma estátua sombria e bela que por algum passe de mágica houvesse ganhado vida.

– Olá, Loukas – murmurou Jessica.

– Olá, Jess.

Ele pareceu esperar que Jessica pulasse da poltrona e corresse para seus braços. Mas ela não fez isso e continuou sentada com sua calça jeans e suéter, olhando para ele com os maravilhosos olhos cor de água-marinha parecendo duas finas linhas estreitas e sem demonstrar nenhuma emoção.

Mas ela nunca demonstrava emoção, certo?

– Fez boa viagem? – perguntou Jessica com calma.

– Em parte sim. – Loukas ia dizer que sentira saudades, mas algo o deteve, e não sabia o que era. Fitou seu rosto tenso e começou a fazer uma ideia a respeito do que o detivera.

Olhou em volta da sala de estar, notando os ramos brilhantes que Jessica arrumara no vaso azul e banco. Estreitou os olhos, surpreso, porque, em geral, não notava esses detalhes.

– Como vai seu irmão? – insistiu ela com as perguntas delicadas.

– Por acaso meu irmão é o motivo de continuar sentada aí tão empertigada? – perguntou ele. – Ele é o motivo para não ter me beijado ou demonstrado que está feliz por me ver?

– Estou muito feliz em revê-lo. – Ela tratou de dizer.

– Mentirosa – murmurou Loukas com suavidade. – Ou, quem sabe, já não é tão boa na arte de esconder suas emoções como no passado. Vai me contar o que a está preocupando, Jess, ou vamos fazer o jogo da eliminação? Eu vou enumerando razões e você me diz quando acertei?

Ela balançou a cabeça vigorosamente como se estivesse travando uma luta interna, e quando falou foi como se escolhesse as palavras com extremo cuidado:

– Deixe que eu faça uma pergunta a *você*, Loukas. Foi muito importante reverter a situação da empresa quando adquiriu a Lulu?

Ele deu de ombros como se aquilo fosse o óbvio.

– É claro... que foi muito importante. Sou um empresário e o sucesso faz parte dos negócios. Aliás, é a parte mais importante e determinante de todas.

Ela aquiesceu com um gesto de cabeça, como se a resposta dele reforçasse algo que já sabia, e, de repente, cerrou os punhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram lívidos.

– Fez sexo comigo apenas para me fazer relaxar e me deixar feliz na sessão de fotos? – murmurou.

– *Que história é essa?*

– Ouviu muito bem o que eu disse. Não tente arranjar uma resposta esperta em cima da hora... Apenas diga a verdade.

– Parece que você mesma já decidiu qual é a verdade – replicou Loukas em tom de voz severo. – De onde diabos tudo isso surgiu? Com quem andou falando?

– Não importa, Loukas. Apenas interessa saber que ouvi a história de que, após a primeira e desastrosa sessão de fotos em Veneza, o diretor de arte achou que eu precisava ter o ar de uma mulher que acabara de fazer sexo. – Com as faces coradas e os olhos fuzilando, Jessica o encarou. – Portanto...

Ela deixou a frase incompleta de propósito, e Loukas sentiu o coração repleto de raiva.

– Portanto... – Loukas reiniciou desse ponto com voz fria. – Pensou que eu faria o grande sacrifício para o bem da empresa? Que a levaria para a cama a fim de que relaxasse garantindo assim que teríamos ótimas fotos para a nova campanha? Foi isso que pensou, Jess?

Ela abriu e fechou a boca para depois balançar a cabeça com tanta ênfase que o cabelo louro dançara de um lado para o outro.

– Sim – respondeu com energia –, foi exatamente o que pensei porque é a verdade, não é, Loukas?

Ele a fitou por um longo momento e depois começou a rir.

CAPÍTULO 14

DESCONCERTADA, JESSICA fitou o rosto de Loukas, imaginando como ele podia ter a *coragem* de rir em um momento como esse.

– O que é tão engraçado? – exigiu saber.

Agora Loukas já não gargalhava. Até o sorriso morrera em seus lábios, não deixando nada em seu lugar a não ser uma expressão de profundo desprezo.

– Você é engraçada – respondeu ele. – Você é única. Acredita de verdade que faria sexo com você da maneira mais calculista possível apenas para conseguir uma sessão de fotos melhor? Já ouvi falar de pessoas que são cegamente ambiciosas, mas isso seria demais! – Fez uma pausa para tomar fôlego e prosseguiu. – Até onde acha que vai minha dedicação ao trabalho e à empresa, Jess? Acredita que teria agido de igual maneira, levado outra modelo para a cama mesmo que a considerasse fisicamente desinteressante? Que agiria como uma espécie de prostituto? Do gênero masculino? E tudo isso em nome dos negócios?

Jessica o encarou com firmeza. Como Loukas ousava virar o sentido da conversa?

– Você estava conversando com dezenas de mulheres na festa do lançamento da campanha! – acusou quase aos gritos. – Sabe muito bem que sim. E qual foi a única mulher com quem não conversou? Eu. Mas agora compreendo por que fez isso. Estava me escondendo de todos como se eu fosse um segredo sujo, não é verdade? Agiu naquela festa como se mal me conhecesse. Como se fôssemos estranhos um para o outro!

Loukas franziu a testa.

– Agi assim porque não achei que nenhum de nós dois estivesse pronto para revelar nosso envolvimento e enfrentar o público naquele momento. E, sim, conversei com muitas mulheres naquela festa, mas isso não lhe dá o direito de concluir de modo automático que estava planejando dormir com todas elas.

Jessica cravou os olhos nos dele e murmurou:

– Não queria dormir nem mesmo com Maya? – acusou com voz ferina.

– Maya? – repetiu ele como se fosse um eco e sem expressão, até que seu rosto se iluminou com a compreensão do que Jessica estava querendo insinuar. – Ah, Maya. Está se referindo à minha ex-

amante? Por quê? Gostaria que eu a tratasse mal ou, pior ainda, fosse tão rude a ponto de ignorar sua presença na festa? – Fitou Jessica com severidade. – Esse não é o tipo de comportamento que esperaria de uma dama com tanta classe quanto você, Jess.

Seu sarcasmo a atingiu como se fosse uma bofetada em pleno rosto, mas Jessica continuou a fitá-lo sem desviar sua atenção.

– Você me contratou por diferentes motivos. – Ela deixou escapar com voz tensa. – Porém, tenho a nítida impressão de que o maior e mais importante deles foi o fato de que desejava me dar o troco. Porque, na verdade, nunca me perdoou totalmente por tudo que aconteceu no passado. – Ergueu a mão como se antecipasse a reação dele. – E, por favor, não venha me dizer que sou tola, Loukas, ou que estou imaginando coisas. Você fez isso. Sabe que é a verdade.

Fez-se uma longa pausa antes que ele respondesse. Mas, primeiramente, Loukas respirou fundo e aquiesceu com um gesto de cabeça muito vagaroso.

– Talvez tenha pensado assim logo no início – concordou em um murmúrio –, mas as coisas mudam, Jess... Só você parece não mudar e continua cega para o que acontece ao seu redor. Você só enxerga o que é superficial, nunca ousa arranhar a superfície para descobrir o que há mais no fundo, não é verdade? – Tornou a inalar o ar nos pulmões como se escolhesse as palavras certas para prosseguir. – Quando voltamos a nos ver depois de todos aqueles anos, concordo que de início senti uma mistura de raiva e desejo. E se quer saber da verdade nua e crua, pensei que se a levasse para a cama e me fartasse de você, seria fácil então esquecê-la de uma vez por todas.

– Iria me esquecer dormindo comigo? – Ela exigiu esclarecer.

– *Neh...* Sim. Dormindo com você. – Loukas riu de modo cínico. – Na verdade, dormir nada tinha a ver com a história. Queria você bem acordada e muito presente. Desejava voltar a fazer coisas que jamais conseguira esquecer e isso significava tornar a fazer sexo com você. Mas você foi minha adversária o tempo todo, impedindo minha vingança. Você não caiu simplesmente nos meus braços mesmo que eu soubesse que era isso o que mais desejava. Você me fez voltar a conhecê-la como pessoa e perceber que...

– Perceber o quê? – incentivou ela.

– Não tem importância. – Loukas balançou a cabeça com força e agora sua voz se tornara muito fria, como o brilho gelado de seus olhos. – Nada de tudo isso importa. Não interessa que eu tenha feito a sua vontade...

– *Feito a minha vontade?* – repetiu Jessica com indignação.

– *Neh.* Tratei você como um cristal e com luvas de pelica – resmungou Loukas. – Fui cauteloso e cuidadoso. Deixei meus negócios nas mãos de outros e vim morar com você porque sei que não gosta de Londres, mas, mesmo assim, não foi o suficiente, não é verdade? Porque nada é suficiente para você nem a satisfaz, Jess. Não pensou duas vezes para imaginar o pior a meu respeito, para ter um motivo e não confiar em mim, nas minhas palavras e minhas atitudes. Um motivo para me mandar embora e voltar a se trancar, com toda a sua beleza e seu calor escondidos por trás da fachada fria e distante que sempre mostra para o mundo.

– Loukas...

– Não! – Ele fez um gesto impaciente como a pedisse que se calasse. – Não pretendo passar o resto de minha vida andando na ponta dos pés em volta de você, tentando não perturbá-la nem

aborrecê-la, enquanto você imagina sempre o pior a meu respeito. – Respirou fundo e prosseguiu: – Quer saber de uma coisa? Acredite no que quiser, porque para mim já acabou. E acabei com você.

Seu tom de voz era brusco e Jessica apenas ficou ali parada olhando e imaginando o que ele estava fazendo, e então percebendo que Loukas tirava as chaves do bolso da jaqueta e se preparava para partir.

Estava se preparando para ir embora, só que, dessa vez, a expressão em seu rosto dizia para Jessica que nunca mais regressaria.

– Loukas – chamou ela de novo com as pontas dos dedos sobre a boca em uma atitude de horror, porém a palavra sussurrada com tanta emoção não o deteve ou relaxou a expressão de pedra de seu rosto. Loukas já abria a porta da frente e o vento gelado de março entrou sibilando enquanto ele saía, fazendo a temperatura na sala baixar vários graus.

Jessica lembrou que Loukas a chamara de fria, e, de fato, não se sentia apenas fria, mas *gelada*, paralisada o suficiente para imaginar que estava encarcerada em um bloco de gelo. E então ouviu a porta do carro bater e o som do motor sendo ligado. Virou a cabeça a tempo de ver o veículo passar sobre a grama e atingir a estrada de terra batida com o perfil de pedra de Loukas surgindo em meio à poeira.

Loukas estava partindo.

Ele estava partindo para sempre.

– Loukas! – Jessica tentou gritar com a voz embargada e correndo para fora de casa enquanto seu grito ficava preso na garganta e só o vento a ouvia. E se Loukas chegara a ouvir alguma coisa, sem dúvida não achara que fosse um motivo importante para parar o carro. E, se a via nesse momento, também não parecia fazer a menor diferença, porque o carro continuava a avançar estrada a fora.

Jessica sacudiu os braços no ar e começou a correr atrás dele. Correu como havia muito tempo não fazia. Sentia-se como se estivesse correndo na quadra de tênis atrás de uma bola que, bem sabia, jamais alcançaria, entretanto...

A última vez que isso acontecera, ela rompera o ligamento cruzado do joelho e terminara sua carreira em um triste piscar de olhos, mas, dessa vez, não conseguia se mover de maneira tão rápida como fizera quando adolescente e, por fim, seus passos se detiveram quando quase perdia o equilíbrio e caía ao solo. Jessica refletiu que, dessa vez, só rompera seu coração, e a dor era mais intensa ainda do que fora a dor física de anos atrás.

Caindo de joelhos sobre o solo úmido, enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar; soluços altos saíam de algum lugar de seu íntimo até terminarem em gemidos de dor.

Chorava por causa da própria estupidez e timidez, pela sua falta de coragem para perseguir algo que, compreendia agora, era insubstituível. Ela poderia ter mantido Loukas ao seu lado. Ela, o único homem que já amara na vida. Porém, fora orgulhosa demais, e idiota e medrosa demais para se desembaraçar dos sentimentos inúteis e correr atrás de seu grande sonho. Tivera medo demais de ser magoada e assumir os riscos de amar, quando todo mundo sabia que o amor jamais chegava sem certa dose de risco e de sacrifício.

Assim pensando, sentiu as lágrimas quentes escorrerem pelos seus dedos enregelados e logo secarem com o vento rio. E quando ela começou a tremer sem parar, soube que não poderia ficar ajoelhada ali na estrada deserta para sempre. Com os dentes chacoalhando como castanholas,

Jessica se levantou devagar, firmou os dois pés no chão e piscou diversas vezes para afastar as lágrimas que ainda escorriam pelas suas faces. Estreitou os olhos e concentrou a visão lá adiante. Viu a sombra escura de um carro que parara no alto do penhasco. Seu coração também quase parou no peito.

Era o carro de Loukas, sem dúvida nenhuma. Jessica piscou de novo para se assegurar que seus olhos molhados não estavam lhe pregando uma peça, porém, sem a menor sombra de dúvida, tratava-se do carro *dele*. Isso significava que Loukas ainda estava ali perto e que não partira definitivamente.

Ele não fora embora.

Com as pernas trôpegas, ela começou a correr, a cada instante esperando ver o carro desaparecer na distância em uma nuvem de poeira e com o motor roncando como uma fera ferida. Entretanto, isso não aconteceu e suas passadas se alongaram, seu hálito e a respiração entrecortada formando nuvens de vapor no ar gelado. Jessica começou a implorar em silêncio, a boca aberta, mas sem emitir nenhum som. *Por favor, não vá embora. Por favor, eu lhe peço que só me dê mais uma chance. Prometo que jamais o decepcionarei outra vez.*

Já sem fôlego, ela por fim chegou até o carro. Loukas estava dentro em completa imobilidade, os olhos fixos à frente, até que Jessica começou a bater no vidro da janela e ele girou a cabeça para fitá-la. Seus olhos negros pareciam duas pedras de tão frios e sem emoção, enquanto suas feições sombrias eram totalmente misteriosas e nada deixavam transparecer. Jessica refletiu que, nos últimos tempos, Loukas nunca se mostrara tão carrancudo. Ela lembrava-se da noite quando estivera exausta e decepcionada em Veneza. Quando ele a colocara na cama e lhe dera queijo derretido na colher para animá-la. Quando a fizera se sentir a salvo, em segurança e apreciada, além de desejada, e o coração de Jessica quase estourara com uma imensa sensação de amor e ternura.

– Não vá – implorou com a voz abafada pelo vidro fechado da janela do carro. – Por favor, não vá embora.

Loukas nada disse, mas retirou a chave da ignição e desceu do carro. Depois, inclinou a cabeça para fitar Jessica por um longo momento, e então a sombra de um sorriso surgiu em seus lábios sensuais.

– Não estava indo embora – disse. – Não planejava ir a nenhum lugar. Só estava dando um tempo para esfriar a cabeça e as ideias antes que dissesse alguma coisa da qual pudesse me arrepender depois.

– Ah, Loukas! – exclamou Jessica ainda com a voz abafada por ter chorado e soluçado tanto.

Porém, enquanto Loukas a fitava, Jessica percebia que algo maior a fizera chorar tanto. Refletiu que Loukas desejara ver se ela viria atrás dele, e isso acontecera. Queria lhe mostrar que ainda era poderoso, necessitava fazer com que Jessica compreendesse que podia confiar nele, porque, sem confiança, jamais existiria o verdadeiro amor. E, principalmente, Jessica sentiu que ele também não podia mais se controlar.

– Não fui embora nem tinha a intenção de ir, Jess, porque o que desejo na verdade dizer é que a amo – murmurou com simplicidade. – Amo você. De maneira completa, absoluta. E para todo o sempre.

– Ah, Loukas! – exclamou Jessica, lançando os braços em volta do seu pescoço e apertando o rosto frio de encontro ao rosto dele. – Sinto exatamente o mesmo a seu respeito. Amo você do fundo de meu coração. Demais. E provoquei tanta confusão com medo de demonstrar meu amor.

– Então me mostre – pediu ele com ênfase. – Mostre-me agora. – E quando, por fim, Jessica ergueu o rosto para ele, seus olhos brilhavam como joias enquanto Loukas pousava os lábios sobre os dela.

O beijo principiou com suavidade e foi se intensificando, a cada instante se tornando mais profundo. Ele a beijou até que os dois ficaram sem fôlego, e quando Loukas se afastou um pouco, ambos sorriam, como se acabassem de se permitir ver alguma coisa que sempre estivera ali, na sua frente.

Loukas a fez entrar no carro, afivelou o cinto de segurança, enveredou pelo caminho de volta, e quando parou do lado de fora do chalé, segurou a mão de Jessica e a conduziu para dentro. Depois ele mesmo preparou um café e retirou as mechas de cabelo úmido de seus olhos, quando só então Jessica percebeu que se sentava no colo dele no sofá da sala de visitas, e que Loukas a fitava com ar grave.

– Mas há coisas que devemos esclarecer antes de continuarmos – murmurou ele.

– Hummm? O que disse? – perguntou Jessica com ar sonhador, a cabeça apoiada no ombro dele.

– Apenas para seu conhecimento, sei que você não é nem nunca foi uma garota de cidade grande – declarou ele. – E não precisa ser, não faço a mínima questão disso, porque tudo que desejo é me casar com você e constituir um lar ao seu lado. Onde será esse lar depende inteiramente de você.

– Loukas...

– Não, Jess – interrompeu ele. – Primeiramente, ouça tudo que tenho a lhe dizer. Faço questão de que você saiba que não estou dizendo todas essas coisas como uma reação ao que acabou de acontecer entre nós. Quero que compreenda que tenho pensado sobre isso e desejo isso há muito tempo.

Ela arregalou os olhos sem poder acreditar, e exclamou:

– Tem pensado nisso? Está falando sério?

– Sim, é a pura verdade. Quando estava em Londres, conversei com meu irmão a esse respeito, e de uma maneira como nunca conversei com ninguém na minha vida. De coração aberto e sem subterfúgios. – Loukas sorriu. – Exceto, talvez, com você algumas vezes. Então disse a ele que estava apaixonado por você, mas que achava que você tinha medo de assumir o amor porque ficava me afastando todas as vezes em que eu tentava me aproximar e me abrir.

Jessica fungou diversas vezes, quase chorando de novo. Depois perguntou com voz tímida:

– E o que foi que seu irmão disse? Qual a opinião dele a nosso respeito?

– Ele disse que, no íntimo, as pessoas sentem medo do amor porque reconhecem que ele tem o poder de magoar mais do que qualquer outro sentimento, e que não existem garantias na vida contra o sofrimento.

– Quer dizer que nada na vida é seguro?

– Absolutamente nada – concordou ele, e agora Jessica podia ver a dor nos olhos negros de Loukas. – Porém, você e eu sabemos como é importante enfrentar as adversidades sem medo.

Aconteceram coisas para nós dois que tornaram difícil acreditar no amor e na felicidade, mas, agora, sei que é possível perseguir uma vida feliz e boa ao lado de quem se ama de verdade. Sei que nós dois queremos que esse relacionamento dê certo mais do que já desejamos troféus ou dinheiro no banco ou propriedades e carros. – A voz de Loukas se tornou muito profunda. – Pelo menos sei que penso assim.

– E eu também penso assim. – Jessica se apressou a afirmar com a voz trêmula e rouca, e que prenunciava novas e sentidas lágrimas.

– Porque, no final de tudo, o amor é a única coisa que importa, e é vital que saibamos disso e cultivemos esse sentimento entre nós dois. – Assim dizendo, Loukas enfiou a mão no bolso e retirou de lá uma caixa de cor fúcsia muito conhecida de Jessica, e com um laço que era a marca registrada da Lulu. – E, por tudo isso, quero perguntar se deseja ser minha esposa.

Jessica engoliu em seco, perguntando:

– Comprou um anel para mim antes mesmo de vir até aqui? Antes mesmo de termos conversado? – Ela quis saber sem crítica na voz, apenas surpresa.

A expressão no rosto de Loukas era grave ao responder:

– Bem, você sabe que tenho o privilégio de poder escolher entre as melhores joias do mundo.

Assim dizendo e quase ao mesmo tempo, ele abriu a tampa da caixinha e Jessica piscou diversas vezes cada vez mais surpresa. Esperara sentir a visão ofuscada pelo brilho de diamantes, mas tudo que jazia sobre o veludo azul era uma minúscula argola de metal, do tipo usado nas latas de refrigerantes com um anel na ponta para que se enfiasse o dedo e se puxasse.

Jessica fitou Loukas sem nada entender e procurando uma explicação para tudo aquilo. Por fim, um leve sorriso divertido surgiu em seus lábios e ela murmurou:

– E esse é meu anel de noivado?

Loukas deu de ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo.

– Tudo que via na minha frente parecia tão comum e óbvio. Águas marinhas para combinar com a cor de seus olhos ou diamantes para igualar sua beleza clássica, ofuscante e fria? Com um verdadeiro império de pedras preciosas à minha disposição, não conseguia me decidir por nenhuma joia... e, além do mais, creio que a moda hoje em dia é deixar que as mulheres escolham o que desejam de verdade sem que fiquem constrangidas pelas escolhas masculinas. Afinal, um anel de noivado é algo muito pessoal, não?

– Coloque no meu dedo – disse Jessica com coragem, e quando ele deslizou o aro de metal sem nenhum valor financeiro no dedo dela, Jessica percebeu que a mão dele tremia. Refletiu que o tremor dele se igualava ao que ela sentia agora, e achou graça, porque, no passado, as mãos firmes de Loukas Sarantos eram sua marca registrada, e as dela também quando jogara tênis e quase se tornara uma celebridade mundial.

Porém, mesmo com esse pensamento, Jessica sorria enquanto segurava o rosto dele entre as mãos e encostava a face na sua.

– Tem razão. Não quero seus diamantes – murmurou de encontro ao seu ouvido. – Você é tudo que desejo na vida, sinceramente. Quero seu amor e seu comprometimento comigo. Isso para mim é mais precioso do que todas as joias do mundo. – Beijou-o de leve no rosto e prosseguiu. – Porque

desejo que saiba que o amo, Loukas Sarantos, sempre amei e sempre amarei. E, contrariando o ditado popular, um diamante não é para sempre. O amor sim.

EPÍLOGO

— **ESTÁ FELIZ?** – perguntou Loukas, roçando a boca no ombro nu de Jess e sentindo que se arrepiava de puro prazer e felicidade.

Girando a cabeça para fitá-lo, ela o presenteou com seu mais brilhante sorriso.

– Totalmente feliz – murmurou com um suspiro que vinha do fundo de sua alma.

– Tem certeza? – insistiu ele, porque adorava vê-la feliz e falando dessa imensa felicidade.

– Como poderia ser diferente? – replicou Jessica, passando um dedo devagar pelos lábios dele e fazendo o contorno como se estivesse esculpindo uma obra de arte. – Você é meu marido e eu sou sua esposa. E grávida.

Ele viu como os olhos dela faiscavam de alegria ao dizer essas simples palavras, que o deixaram ainda mais feliz. Poder ler tão bem os pensamentos de Jess o deixava radiante. E o modo como ela ficava contente com isso nos últimos dias o encantava ainda mais. Loukas sabia que não era possível mudar o que acontecera de um dia para o outro, era preciso lutar muito e trabalhar por isso. Sem sacrifício... Não havia recompensa nem bons resultados.

Entretanto, quando se obtinha essa recompensa...

Ah, a recompensa!

Suspirou de felicidade enquanto fitava pela janela o resplandecente sol da Grécia que começava a surgir em toda a sua magnitude vibrante, parecendo um disco vermelho, cor de laranja e amarelo. Os alvoreceres mais deslumbrantes que Loukas já vira na vida eram ali, na ilha onde nascera e de onde fora arrancado ainda bebê e jovem demais para recordar suas areias brancas e finas como pó ou o mar cristalino e azul mundialmente conhecido por sua beleza e que inspirara o nome dado para a ilha.

Mas agora Loukas conseguia se recordar de tudo.

Kristalothos era um dos lugares mais bonitos que já conhecera no mundo, embora, de início, tivesse relutado em voltar para lá, pois simbolizava uma época sombria e triste de sua vida. Porém, com delicadeza, Jessica o persuadira a visitar a ilha porque seria uma maneira saudável de exorcizar os fantasmas do passado e deixá-los descansar para sempre, já que uma nova era nascera na vida dele.

A primeira viagem de volta à ilha fora feita com seu irmão gêmeo, Alek. Apenas os dois. Haviam permanecido de pé fitando o hotel de luxo que substituíra a fortaleza onde Alek crescera. A antiga construção fora demolida até os alicerces e agora, ressurgira como um hotel grandioso e sofisticado, pleno de luz, e não de sombras.

Os gêmeos haviam nadado, pescado e ouvido as garças noturnas que se reuniam em volta da baía. E haviam trocado confidências noite a dentro, enquanto tentavam pôr em dia conversas impedidas por trinta anos de desconhecimento mútuo.

Depois Loukas voltara para casa e para Jess e contara para ela que a ilha era um verdadeiro paraíso. E quando ela sugerira que passassem parte da lua de mel ali durante sua excursão pelas ilhas gregas, Loukas concordara sem perda de tempo. Estava ansioso para mostrar para sua amada o lugar onde nascera e compartilhar suas belezas com ela. Aliás, queria compartilhar tudo na vida com sua Jess.

Retornando ao momento presente, fitou a aliança de casamento de platina e diamantes que reluzia no dedo da esposa. Fora o casamento mais maravilhoso do mundo... Em especial para um homem que sempre tivera horror a casamentos. Mas Loukas adorara o seu, vibrara ao fazer os votos solenes no altar e declarar para o mundo que Jessica Cartwright era sua na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Sempre fora sua, e assim seria até o dia em que exalasse seu último suspiro.

Hannah fora a dama de honra de Jess, resplandecente em um vestido azul de seda que enfatizava o bronzeado obtido durante um ano inteiro viajando pelo mundo e angariando experiências depois da escola e antes de ingressar na faculdade. Hannah estava radiante de felicidade, pois teria agora um irmão mais velho como sempre sonhara. Loukas podia ser seu cunhado, mas também seria um irmão com certeza.

Alek fora padrinho de Loukas e sua esposa, Ellie, fora a madrinha de Jess. E seu jovem filho, que recebera o nome de Loukas em homenagem ao tio, fora o destaque do dia trotando pela nave da igreja como pajem logo à frente da noiva.

Uma das primeiras providências que Loukas tomara fora terminar com o contrato de aluguel da suíte no Vinoly, avisando Jess que estava preparado para trabalhar o maior tempo possível na parte oeste do país caso ela desejasse de fato viver ali.

Porém, Jessica mudara tanto quanto ele. Não desejava ficar um segundo sequer longe do marido a não ser que fosse absolutamente necessário, e concordara em morar em Londres contanto que pudessem ter um jardim em sua casa.

Então ali estavam agora em Hampstead, não apenas com seu jardim particular, mas com uma extensa charneca ali perto onde muito em breve poderiam levar seu filho ou sua filha no carrinho de bebê que já haviam comprado e que era grande, com rodas enormes e muito à moda antiga.

– Você está?

A voz suave de Jess o fez interromper o fio dos próprios pensamentos, e Loukas se espreguiçou de maneira indolente enquanto encontrava o olhar dela que parecia curioso.

– Estou o quê? Desculpe, não ouvi, querida.

– Perguntei se está feliz – repetiu ela com um sorriso paciente.

Foi a vez de Loukas sorrir enquanto apoiava a mão no ventre da esposa, que ainda não traía nenhum indício de gravidez e continuava liso e sem protuberância. Ergueu o rosto e encontrou o brilho dos olhos cor de água-marinha de Jessica.

– Amo você, Jess Sarantos – respondeu. – Amo-a mais do que poderia imaginar ser possível e jamais poderei amar outra pessoa dessa maneira. Além disso, agora você é minha esposa. Isso responde sua pergunta?

– Sim, responde – murmurou ela, contorcendo-se toda satisfeita enquanto o marido continuava a acariciar seu ventre com o mesmo movimento sedutor e circular. Jessica fechou os olhos. – Humm. Isso é gostoso. Faz ideia do que gostaria de fazer hoje?

– Mais ou menos a mesma coisa que fizemos ontem – respondeu ele, pronunciando as palavras de modo lento e premeditado, com a voz quente e rouca, e, em seguida, beijando os lábios de Jess.

– Exatamente a mesma coisa para sempre.



UMA NOVA PROPOSTA

Kate Hewitt

– Tem alguém esperando para falar com o senhor.

Leo ergueu os olhos do seu laptop ao ouvir a voz de sua secretária, Elena, que estava de pé, na porta do seu escritório, na sede das empresas Marakaios. Ele estava lidando com alguns números envolvendo um grande negócio com uma rede de restaurantes norte-americana, e demorou um pouco para processar as palavras de Elena.

– Alguém? – ele perguntou. – Quem é?

– Uma mulher – ela respondeu. – Ela não disse o nome, mas disse que é urgente.

Leo franziu a testa. O seu escritório ficava no centro da Grécia, no meio do nada... como a própria Margo um dia lhe dissera. E ele nunca recebia visitas por ali. Nunca.

– E por que ela não lhe disse o nome? – ele perguntou, levantando-se da sua poltrona.

– Não sei. Mas ela está muito bem-vestida e fala muito bem. E eu imaginei que, talvez...

Elena ficou muda, corada, mas Leo entendeu sua mensagem. Ela imaginou que poderia ser uma de suas amantes. Mas a verdade é que ele estava há meses sem nenhuma amante... desde a última vez que vira Margo. E por algum motivo ele duvidava que Margo pudesse viajar à Grécia para vê-lo. Aliás, ele sorriu ao pensar nisso. Há meses não a via... havia se passado quatro meses desde aquele dia em que saiu do apartamento dela, após terem feito amor, com o anel de noivado no bolso. Quatro meses depois que ele terminara tudo. Esse capítulo da sua vida estava encerrado.

– Seja lá quem for essa mulher, Elena, é muito estranho que não tenha dito qual é o seu nome.

– Ela parece muito insistente...

Suspirando, Leo caminhou até a porta.

– Eu vou ver quem é – disse ele, saindo rapidamente do escritório. E quando chegou à recepção viu quem era a mulher que estava de pé por ali, entre os sofás de couro e as mesas baixas.

Seu coração pareceu parar de bater dentro do peito. Uma raiva gélida tomou conta do seu corpo, deixando-o paralisado.

Ele cruzou os braços.

– Se eu soubesse que era você, teria pedido a Elena que a mandasse embora.

– Leo, por favor... – disse Margo, baixinho.

Ela parecia aterrorizada... com os olhos fundos e escurecidos. Margo vestia um casaco de lã preta que deixava sua pele, já naturalmente pálida, ainda mais pálida.

Leo franziu a testa.

– O que você quer? – ele perguntou.

– Eu quero conversar com você – ela respondeu, olhando para Elena, que voltara à sua mesa e fingia estar ocupada, mas claramente escutava tudo o que era dito por ali. – A sós.

Leo abriu a boca para lhe dizer que eles não tinham nada a dizer um ao outro, mas depois parou. Ele não queria ter aquela conversa em público... não queria que ninguém, nem mesmo sua secretária, ficasse sabendo de seus assuntos privados.

Com um movimento tenso de cabeça, ele indicou o corredor, dizendo:

– Vamos ao meu escritório.

E sem esperar que ela passasse na sua frente, ele girou o rosto e começou a caminhar em direção à sua sala. Depois ficou observando a aproximação de Margo, e fechou a porta quando ela entrou. Margo parecia morta de cansaço, como se tivesse sido atingida por uma forte rajada de vento.

– Você não parece estar muito bem – disse ele, sem emoção em seu tom de voz.

Ela o encarou, com um sorriso amarelo no rosto.

– Eu não estou me sentindo muito bem. Você se importa que eu me sente?

Ele apontou para uma das duas cadeiras à frente da sua mesa, e ela se sentou, deixando escapar um suspiro de alívio.

– Então? – perguntou Leo, querendo adiantar a conversa. – O que você quer?

Ela o encarou, e Leo sentiu um choque, uma coisa estranha, ao ver a resignação estampada nos olhos de Margo. Ela não era assim, não mesmo... Margo sempre foi uma mulher elegante e de pura sofisticação. Aquela era mulher era alguém diferente... uma Margo que parecia ter perdido o lustro.

– Leo – disse ela, baixinho –, estou grávida.

Próximos lançamentos:

PAIXÃO 470 – AMOR REAL – CATHY WILLIAMS

Milly passou uma noite mágica ao lado de um desconhecido. Na manhã seguinte, ficou estarrecida ao descobrir que ele era um bilionário. Agora, Lucas Romero está decidido que Milly é a mulher perfeita para ele. E fará de tudo para conquistá-la.

PAIXÃO AUDÁCIA 002 – REDENÇÃO DO PECADO – ANNIE WEST

Minissérie – Os Sete Pecados Sensuais – Segunda Temporada 2/4

Flynn Marshall possui duas das três coisas que sempre quis: uma empresa multimilionária e a aceitação da alta sociedade. Já a terceira, ele só conquistará se conseguir levar Ava Cavendish para o altar.

PAIXÃO ARDENTE 002 – UMA NOVA PROPOSTA – KATE HEWITT

Minissérie – Os Irmãos Marakaaios 2/2

Ter um caso com Leo Marakaaios é como dançar com o perigo. Mas Margo acredita conseguir acompanhar cada passo sensual... até Leo pedi-la em casamento!

Próximos lançamentos:

PAIXÃO 471 – DIAMANTE DE CONVENIÊNCIA – MAISEY YATES

Para Victoria, só há um jeito de recuperar a empresa da família: casando-se com o ex-lutador Dmitri Markin. Porém, para que ele aceite sua proposta, Victoria terá aceitar todas as suas exigências...

PAIXÃO AUDÁCIA 003 – BODAS DE UM PECADOR – MAYA BLAKE

Minissérie – Os Sete Pecados Sensuais – Segunda Temporada 3/4

Para salvar sua família da vingança implacável de Zaccheo, Eva Pennington aceita sua proposta de casamento. Ela achou que seria apenas conveniência, até Zaccheo exigir que o matrimônio seja real... em todos os sentidos.

PAIXÃO GLAMOUR 003 – ESSÊNCIA DO DESEJO – ABBY GREEN

Ao conhecer o rei exilado Alix Saint Croix, Leila Verughese fica deslumbrada... e decide entregar sua inocência para ele. Contudo, essa noite trará consequências que mudarão a vida de ambos para sempre!

PAIXÃO ARDENTE 003 – LAÇOS DE SANGUE – CAITILIN CREWS

Minissérie – Sheiks e suas Noivas Ousadas 1/2

O sheik Rihad al Bakri quer que a criança que Sterling McRae carrega seja criado como seu sucessor ao trono e não descansará até conseguir o que deseja. Contudo, ele não contava que a desafiadora Sterling abalaria suas estruturas.

PAIXÃO ESPECIAL 001 – OS IRMÃOS DE ANGELIS – CATHY WILLIAMS

Aliança da paixão

Theo De Angelis estava acostumado seguir as próprias regras. Até uma dívida familiar obrigá-lo a dar adeus aos seus dias de solteiro. Ele acreditava que Alexa Caldini não fazia seu tipo. Porém, ela logo conquistaria o coração desse poderoso magnata.

Mar de volúpia

Delilah ficou dominada pelo desejo ao conhecer Daniel De Angelis em um navio. Porém, retornar à terra firme a faz ter de encarar duas verdades: ele mentira sobre sua identidade... e ela estava grávida de Daniel.

K43t

Kendrick, Sharon
Tesouro escondido [recurso eletrônico] / Sharon Kendrick; tradução Angela Monteverde. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2016.
recurso digital

Tradução de: The ruthless greek's return
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-398-2104-4 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Monteverde, Angela. II. Título.

15-28581
CDD: 823
CDU: 821.111-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE RUTHLESS GREEK'S RETURN
Copyright © 2015 by Sharon Kendrick
Originalmente publicado em 2015 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ – 21042-235

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Texto de capa

Querida leitora

Teaser

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Epílogo

Próximos lançamentos

Créditos



Paixão GLAMOUR

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

Sharon Kendrick

Tesouro Escondido

